

Raimundo Erineu Melo

MEMÓRIAS OBLÍQUAS

Conversas ao pé do ouvido na terra do Padre Mororó



Editora
**SER
TÃO
CULT**
10 anos



Raimundo Erineu Melo

É cearense, escritor, engenheiro químico e advogado. Autor do livro "VIDAS EM DOIS ATOS" (romance). É Membro Correspondente da Academia Groairense de Letras (AGL), Titular da Cadeira nº 3, Patrona Joventina Alves Feijão, em Groaíras Ceará. Atualmente reside em Brasília - DF.

Raimundo Erineu Melo

MEMÓRIAS OBLÍQUAS

Conversas ao pé do ouvido na terra do Padre Mororó

Sobral - CE
2024

Editora

**SER
TÃO
CULT**

10 anos

MEMÓRIAS OBLÍQUAS - Conversas ao pé do ouvido na terra do Padre Mororó

© 2024 copyright by: Raimundo Erineu Melo.

Impresso no Brasil/Printed in Brazil



Editora
**SER
TAO
CULT**
10 anos

Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1138
Renato Parente - Sobral - CE
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222
contato@editorasertaocult.com.br
sertaocult@gmail.com
www.editorasertaocult.com.br

Coordenação Editorial e Projeto Gráfico
Marco Antonio Machado

Coordenação do Conselho Editorial
Antonio Jerfson Lins de Freitas

Revisão
Karoline Viana Teixeira

Diagramação e capa
João Batista Rodrigues Neto

Catálogo
Leigh Lima da Silva - CRB3/967

M528m

Melo, Raimundo Erineu.

Memórias oblíquas: Conversas ao pé do ouvido na terra do Padre Mororó. / Raimundo Erineu Melo. - Sobral CE: Sertão Cult, 2024.

142p.

ISBN: 978-65-5421-128-4 - papel
ISBN: 978-65-5421-129-1 - e-book - pdf
Doi: 10.35260/54211291-2024

1. Memória. 2. Groairas, CE. 3. Cultura Cearense- Groairas. I. Título.

CDD 981.31



SUMÁRIO

Prefácio I	9
Prefácio II	11
Apresentação	12
No Beco da folia é assim	14
O Primeiro Livro	19
Filomena	22
Maria dos Prazeres	25
À Procura da Felicidade	29
Ébrio Letrado	31
Asteroides à vista	34
Bichu Indígena	36
Caatinga – 28 de abril	39
Ardor pela vida	41
Laurinha	43
Carrego em mim essa criança	47
Cheiros Impactantes	49
Infância	50
Cresci	51
Ceará Cantado	52
Chega de Aparições	54
Bora Coisar	57
Diversão Garantida	59
Menino Peri	62
O meu avô e a sua aposentadoria	65
Mestre Neco	67
Groaíras	69
Por que a gente cresce e deixa de ser criança	70
O “Último” Pierrô	71
Ode à GRO-A-Í-RAS – 23 de maio	73

Primeiras Letras e Números	75
Nordestino	78
Dicionário Cearense	79
Como essa Terra é Sofrida	81
“O Cara de Branco”	84
Caminho Invertido	86
Campos Santos	88
Meu Ceará tem Língua Própria	90
“Lá no Zé Rufino tem”	92
Uma mulher empoderada – Dona Nonata Lira	94
O Vidente Antônio Feijão	97
Lá vem a Biruta	100
O Poço das Mulatas	102
O velho canoeiro e o meu pai	103
Aí tem bainha pra foice?	105
Casamento Coletivo	108
O que eu diria a meu pai	109
Carta ao pai ausente	111
A arte como ofício	112
Dona “Paróquia”	115
O divino e o profano	117
Cruzeiro Centenário	120
Sinais de pontuação em polvorosa	123
Arrelia – O gato preto da dona Etelvina	126
Caminho suave	129
Pecado original ameaçador	130
O café que não era nice	133
O Palhaço	136
Missa Solene	137



*Aos meus pais, Júlio Raimundo de Melo e
Joentina Alves Feijão*

“Lembrar é fácil pra quem tem memória, esquecer é difícil pra quem tem coração” — *William Shakespeare*.

“Como sou pouco e sei pouco, faço o pouco que me cabe me doando por inteiro” — *Ariano Suassuna*.

“O meu único medo é que amanhã possa morrer sem ter chegado a conhecer-me” — *Sadek Hedayat*.





Padre Gonçalo Inácio de Lóiola Albuquerque e Melo, o Padre Mororó. Patrono da cadeira 10 da Academia Cearense de Letras. Nasceu na povoação Riacho Guimarães, hoje Groaíras (CE), no dia 24 de julho de 1778. Filho do alferes Félix José de Sousa e Teodósia Maria de Jesus Madeira. Foi um dos mártires da Confederação do Equador (movimento revolucionário de caráter republicano e separatista ocorrido inicialmente em Pernambuco, alastrando-se para outras províncias do Nordeste do Brasil e que tinha como pressuposto combater o autoritarismo de Dom Pedro I e defendia a instalação da República no Brasil ao invés do Império). Fuzilado por determinação do próprio Imperador Dom Pedro I, no dia 30 de abril de 1825, na cidade de Fortaleza (CE), na Praça dos Mártires (Passeio Público).

De Riacho Guimarães a Groaíras

Groaíras localiza-se na região Noroeste do Estado do Ceará, na microrregião de Sobral e fica a 273,3 Km de Fortaleza. Tem uma população estimada de 11.000 habitantes, de acordo com o Censo de 2022.

Os primeiros relatos de sua criação datam em torno do ano de 1700, com a chegada à Ribeira do Rio Acaraú do português Alferes Lourenço Guimarães de Azevedo, proveniente da Ilha dos Açores. Estabeleceu-se com sua esposa, Maria Martins, brasileira, natural de Pernambuco, e toda a sua família. Fixaram residência numa fazenda e a denominaram de "Riacho Guimarães", julgando que as águas que passavam pelas terras da fazenda diziam respeito a um simples ria-

cho. Na verdade, era o Rio Groaíras, um dos afluentes do Rio Acaraú. Ao descobrirem a extensão daquilo que consideravam "riacho", após algum tempo, a antiga fazenda tornou-se Vila Guimarães e depois Vila Groaíras, até alcançar a condição de cidade.

A igreja matriz, antiga capela, foi construída em 1712 por Antônio Albuquerque Melo, genro de Lourenço Guimarães de Azevedo. Lourenço doou "cem braças de terra" para a construção da capela, tendo como padroeira Nossa Senhora do Rosário. A Paróquia foi criada muito tempo depois, no dia 12 de dezembro de 1943, pelo então bispo diocesano de Sobral, Dom José Tupinambá da Frota.

Riacho Guimarães foi sede de grandes fazendas de criação de gado e ponto onde se comercializavam os produtos da terra.

Em 1938, o distrito Riacho Guimarães foi promovido a vila com a denominação Vila Guimarães. O nome Groaíras somente foi oficializado pelo decreto 1114 de 30 de dezembro de 1943, ainda na condição de vila, a Vila Groaíras.

Somente chegou à categoria de município independente no dia 23 de maio de 1957, por força da lei 3.603, assinada pelo então governador do Estado do Ceará, Flávio Portela Marcílio.

O vocábulo "Groaíras" etimologicamente significa "mel de que os pássaros gostam" (tupi-guarani). É conhecida como a cidade dos três rios, pois abriga em suas terras o Rio Groaíras, o Rio Jucurutu e o Rio Acaraú.

É também berço do mártir da Confederação do Equador, Gonçalo Inácio de Loiola Albuquerque e Melo, alcunha de Padre Mororó, onde nasceu a 24 de julho de 1778. Mororó foi fuzilado na cidade de Fortaleza, a 30 de abril de 1825.

Atualmente, o município de Groaíras contempla, além da sede, o distrito de Itamaracá e "macrorregiões", como Boa Vista, Marrecas, Juá, Córrego dos Matos, dentre outras.





PREFÁCIO I



E numa sexta-feira, às 20h12, deparo-me com a provocação do conterrâneo Raimundo Erineu para escrever o prefácio do seu livro *Memórias Oblíquas*, uma coletânea de histórias com personagens reais da nossa cidade natal, Groaíras, Ceará.

Impulsivamente, disse sim sem nem ouvir o restante do áudio desafiador. Conhecedora da trajetória de vida do autor — estudioso, curioso, interessado, entusiasta, perguntador, observador, animado —, bem como do potencial na arte de escrever por ter interagido com boa parte dos personagens e histórias, não poderia me eximir da missão.

Toda história é uma busca. Há mais conteúdo numa história do que imagina nossa vã filosofia, principalmente quando trata de “lembranças enviesadas, diagonais e tortuosas, que vagam pelo tempo”, “de um período em que me considereei feliz”, “para preservar as pessoas que foram importantes e queridas para mim”, como afirma o amigo escritor.

O livro explicita a paixão do autor pelas vivências, sonhos, alegrias e tristezas de personagens da cidade, no sentido de homenageá-las num verdadeiro resgate ao registrar uma viagem através da memória.

Não tenho dúvida de que estas histórias alimentaram os sonhos e quotidianos do autor e de tantas outras crianças e adolescentes, cujos olhos se enchem de esperança e os corações, de coragem ao ouvi-las. Diferentemente dos personagens literários ou cinematográficos, quando o leitor/espectador costuma se colocar no lugar deles, a aventura aqui será real.

E para os que não vivenciaram o dia a dia groairense, a leitura permitirá sentir a saudade do que não viu e compartilhar o indizível.

Para obedecer ao critério de elaborar um bom prefácio, tenho que despertar a curiosidade do leitor, porém, sem *spoiler* (revelação antecipada de informações sobre um filme, série, livro, que a pessoa ainda não tenha visto), uma vez que o desconhecimento sobre o que contém o livro é o que impulsionará a sua leitura. E esta terá que

ser marcante, impactante e surpreendente! Que graça teria um jogo decisivo se soubéssemos de antemão qual seria o resultado?

Dessa forma, estimado leitor, as histórias estão a lhe esperar. O autor é um especial narrador que recupera, com excelência artística e esmero de atenção, as falas e saberes de cada personagem, desafiando-nos a permanecer ligados à realidade ao ler cada história.

Os textos conseguem nos deleitar, não apenas pelas particularidades, personalidades, individualidades e singularidades envolvidas, mas também por impedir que os fatos relatados cicatrizem e caiam no esquecimento.

E, por fim, no frigidar dos ovos, caro leitor, nós somos os personagens que Erineu Melo retrata no livro. Espero firmemente que nada o impeça de ler este livro imediatamente!

Liduína Aragão Matos Donato

Economista, teóloga, aposentada pelo Banco do Nordeste do Brasil S.A. Atualmente exerce o cargo de diretora do Lar Torres de Melo em Fortaleza, Ceará (instituição de longa permanência para idosos).





PREFÁCIO II



Era o primeiro dia de aula no curso de Engenharia Química, naquele fevereiro de 1978, quando conheci Raimundo Erineu. Os veteranos chegaram a nossa sala de aula a fim agitar e um dos primeiros a sofrer foi exatamente esse que se tornaria o grande amigo de todos os tempos.

Vivemos grandes momentos, sonhos. Ele se tornou bancário do Banco do Brasil, depois Brasília se tornou sua morada. Eu, professora, permaneci no Ceará, mas a amizade permanece até hoje. Agora recebo o convite para apresentar seu segundo livro, dessa feita, de contos. Ambos fazemos parte de academias de letras, cada um na sua terra natal.

Ele aprendeu a ler e a escrever cedo e ainda no tempo de faculdade pude apreciar algumas “criações” dele.

Alguns desses contos, como ele próprio narra, são histórias que aconteceram em Groaíras, passados de geração a geração por pessoas de credibilidade na cidade — claro, com um toque do autor. Eu tive o prazer de ler cada um e, de certa forma, infiltrar-me como observadora, acompanhando como se presenciasse, de fato, alguns acontecimentos e criações, talvez por conhecer a cidade dele e alguns nomes.

Compete ao autor contar e encantar através de suas histórias, dando vida a personagens, reais ou imaginários. Aqui registro minha satisfação em poder opinar sobre esta obra e meu agradecimento pelo convite.

Convido você, leitor, a se aventurar nesse universo de memórias e criatividade, a se emocionar, rir e até refletir sobre “causos” do interior do Ceará.

Maressa Vieira

Membro titular da Academia Limoeirense de Letras em Limoeiro do Norte (ALL)



APRESENTAÇÃO



A arte não possui um gênero, cor, estado ou adjetivações. É uma fervente caldeira abarrotada de memória. Vulcões em erupção. A qualquer momento, eles explodem e nos presenteiam com os seus ensinamentos. As experiências acumuladas rebentam em todas as direções, tornando o artífice tolerante e exigente. O escritor faz parte desse seletto grupo de artistas.

Certa vez, em uma entrevista, a escritora inglesa Virginia Woolf afirmou que todo artista é andrógino. E ela estava certa. Fazendo uma analogia, o escritor possui uma antena captadora de energia universal e pode escrever o que quiser.

Não existem livros escritos por “homens” ou “mulheres”, “doentes” ou “saudáveis”, por “homossexuais” ou “heterossexuais”. O que realmente importa é a mensagem que eles carregam.

Andrógino é uma palavra que pode ser tanto adjetivo quanto substantivo, comum de dois gêneros, embora o dicionário traga a palavra no masculino. Ela descreve características, traços ou comportamentos imprecisos, que estão entre o masculino e o feminino. O escritor se enquadra nesse perfil. Ele detesta a ideia de fatos únicos e busca expandir os conceitos que estão enraizados em uma perspectiva limitada.

Sendo assim, eu escrevi este livro, intitulado *Memórias Oblíquas*. São lembranças enviesadas, diagonais e tortuosas, que vagam pelo tempo. Não tenho a intenção de ser visto como “chato” ou “nostálgico”, mas, caso me chamem assim, eu até aceito de forma carinhosa. O que não admito é que me enxerguem como aquele tipo de pessoa que vive dizendo “no meu tempo tudo era melhor, sinto falta...”. Essa forma clichê de saudosismo me incomoda. Meu objetivo é retratar memórias de um passado em que tudo parecia ser valioso, como o ouro nas mãos do rei Midas. Quero preservar as pessoas que foram importantes e queridas para mim. Aceito, mesmo com algumas ressalvas, o meu tempo como o presente, esse cronômetro voraz que consome a respiração de forma ácida e, às vezes, até mesmo adocicada.

Os tropeços e sucessos do passado me tornaram vigilante e cauteloso. Não é porque eu tenha ouvido Mozart que eu deixe de apre-

ciar a música popular. E eu respeito a opinião daqueles que torcem pelos inúmeros desafios da pluralidade. E isso não me faz menos velho ou mais erudito, ou menos “chato”.

O escritor é um caso de insanidade anunciada. Estamos envelhecendo e, com isso, aprendemos a gostar de coisas que antes detestávamos. Quando criança, detestava chá de erva-cidreira e de malva-santa. Hoje, adoro os chás, principalmente em uma noite fria e chuvosa. Perder a vasta cabeleira ainda me faz hesitar em relação ao resto. Perde-se aqui, ganha-se ali. Aprendi a contabilizar esses resquícios sopesando perdas e ganhos. Então, saí por aí a contemplar o pó da estrada e a aguardar minha vez na fila.

O samba de raiz me deixou uma lição: “O importante é ser feliz e mais nada”. É o artista da música nos ensinando a viver. Todo mundo deseja a felicidade. Seja na América, na Lua, no Sol Nascente ou no Sol Poente. Não é uma tarefa fácil. Ter saúde, dinheiro e um bom emprego é um portfólio que todos desejam carregar. No entanto, nosso conjunto de desejos e ambições não possui medidas definidas. É tudo uma questão de prioridade.

Por esse motivo, organizei esses textos de um período em que me considereei feliz. Gostaria de registrá-los. Sou uma pessoa de extremos, com certa dose de bipolaridade. Não me sinto bem quando machuco o dedo em algum lugar e acredito que ninguém ache isso agradável. Odeio atrasos e conversa vazia. Esperar por cinco minutos me irrita. Gosto de escrever frases bem-acabadas com sujeito, verbo e predicado. Sinto-me truncado, às vezes, por causa disso. Jovens escritores! Por favor, escrevam novas fórmulas, novas inversões. Criem um novo estilo de poesia. Desenvolvam novas lágrimas de emoções. Sendo assim, peço desculpas se não corresponder às expectativas. Não tenho pressa...

O AUTOR

NO BECO DA FOLIA É ASSIM

Antiga foto da Rua Monsenhor Linhares em Groaíras Ceará.



Arquivos: Motinha e Vicente J. Rodrigues.

Vesti as calças apressadamente, enquanto ela, ainda solícita, me pedia para continuar. — Não posso Carminha, esqueceste que dia é hoje? Ela não deu muita bola para o calendário — o que ela queria era fornicar e nada mais. O calendário que explodisse. O mundo que acabasse. Os cabelos estavam em total desalinho. A pele respirava testosterona. A voz dela, meio adocicada, saía em entremeios e borbulhava em um êxtase de quero mais.

— Carminha, tu não estás escutando a banda tocar? — disse num tom de ordem militar. Ela nem se mexeu. Continuou a balbuciar palavras desconexas, virou-se meio desajeitada para o lado que eu havia saído e me chamou com a ponta dos dedos, cheia de dengos, e com aquela lascívia que só mesmo ela era capaz de evocar.

— Não posso voltar para a cama, hoje é terça-feira e a banda Tony Som já deu sinais de que a animação vai varar a madrugada. Fui até a janela para constatar. — Olha aqui, Carminha, como a avenida está animada! Parece que os blocos começaram a fanfarrar da madrugada.

Uma multidão se arrastava pelos becos vizinhos e engrossava a rua como quem enche uma tripa de linguíça. É muito bom morar no centro da cidade. Não há como fugir das principais comemorações. A Rua Monsenhor Linhares é a Avenida Brasil do Rio de Janeiro, a

Avenida São João de São Paulo, a Rua Sete de Setembro de Salvador, a Avenida W3 de Brasília. Tudo acontece na Monsenhor Linhares.

Apesar de todos os meus apelos, ela continua deitada. O telefone toca e Ronaldo me diz: — Como é que é? Você não vai descer? Já reservei uma mesa no Beco da Folia, prepara os ouvidos que a mesa fica bem próxima ao paredão. Respondi que estava praticamente descendo, mas minha companhia ainda estava em trajes de Eva, e não de maracatu. Ronaldo riu e retrucou sarcástico: — Pede pra essa putinha se apressar que a coisa aqui embaixo está esquentando. A voz de Ronaldo saía meio rouca e abafada. Acho que o barulho aumentava na mesma proporção em que os minutos se alongavam pela alameda da patuscada.

Corri ao banheiro para tomar uma ducha rápida. Afinal, a dengosa era meio que responsável pelo meu estado de decomposição. A Segunda-Feira de Carnaval me havia consumido por demais. Muito suor, muito lança-perfume, e muito não sei o quê. E ainda havia Carminha para me dilapidar. A mulher era uma fera na cama, para não dizer no cio. Chegamos na quitinete por volta das nove horas da manhã e a luta corporal teve início ainda nas escadas. A muito custo consegui colocar a chave na fechadura. Nem sei se fechei a porta pelo lado de dentro. Talvez não, continue aberta. A peleja continuou pelo corredor até desaguar na cama. Éramos dois comediantes lutando, desajeitados, sem palco e sem plateia.

A água da ducha estava fria. Sempre deixo a resistência do chuveiro no ponto “off”. O líquido frio retira as impurezas do pecado com mais precisão, desce em meio ao sabão com aquela sensação do dever cumprido. Não sei se vou dar um bolo em Carminha. Afinal, hoje é Terça-Feira de Carnaval. Agora só no ano que vem. Todos os dias de carnaval fico com uma parceira diferente. E não adianta reclamar. Ela sabe disso e essa tradição não quero interromper.

Ela aparece na porta do banheiro, cambaleando, deambulando como um bêbado equilibrista. Sorri para mim em trajes de Eva. Abre o box com aquela vontade do vendedor de pirulitos, um furinho por vez, devagarinho. Jogo um jato de água fria para ver se ela sai daquele estado de inanição. Ela retruca: — Pô, tu sabes que não gosto de água fria. Coloca essa porra no modo quente! Ela se interpõe entre mim e a parede do chuveiro e alcança o botão da ducha com agilidade. O líquido começa a esquentar com a velocidade da luz. Ela acorda e me abraça, voluptuosa.

— Temos que descer o mais rápido possível. Ronaldo já me ligou e disse que reservou uma mesa para nós. Ela não deu muita atenção ao que eu disse. Começou a me beijar, as mãos escorriam pelo meu corpo como um músico desbrava o tom mais suave do violão, desatando as cordas da volúpia. Ela sabia muito bem como fazer. Em poucos minutos, estávamos prontos para mais uma sessão de luta corporal. De onde vem tanta energia dessa deusa Afrodite?

O telefone toca novamente. Desta vez não tem como atender. Há coisas mais urgentes a serem feitas. A folia pode esperar um pouco mais. O interfone toca. — Merda! Será que não se pode fornicar sossegado? O barulho na Monsenhor Linhares só aumenta. E o ruído da rua se mistura aos ruídos de Carminha, audaciosos. Parece um maestro regendo uma orquestra em ascensão nas notas musicais. Até que ela para e eu também. Paralisamos de forma orquestrada, como quem sincroniza uma corrida ou obedece ao comando de um coral. Viramos para o lado como a pedir socorro ao sono.

Passaram-se alguns minutos e o telefone toca mais uma vez. Tatee com a mão direita à procura do celular que estava sobre o console. Leny parecia meio preocupada — Poxa Edu, estamos te esperando há horas. Ceci, Bel, Cíntia, todas estão aqui vendo o maracatu passar. Não esquece de pôr a máscara. A minha tem aquelas listras amarelas próximas aos olhos. Dá para reconhecer facilmente. Desce logo. Tocamos o interfone e nada.

— Quem é essa Leny, eu conheço? Carminha é desconfiada. Diz ela que não tem ciúmes, mas no fundo toda mulher sente ciúmes de seu parceiro, mesmo que não haja um contrato de exclusividade.

Descemos. Mascarados.

Não levou muito tempo para encontrarmos a turma toda na mesa reservada por Ronaldo. De longe avistei Leny com a mão erguida em minha direção e as listras amarelas de sua máscara a piscar no lusco-fusco do neon do carro de som. O maracatu fazia apresentação no beco seguido de outros foliões, todos mascarados. A máscara tem o dom de exercitar a criatividade. Inspira o carnavalesco, dá a força necessária no *glamour* e provoca ares de mistério entre os participantes.

Começamos a dançar e a beber uísque revezando com vodca. Ceci sugere a troca de pares. Carminha me cutuca, não estava gostando da brincadeira. Mas, afinal era Terça-Feira de Carnaval. E agora só no ano que vem. Em pouco tempo ela sumiu do meu círculo de observação. ...Enfim, hoje é carnaval.



Rodopiei no cordão que se formou e dei de cara com uma máscara atrevida que me desafiou, como quando um repentista provoca outro a um duelo. O disfarce cobria apenas os olhos. O sorriso me enfeitiçou. Fiquei vidrado naqueles dentes branquinhos e limados, certinhos como uma fileira de soldados de mesmo tamanho. Podia ver o céu da boca e a língua nadando em mar revolto, louca para ser salva em alto mar. Encostei o rosto próximo àquela gruta de prazer. E quanto mais me encostava, mais sentia arrepios próximos àqueles caninos deslumbrantes. Sussurrei em seu ouvido e a chamei de ícone. Olhei para os lados, a fim de ver se conseguia distinguir a máscara de Carminha. Nada. Hoje é Terça-Feira de Carnaval, pensei.

O uísque e a vodca me faziam ousado diante daquele monumento de perdição. O artifício do ícone combinava com a roupa. Era um conjunto deslumbrante. Um short na altura das coxas, cheio de plumas e lantejoulas combinado com um bustiê decotado, salpicado de paetês brilhantes e fosforescentes. Uma vez meu pai me falou que foi a um baile de fantasia e dançou com uma garota com aparência de leoa. A máscara de meu pai era de um gato selvagem. Papai pediu no meio da dança para que a parceira tirasse o artefato para ele ver seu rosto. A garota saiu da dança e não voltou. Fiquei com medo de pedir para o ícone tirar a máscara. Seria um desafio e uma desconfiança sem perdão. Não, não podia ser que um combo tão bem apresentado pudesse me decepcionar de alguma forma. O correto seria continuar com aquele perfume embriagador, aquela máscara enigmática e aquela boca sedutora.

Quando sorria, o ícone escancarava a boca, dava até para ver o palatino avermelhado e ameaçador. Aí eu me excitava como quem mostra um pedaço de carne a um cão faminto. E pedia em seu ouvido para que ela risse mais e mais. E ela ria à beça.

— Estou meio tonta e com vontade de dar um tempo fora da folia — sussurrou o ícone bem junto a meu ouvido. Uma descarga elétrica disparou pelo meu corpo e senti que podia ser o prenúncio de um convite disfarçado. Saímos à francesa, sempre de olho para ver se encontrava Carminha. Em menos de cinco minutos estávamos subindo os degraus de minha quitinete. O álcool se misturava à libido e não sei como consegui abrir a porta. Mais uma vez lembrei de Carminha.

Vamos a madrugada entre gritos e gemidos indecentes. De máscaras. O ícone não tirava o acessório nem por um decreto. E eu também não tirei o meu. Amanheceu. O silêncio tomou conta da Monsenhor Linhares. Estava satisfeito. Cumpri rigorosamente a

tradição. Sábado fiquei com Sara. Domingo com Letícia. Segunda e terça com Carminha. Terça e quarta com o Ícone.

Cedinho, o Ícone levantou-se, foi ao banheiro, vestiu a roupa e saiu. De máscara. Eu já não estava interessado em ver o seu rosto, a fantasia beirava o cúmulo da reabilitação. Porém, estava intrigado com o Ícone pelo uso constante do disfarce. Será que havia algo a esconder? Não estava nem um pouco preocupado com isso. Voltei a pensar em Carminha. Certamente ela estaria em outra cama. Afinal, hoje é Quarta-Feira de Cinzas. Agora, só no ano que vem.





O PRIMEIRO LIVRO



Desejo escrever um livro, porém não sei por onde começar. — Todo início é bastante desafiador, afirmava o dono do estabelecimento onde costumava fazer minhas compras de supermercado. — Comecei vendendo de porta em porta e com dinheiro emprestado. E assim, eu ficava todo empolgado. Se ele começou dessa maneira, também posso começar.

Meu pai desejava que eu me tornasse um médico cardiologista. Comecei a pesquisar sobre arritmia cardíaca, angina, arteriosclerose, infarto. Queria escrever algo sobre essas doenças, sem sucesso. Ainda não tinha conhecimento suficiente. Minha vida sempre foi colocar o carro na frente dos bois. Desisti da medicina.

Fiz Direito, especializado em tributação, contra a vontade de meu pai. Fui rabiscando sobre impostos, taxas e contribuições de melhoria. No entanto, tudo que escrevia achava horrível e apenas repetia as ideias dos grandes tributaristas. Não havia como fugir.

As ideias flutuavam em minha mente, implorando socorro na literatura e na poesia. Foi nesse momento que optei por exprimir o que, de fato, me completava como indivíduo. Comecei a escrever sobre os acontecimentos do cotidiano, mesclando, de tempos em tempos, com a veia poética que me perseguia.

Após todas essas buscas insanas, decidi compor um livro verdadeiro. Algo capaz de me recriar na memória da vida. No entanto, é extremamente complicado narrar uma história que tenha começo, meio e fim. Além disso, a narrativa precisa ser fascinante para prender a atenção do leitor.

Comecei pela minha biografia. Todo mundo começa a rabiscar tendo como pano de fundo a sua própria cronologia. No entanto, o que existe de interessante em minha vida? Nada nela despertaria a curiosidade de alguém, minha vida era igual a tantas outras. Ninguém se aventuraria a ler sua própria história se algo diferente não fosse apresentado. Ruy Castro afirma que toda autobiografia é falsa. Ele está certo. Desisti dela.

Passei a escrever poemas, crônicas e até mesmo contos. Os poemas não passavam pelo meu próprio retorno. Fiquei um pouco ani-

mado com as crônicas e contos. Pensei que seria meu estilo favorito. Escrevi vários deles. Depois os lia repetidamente. Mas ainda não estava pronto para publicá-los. Faltava algo para dar sabor às tramas. Deixei-os em espera.

Seria um romance que me empolgava? Um mistério no estilo de Agatha Christie ou Sherlock Holmes? Talvez um enredo de amor ambientado na época da escravidão? Criei uma história com seus respectivos personagens. Um romance precisa de um cenário temporal, idealismo, heroísmo e um amor intenso por alguém.

Primeiro, dei nome aos personagens. Uma boa ficção começa com um nome de batismo para dar alma e personalidade. Sentei-me diante do computador e escrevi o título do livro em letras grandes e piscantes na tela. Digitei algumas páginas e a epígrafe brilhava diante de mim com aquelas letras enormes e desafiadoras. Reli o que havia escrito e achei terrível tudo o que estava redigido.

Nada fazia menção ao assunto principal. Apaguei todo o texto conquistado com muito esforço e abstenção. O título do meu livro permaneceu ali, salvo na página do Word, esperando por uma oportunidade propícia para ter continuidade. Algo mais urgente me perseguia. Eu precisava conseguir um emprego para sobreviver. Era necessário trabalhar.

Decidi mudar de estratégia. Porém, a ideia de escrever um romance não saía da minha cabeça. Comecei a ler com mais frequência. E, dos autores que eu lia, sublinhava as expressões que me chamavam atenção e dedicava especial atenção ao estilo de escrita.

Com certa regularidade, frequentava o Clube dos Leitores da Biblioteca Municipal e participava das reuniões dos escritores iniciantes do bairro. Os sebos eram meus locais prediletos. Juntava todas as minhas insignificantes moedas, mas precisava levar para casa um exemplar da coleção de autores da literatura nacional.

Presenciava todas as conferências sobre os lançamentos da língua portuguesa e vibrava com a possibilidade de um dia me tornar um grande escritor.

Em um dos programas de entrevista a que assisti, um autor famoso – cujo nome escapa-me agora – afirmou que a chave para escrever é apenas começar a redigir e deixar a imaginação fluir. Fiquei com o semblante franzido, não concordando completamente com o que ele disse. Isso me fez lembrar do meu romance inacabado, um mero título eloquente numa página esquecida do Word.



O escritor prosseguiu: “A partir do momento em que se começa a escrever, uma onda mágica de inspiração paira sobre a folha e se desencadeia como um barco de papel nas ondas tumultuadas”.

Em minhas leituras diárias, descobri que muitos autores consagrados enfrentaram falhas, por algum motivo, em muitos de seus escritos. Eles começaram e não terminaram. Jane Austen, a escritora inglesa, deixou alguns de seus textos inacabados — é o caso do romance *Sanditon*. Assim também aconteceu com o livro *O Processo*, de Franz Kafka. Então, por que ter medo do início?

Essa ideia me trouxe um *insight* e me apressei em abrir aquela página desmemoriada e que continha apenas as letras garrafais da inscrição. Pensei em continuar a história, não começada, e insisti no título original.

Olhei para aqueles caracteres enormes e a inspiração, mais uma vez, não fluía. Deletei. Abortei a barreira autoritária por aquela legenda truncada.

Digitei um outro título com as letras normais, apenas com o primeiro tipo em maiúsculo. Respirei fundo e aí comecei... e não é que deu certo?... o primeiro livro saiu.



FILOMENA



Ela era o que se podia chamar de uma autêntica dona de casa. Acho que se enquadrava perfeitamente na *Amélia* de Mário Lago. As vizinhas sentiam até uma ponta de inveja dos predicados de Filomena.

Os alumínios dela brilhavam mais que o cálice do Padre Cleano na hora do ofertório. As roupas do Zé Luís eram tão limpas e tão bem passadas que dava gosto reparar. E a comida da prima-dona? Ah! Até mesmo o prefeito, o juiz e o pároco entravam em euforia quando recebiam um convite de Zé Luís para alguma comemoração.

Ele conheceu sua diva numa manhã de domingo, na Feira do Pai de Casa, por ocasião dos festejos de Nossa Senhora do Rosário. Era mês de outubro e lá estava Filomena descendo do jipe do Nilo Feijão acompanhada de outras seis “donzelas”. Assim que viu aquele monumento, ele sentiu uns calafrios por trás da espinha. Não se aproximou. Ficou à espreita.

As sete donzelas passaram em frente ao bar do Nestor, local onde sempre se encontravam as figuras típicas da cidade. Lá estavam o Luís Doido, o Doinha, o Carneiro e o Quirino dos Gatos.

O Luís Doido pediu um trago e olhando para as meninas disse: – Eita que hoje a cidade tá mais brilhosa com a presença das meninas do cabaré da Dozinha.

O Doinha e o Carneiro faziam versos para comemorar a presença ilustre das senhorinhas. O Quirino ensaiava um miado rasante que fazia qualquer um se assustar com a presença de um gato tão estarrecedor. O Quirino comia todos os gatos que aparecessem. Era o seu prato predileto.

Zé Luís não atentava para nada ao seu redor. Apenas conseguia espichar o olhar na direção daquele fruto de perdição. Tomou coragem. Chegou próximo a ela e lhe ofereceu um copo de refrigerante. Ela aceitou. E os dois começaram a sua história a partir daquele momento.

Ele não quis nem saber do passado de Filomena. O que importava era de agora em diante. O que passou, passou. O cabaré da Dozinha que lhe desculpasse. A partir daquele dia, ela seria a sua Filó.

Ela se esmerava em tudo que fazia. Confeccionava biscoitos, bolos, pirulitos, cocadas. E Zé Luís saía pelas ruas da cidade vendendo os produtos apetitosos de sua cortêsã. As vizinhas não queriam muita intimidade com ela. Afinal, todas e todos sabiam de onde ela viera. Mas ele não dava muita bola para isso. “Falem e pensem o que quiserem. Mulher como Filó não existe”.

Sempre que ela saía pelas ruas, o que raramente acontecia, era vista pelos olhares maliciosos dos homens e pelas desconfianças estremecidas das mulheres. Era um peixe fora d’água. Era uma pessoa não grata na sociedade. E isso muito lhe incomodava. Por mais que ela levasse uma vida pacata, havia uma mancha em seu passado que ela não conseguia apagar.

Ela nunca era convidada para uma festa de aniversário nem de casamento. Apenas recebia alguns amigos de Zé Luís depois da peitada da sexta-feira ou por ocasião de algum aniversário da família. Quando ela ia à missa, aos domingos, as olhadelas lhe cravavam por inteira. Comentavam das roupas e dos acessórios de Filó. E quando algum homem lhe dirigia a palavra, aí a desgraça estava feita. Criticavam a forma da abordagem e elaboravam as mais diversas fantasias a respeito da conversa.

Ela estava disposta a mudar essa situação. Passou a sair mais vezes à rua. Passou a encarar de frente as pessoas que lhe subestimavam. Começou a juntar dinheiro. Iria dar uma grande festa em sua casa, por ocasião de seu aniversário no dia 15 de julho. “Quem sabe assim essa gente começa a me respeitar”. Zé Luís concordava com tudo que ela fazia. A festa seria mesmo uma grande oportunidade para integrar Filó de uma vez por todas na sociedade local.

O grande dia se aproximava. Os convites na base do famoso “boca a boca” foram se espalhando. Alguns recebiam o convite com uma certa dose de receio, principalmente as mulheres. Ela poderia dar em cima de seus maridos e, por precaução, era melhor evitar certas familiaridades. Desta vez, além do juiz, do prefeito e do pároco, toda a cidade estava convidada.

A festa foi um sucesso. Zé Luís contratou o sanfoneiro Chico Martins e o forró varou a madrugada. Comida boa não faltou. Bebida também não. Filó estava numa felicidade que só vendo. Agora sim, agora ela estava ingressando de uma vez por todas na vida

social da cidade. Daquele dia em diante ela seria respeitada como uma dama.

No outro dia bem cedo, o pátio da casa estava de pernas para o ar. Uma desarrumação total. Mas nada disso tirava a satisfação de Filó. Definitivamente, ela seria a mais nova dama do famoso “high soçaite”, como diria Dona Nonata Lira, chefe dos Correios local. E isto era tudo que ela desejava.

Começou a ordenar toda a bagunça deixada pela festa de arromba. Haveria de trabalhar em dobro para honrar o empréstimo no banco.

Isso até ouvir uns gritos, seguidos de muita risada.

Guiomar, sua vizinha, conversava com Elisa:

– Mulher, viu a farra que a messalina organizou? Faltou ela convidar a Dozinha e as donzelas suas colegas de cabaré.

E as duas amigas riam alto e diziam ofensas aos cochichos.

Virou-se para o lado e avistou o Doinha e o Carneiro que liam em voz alta os versos de Carlos Drummond de Andrade, encontrados no lixo da Biblioteca Municipal: “Quero conhecer a puta/ A puta da cidade. A única/ A fornecedora/ Na rua de Baixo/ Onde é proibido passar/ Onde o ar é vidro ardendo/ E labaredas torram a língua/ De quem disser: Eu quero/ A puta/ Quero a puta quero a puta...”

Filó ouvia todo aquele desprezo com uma dor no peito. Encostou-se na parede e começou a chorar...





MARIA DOS PRAZERES



Eu daria tudo para não ver esse cenário patético a se repetir todos os dias, feito o nascer do sol. Era uma mistura de desalento e amor-próprio, desses que dá migalhas de pão ao vento e os passarinhos ficam famintos, sem vontade de voar. Alguma coisa parou o tempo. Apenas ela não via. Os sentimentos que lhe acoassavam a alma eram imunes ao tempo, ao vento, à poeira e à vontade de viver humanamente.

Assim, Maria dos Prazeres, amante da literatura nacional e moradora na rua do Axixá, acordava todos os dias ainda com o pensamento na figura do Bentinho e com os versos metafóricos da Cecília... “De que são feitos os dias? — De pequenos desejos, vagarosas saudades, silenciosas lembranças/ Entre mágoas sombrias, momentâneos lampejos: vagas felicidades, inatuais esperanças/ De loucuras, de crimes, de pecados, de glórias. — Do medo que encadeia todas essas mudanças/ Dentro deles vivemos, dentro deles choramos, em duros desenlaces e em sinistras alianças...”

Não vou aqui contar a idade da matrona, até porque não se contabilizam os anos de uma dama que já passou por tantos janeiros, apaixonada.

Amanhecia, aposentada, sem ter muito o que fazer. E ela nem queria mais se dar ao trabalho de inventar alguma coisa para se ocupar. Queria viver mesmo era como o personagem do Monteiro — o Jeca Tatu. Não que ela fosse desleixada no trato pessoal, mas era assim que ela pretendia viver, sem normas que a prendessem ou olho grande para cima do que ela fazia.

Subia uma pequena escada todas as manhãs que dava acesso a um pátio modesto com uma mesinha coberta por uma toalha de renda e uma cadeira de balanço moldada para o seu banho de sol. Um grande retrato emoldurava o ambiente. Seria a fotografia de conclusão de curso da Escola Normal — Foto MAJURA. Aqui ela podia ver o céu com suas nuances azuis e bebericava alguma coisa leve como um chá de erva cidreira ou, quando a saudade apertava, um uísque Drury's com gelo e limão.

Descia para fazer o básico e, quando a secretária não vinha, pedia comida na venda da esquina. Subia e descia. Descia e subia. Os parentes já não lhe visitavam porque a porta estava sempre fechada e ela nunca abria quando alguém tocava a campainha ou batia palmas.

O roupão de seda dava sinais de desgaste. A única coisa que brilhava mesmo distante do sol era um camafeu de pérola, pendurado no pescoço, presente de Bentinho, e escovado pela secretária que vinha quando bem lhe dava na telha.

Estranha coincidência era esse seu amor platônico por Bentinho desde a adolescência. Ele não era o parceiro de Capitu, como ela lera em Dom Casmurro. Ele era o seu grande amor e com ele sonhava todos os dias. Era o Bento José Portela, amado por ela e por sua prima Elisabete. Certamente, Elisabete seria o astucioso Escobar, mesmo que figurassem com os sexos trocados.

Maria, que era dada aos prazeres, vivia de sonhos. Lecionou na Escola Paroquial por 25 anos. Comeu muito pó de giz. Mas, o que ela mais desejava era adormecer nos braços de Bentinho, o seu primeiro e único homem. Elisabete o tomou como quem surrupia um guarda-chuva na calçada. E ambos foram morar do lado de sua casa, diante do prédio do Monsenhor Linhares.

Uma das poucas coisas que ela guardava com devoção era um velho baú cheio de recordações. Vez ou outra ela o abria com um ritual napoleônico. A madeira não estava gasta, pois de tempos em tempos chamava o marceneiro Carlito para dar um polimento de selador e verniz. Era a sua única preocupação evidente, pois até mesmo a casa há anos necessitava de uma boa pintura e ela não se importava com isso. O que seria a conservação de uma casa diante de sua escassa dignidade? Quando as explicações povoavam sua mente, ela fazia um ar de desdém e corria ao pátio ver se avistava Bentinho ou se se entregava a remexer o baú das ilusões perdidas.

Havia dentro dele uma relíquia que ela guardava embrulhada em papel celofane e amarrada com fitas vermelhas transversais. Só abria o pacote uma vez por ano para lavar e secar o conteúdo ao sol de sua varanda, com algumas doses extras de uísque e melancolia profunda. Estavam ali eternizados naquele embrulho o vestido de musselina branca e peças íntimas de sua única noite de amor, usados numa festa de Chitão em que Bentinho havia sido seu padrinho no desfile das candidatas à Rainha do Algodão. Após a festa, ela se tornou mulher pela primeira e única vez.



Acendeu um cigarro Hollywood, o último de uma carteira recém-aberta. Emendou a bagana com outro cigarro Continental e dispôs sobre o aparador outras marcas que lhe faziam companhia nas longas noites de vigília — Minister, BB, Princesa, Albany e San Marino. Um carro de som lá fora anunciava a Festa do Chitão do ano com os Ases do Planalto. Ela assuntou, abriu bem os ouvidos e deixou escapar um leve sorriso por entre os lábios murchos e ressequidos. Pensou mais uma vez. Abriu o baú.

Pouco a pouco deslizou os dedos por sobre o laço vermelho e o puxou de uma só vez. Abriu o papel celofane com cuidado e retirou de lá o vestido de sua profanação mundana. Sorriu. Cheirou as peças íntimas e absorveu o ar como quem aspira o mais aromático dos perfumes. Sacudiu o vestido o mais que pôde para extrair as pequenas moléculas do pecado original. “Agora o pecado não seria mais tão original assim”, pensou.

A festa do Chitão transcorria animada. Salão cheio. Orquestra das melhores. Maria dos Prazeres adentrou o recinto com seu vestido de musselina branca e o camafeu de pérola brilhante no pescoço. Os sapatos Oxford, bicolores, reluziam o branco e o preto e combinavam perfeitamente com a musselina clara. Encostou-se na parede ao tempo em que uma mão morena lhe convidava para dançar. Ela olhou o cavalheiro e viu Bentinho em carne e osso. Rodopiou no salão como fizera há mais de vinte anos. O calor dos braços de um homem lhe remetia um suor quente e deixava em sua pele uma corrente elétrica vulcânica e escaldante.

O Ted balbuciava umas palavras doces em seu ouvido, que entravam em sua corrente sanguínea feito um rastilho de pólvora. Suas pernas tremiam e se retesavam ao mesmo tempo. E quanto mais Ted segredava sons em seus tímpanos e a apertava com os braços musculosos, ela atingia espasmos de puro prazer. Eram anos de orgasmos sufocados e que agora vinham à tona como fogo num mato seco. Ela estava entregue àquele homem e não tinha certeza nenhuma a respeito dele. Não sabia se era solteiro, se era bígamo, se era honesto. A única certeza que podia enxergar no seu restrito campo visual era de que se tratava de uma espécie masculina. E isso já lhe era o suficiente.

Ela não viu mais nada durante a festa. Apenas Ela e Ted. Ted e Ela.

— Tenho sede, disse ela suavemente ao pé do ouvido de Ted.

Saíram à procura do botequim. Os olhares cruzavam como flechas rumo ao casal. Ela não se importava nem um pouco. O som alto

impedia que se travasse uma conversa audível. Mas isso também não importava. O calor dos corpos respondia satisfatoriamente às perguntas contidas. Ela estava feliz como nunca estivera em toda sua vida.

.....

Amanheceu o dia. Ted e Maria ainda estavam deitados no bangalô da rua do Axixá. Apenas o sussurro de um vento rasteiro e o trinado suave de um sabiá laranjeira. O vestido de musselina branca vagueava sobre o chão, amarrotado, molhado de inúmeros copos de uísque e marcado pelas impressões digitais dos pés de Ted. As peças íntimas, rasgadas pela fúria da paixão incontrolada, jaziam no chão do corredor, imprestáveis. As contas do camafeu de pérola rolavam desbotadas pelo piso do quarto confidente.

Ted, em trajes de Adão, parecia um deus grego no ponto mais alto do Monte Olimpo. Bentinho acabara de morrer. Os versos da Cecília não mais seriam metáforas desalentadas.

O baú, definitivamente, haveria de permanecer fechado para sempre...





À PROCURA DA FELICIDADE



Um dia chegou bem cedo/ sem temor ou nenhum medo/ na frente do meu terreiro/ um jovem forasteiro/ bem vestido e arrumado/ com chapéu havaiana enfeitado/ um cordão de ouro no peito/ sapato que nem confeito/ uma roupa toda passada/ que nem a poeira da estrada/ conseguia botar defeito/ apeou-se de um carro/ ainda todo lacrado/ abriu a porteira do Prado/ e me foi já relatando/ procuro por estes campos/sem riquezas nem atravancos/ sem fortuna nem maldade/ procuro seu moço/ a tal da felicidade/ me informaram que nesse rancho/ longe lá da cidade/ encontraria/ o que há de mais valia/ a paz e a serenidade/puxei sem demora um tamborete/ passei uma toalha molhada/ para tirar a poeira/ e não sujar a roupa engomada/ gritei para a Maria/ minha companheira de sempre/ faz um cafezinho gostoso/ com aquelas bolachas de milho/ e se tiver um bolo de polvilho/ traga cá pra este moço/ a mesa ficou bem posta/ que o cheiro invadiu a sala/ mas notei bem certo/ que a resposta inquietava/ a fala do forasteiro/ e respondi o que perguntava:

– Seu moço não tenho estudo/ também não sei discursar/ mas posso lhe asseverar/ que neste lugar de um tudo/ a natureza me ensinou admirar/ de manhãzinha bem cedo/ levanto ao som da panela/ e logo vêm as rolinhas/ cantar na minha janela/ escuto o canário amarelo/ o sabiá cantador/ pego com as mãos o sol/ espalho no terreiro o farelo/ pr'alimentar as galinhas/ tirado do meu paiol/ como o cuscuz com café/ a tapioca com ovo e carne jabá/ e ainda de sobremesa/ um prato de mungunzá/ depois que tudo fica ajeitado/ vou ao curral ver o gado/ e algumas providências tomar/ de longe sinto o cheiro do estrume/ que nem o mais famoso perfume/ é capaz de incensar/ depois vou ao roçado/ de onde tiro o sustento/ e posso lhe dizer com alento/ até hoje seu doutor/ nada que preciso me faltou/ quase nunca vou à venda/ pois tudo em minha fazenda/ produzo com muito amor/ a vida lá da cidade/ meu Deus por caridade/ é um viver de amargor/ filhos não respeitam os pais/ e as drogas tomam de conta/ tiram o sossego dos casais/ sinto pena da criança/ criada em jaula pequena/ sem diversão e sem saúde/ como pode se criar um filho/ longe de um roçado de milho/ longe de um banho de açude/ não tenho grande patente/



nem canudo que me sustente/ mas o pouco que estudei/ dá pro
gasto enfrentar/ leio meus cordéis de improviso/ e nunca me fal-
tou juízo/ pras contas avaliar/ não porto carro lustrado/ nem ouro
na algibeira/ mas tenho uma égua estradeira/ que me transporta
pra todo lado/ levo a vida sossegada/ não uso veneno na inverna-
da/ tudo o que como é natural/ talvez por isto a doença/ longe de
mim me pertença/ levo uma vida sem igual/ a vida aqui na roça/
é muito simples e comum/ mas dá gosto de morar/ se o senhor ar-
reparar/ não há como comparar/ com outro lugar nenhum/ minha
roupa é toda encardida/ resultado de tanta lida/ mas aqui no meu
sertão/ não tem a tal poluição/ minha casa é bem singela/ mas tem
tanta janela/ cheia de quartos pros neto/ digo a você sim sinhô/
armazém todo completo/ herança de meu avô/ tem um oitão fas-
cinante/ cheio de beleza e elegante/ que dá pro norte e pro sul/
pintado todo de azul/ o verde toma conta do lugar/ o ar é tão puro
que não canso de respirar/ encho os pulmão contra o peito/ e saio
por estas paragens/ satisfeito/ sem ter vontade de sossegar/ tenho
uma fonte cristalina/ que corre por toda a campina/ e me convida
a banhar/ os passarinhos fazem seus ninhos/ livres/ em qualquer
lugar/ não tem ninguém para caçar/ as árvores balançam ao ven-
to/ e crescem como fermento/ sem machado para cortar/ os bichos
no meio da mata/ vivem em constante serenata/ desde a manhã ao
anoitecer/ sem caçador para lhe aborrecer/ as tardes são tão boni-
tas/ que não sinto aperreio/ o sol reluz bem vermeio/ teima em se
esconder/ e os animais em farra/ livres como a cigarra/ que canta
o entardecer/ e no final do dia/ reúno toda a fâmia/ em prece de
gratidão/ os amigos da redondeza/ enchem meu coração de cla-
reza/ numa reza à Virgem Maria/ quando eu olho pras estrelas/
sinto uma paz colossal/ vejo a lua beijando o beiral/ banhando o
meu terreiro/ e em testemunho romeiro/ ergo as mãos para o céu/
levanto o meu chapéu/ e agradeço a Deus/ por todos os dias meus/
felizes de abençoar/ a paz com minha fâmia/ fazendo do meu dia/
um paraíso sem par/ por isto seu moço lhe garanto/ a felicidade
que canto/ e que tanto o sinhô procura/ não é difícil de encontrar/
não é preciso dinheiro/ nem diplomas no estrangeiro/ basta saber
procurar!



ÉBRIO LETRADO

José Afonso Morais Maia, o Zé Ana



Arquivo: Motinha.

Para minha alegria e de muitos que lerão este texto, certamente concordarão comigo e aplaudirão a lembrança adormecida. Você deve estar se perguntando: Por que o uso de tantos advérbios de intensidade e verbos no futuro do presente? Há, há, há! Isto me faz lembrar uma figura ímpar com que tive o imenso prazer em desfrutar de suas comédias hilariantes.

Quando nos sentimos tristes ou quando as coisas não saem como deveriam, sempre procuramos um amigo engraçado. Tem sido assim desde sempre, desde o começo do mundo. E sempre será assim, tanto no meu mundo quanto no seu.

É nesse ambiente de lembranças e saudades, imune a qualquer tipo de interferência externa, que os acontecimentos do passado se fixam como uma ferradura e não se apagam. E não queremos que eles desbotem com o tempo. E este é mais um desses momentos.

Quando minha mãe comprou um fusca amarelo, que mais parecia uma manga madura, eu ainda não tinha tirado minha carteira de motorista. Era um fusca modelo 1972. Prefiro substituir a comparação com manga madura por uma gemada feita com ovos de galinha caipira e milho da roça. Era exatamente dessa cor. Surgiu então uma pequena dúvida. Quem iria dirigir o fusca? Assim como eu, ninguém em minha casa possuía aquela ferramenta de uso obrigatório,

a carteira de motorista. Minha mãe, empolgada em ter um fusca, não hesitou em dizer: “Vamos contratar o Zé Ana”.

E foi assim o que aconteceu. Na manhã seguinte, bem cedinho, lá estava ele todo engalanado para ocupar o cargo de motorista particular de minha mãe. Quepe na cabeça, um assobio constante nos lábios como se estivesse rezando baixinho. Foi amor à primeira vista. Mamãe se apaixonou pela simpatia do Zé Ana e eu também.

Ele começou com este palavreado pitoresco: “A senhora prefere que eu dirija uniformizado ou em trajes de festejo? Alguns dirão que é muita pompa para um simples motorista, mas felizmente devo me comportar de maneira adequada ao guiar um carro tão magnífico”. Nem mesmo a minha professora de Português, a gentil dona Marilena, se expressava com palavras tão cultas. E quanto mais eu conversava com ele, mais Zé Ana mostrava um vocabulário fora do comum.

O grande problema do Zé Ana é que ele gostava de tomar umas e outras. Nas horas em que mamãe mais precisava dele, podia alguém ir ao bar do Evangê e lá vinha ele com as pernas desencontradas e o típico assobio em forma de oração. Porém, uma coisa me chamava atenção: parecia que, quanto mais bebia, melhor ele tomava conta da direção do veículo.

Mas, com o passar do tempo, minha mãe decidiu vender o fusca e demitiu o Zé Ana. No entanto, nossa amizade continuou forte. Vez em quando eu o via nos bares da cidade normalmente com uma roda de pessoas em volta dele, gargalhando alegremente.

Um certo dia, já adulto, acompanhei meu irmão mais velho até o bar do Evangê. E lá estava o Zé Ana, de carne e osso. Assim que me viu chegar, ele correu com um banquinho na mão para arrumar uma mesa para nós dois, eu e meu irmão. Pedi a ele que se sentasse conosco e ele prontamente aceitou.

“Evangê, DESCE AÍ UMA LOIRINHA, ESTUPIDAMENTE GELADA, por favor!”. Ele pediu com um tom grave e pomposo. Como ele adorava os advérbios! — pensei. Não resisti ao empoderamento e, antes que ele comesse com os verbos no futuro, perguntei:

“Meu amigo Zé Ana, por que ‘loirinha’ e não ‘lourinha’?”

Ele se refestelou por sobre a mesa, sorriu com aquela pose própria das fotografias, os lábios pareciam dar início a um assobio seguido de salve-rainhas e tudo mais, porém ele se deteve afirmativo.



“‘Lourinha’ é uma forma de linguagem trivial, muito usada e sem muito significado. Não carrega uma importância especial. ‘Loirinha’ traz um ar de grandeza, de alguém que sabe se expressar, de alguém que aprecia a língua”.

Fiquei em silêncio com vontade de rir.

“E QUE A CHARMOSA VENHA VIOLENTAMENTE ‘DOIRADINHA’”, concluiu Zé Ana.



ASTEROIDES À VISTA



Fecho os olhos com a pressa de quem não tem o que fazer e vejo profundas diferenças entre o ontem e o hoje. O meu sotaque cearense, cantado, aperreado, castiço, se disfarça em meio a uma língua assoberbada de hiatos pausados e de vogais e consoantes cada vez mais sonoros.

Arrisco a adentrar pela erudição camoniana. Por outro lado, Bechara afirma que o mais importante é ser compreendido e que o certo e o errado se relativizam. Reservo as rimas perfeitas e os decassílabos do arcadismo literário. Não faz muito tempo essa teimosia. E isso me traz um profundo contentamento.

No breve tempo em que meus olhos se fecham, vejo água distribuída em carroças ou armazenada em canecos de madeira em lombos de jegues adestrados. Hoje, aposentados com louvor e substituídos por motocicletas de controle mecânico. A água, purificada e envasada, saltita aos olhares mais ferrenhos do controle de qualidade. E isso me traz um profundo contentamento.

E lá se ia o leiteiro, de porta em porta, a sopesar o líquido branquinho em litros de latão confeccionados em tendas apropriadas. De quando em vez, alguns lambaris saltitavam a olho nu e descrençavam o “vendedor leiteiro ambulante”. Hoje, o leite é pasteurizado, com data de vencimento, e outras tecnologias que não me atrevo a nominar. E isso me traz um profundo contentamento.

Durante anos não consegui esquecer as invasões, à luz do dia, aos armazéns dos comerciantes mais abastados. A fome nunca foi boa companheira e provoca involuntários arroubos intestinais. Quero crer não se tratar de nenhum desvio da vida em sociedade. Rousseau que me perdoe o atrevimento. Afinal, o animal mata para comer. Essa é a lei da vida. Hoje, a Providência, a duras penas, corrige um terrível hiato do passado. E isso me traz um profundo contentamento.

Passando em frente a uma imponente escola das séries iniciais, relembrei meu primeiro banco escolar. Chão batido, irregular e que fazia o banco balançar ao sabor do peso nele suportado. Os mestres não tinham nenhum diploma, mesmo assim brincavam de en-

sinar com a autoridade a eles imposta. Hoje, os professores são graduados com pós nisto e pós naquilo. E isso me traz um profundo contentamento.

Que aconteceu? Pergunto a alguém que passa cantarolando. “Você ainda não soube da novidade? Groáiras acaba de descobrir asteroides junto à NASA. Estou a visitar o iniciante cientista. E ele é cria da escola pública”. E isso me traz um profundo contentamento.





BICHU INDÍGENA



Noite festiva na cidade do interior. Noite de Natal. A pandemia da covid-19 nos distanciou por períodos indesejáveis. Havia quase dois anos não visitava minha querida cidade natal. E calhou que presenciei na Praça Padre Mororó um festival de comemorações.

Primeiro, a banda de música desativada ganhou novos instrumentos e lá estavam, todos expostos, à espera dos profissionais do futuro.

Em segundo, talentos da terra a mostrar suas habilidades variadas num palco encenado a margear a estátua do filho ilustre, Mororó.

Em terceiro, entrega pela prefeitura de quatro carros-ambulância destinados à área da saúde. Por fim, a distribuição de milhares de brinquedos às crianças carentes.

A verdade é que ao lado de tanta comemoração e agito, sempre há aquela roda de amigos num papo descontraído e informal. E essas rodas de espontaneidade se multiplicam e se revezam sem que as horas delimitem o passado do tempo.

E num desses círculos improvisados tive a grata surpresa de encontrar alguns amigos a desfiar causos e fatos hilariantes, notadamente sobre pessoas que fizeram história com a pureza de suas cômicas atitudes. As estatísticas comprovam o lado engraçado do cearense. E disso não temos dúvida alguma. Não vou citar nomes, dada a prodigalidade da enumeração. De repente, o prefeito da cidade adentra a roda e conta um caso que me chamou atenção:

“Era o início dos anos 30 e o que mais se comentava nos povoados e distritos era a construção da estrada que ligaria Sobral à Fortaleza (trecho da BR-222). A escassez de trabalho provocava o êxodo rural de pessoas capazes na construção de uma rodovia tão importante e grandiosa. É nesse cenário que entra a figura de nosso conterrâneo Chico Bichu.

Bichu se alistou numa estatal encarregada da construção do trecho estadual. Mais tarde, em 1937, seria criado o DAER (Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem). Porte alto, atlético, no auge de

seus 18 anos, saúde para dar e vender. Conseguiu o posto de “abastecedor de água” dos peões numa localidade próxima à Serra do Barriga, em Forquilha, Ceará. O trabalho consistia em alimentar pequenos reservatórios (tanques improvisados, potes) do precioso líquido, a fim de dar celeridade à labuta dos operários. Afinal, as cacimbas ficavam distantes da estrada e tornava-se imperiosa a destinação de um operário para esse fim. A água, envazada em canecos no lombo de jumentos ou em cambão de duas latas atreladas a uma haste de jurema ou angico, tornava-se o alívio do obreiro. A importância do ofício do Bichu o fazia pessoa especial.

Acontece que a Serra do Barriga, cheia de mistérios vivenciados por moradores próximos, era de difícil acesso, porém a água era farta em suas imediações, o que tornava nosso protagonista mais importante ainda. Bem verdade que, nem sempre havia jegues à disposição e o cambão tornava-se o único instrumento da faina. Foi numa dessas interferências que o inesperado aconteceu.

Bichu partiu com o seu cambão logo de manhã cedo por volta das seis horas: os jegues disponíveis apresentavam forte indisposição. Do local volante da peãozada até a fonte distava mais ou menos três quilômetros. Contava-se, à boca pequena, que no sopé da Serra do Barriga havia uma tribo de indígenas ainda em estágio rudimentar civilizatório. Até então, ele nada vira e zombava das insistentes histórias a respeito dos nativos.

Um dia a casa cai e não foi diferente para o nosso herói. Estava ele a encher as latas de água, quando de repente escutou um som à distância. O barulho começava a aumentar e o eco despertou sua atenção. Levantou os olhos ardilosos e percebeu diversas figuras humanas, todas nuas, num ritual de dança em círculos, com rotações de cento e oitenta graus. Ele aproximou-se, cabra destemido, e avistou uma linda índia que o chamava para a coreografia. “HÔ! HÔ! HÔ! HÔ!!!!!!”... A beleza feminina falou mais alto. A dança apresentava um vai e vem em ambas as direções, para a direita e para a esquerda.

Bichu, ladeado por duas jovens belas, não quis saber de tempo ruim.

Deu início ao bailado com as duas índias na retaguarda, uma na frente, outra atrás. E sempre com os olhos indecorosos nas partes pudendas das silvícolas e com o coração agitado que nem a fome com a vontade de comer. E nesse vai e vem bailarino, mudanças de posições eram feitas aleatoriamente. De repente, as índias somem

e ficam dois índios altos e musculosos, em trajes de Adão, um na frente e outro atrás de nosso entorpecido Bichu.

A hora não era para brincadeira. E quem vai dar murro em ponta de faca? Ele saiu em disparada rumo à cacimba. As pernas tremiam que nem vara verde. Pensou: “Antes tarde do que nunca”. Esqueceu o cambão e as latas ou, se lembrou, não deu para esperar. Nessas horas a pressa é amiga da perfeição. Caiu na rede, é peixe — nem pensar. A praia de Bichu é outra. Devagar com o andor que o santo é de barro.

E assim, nosso ator chega à estrada todo rasgado e ferido pelos espinhos dos xique-xiques e mandacarus. Gritava por socorro e rogava aos céus que lhe tirassem a imagem da nudez masculina indígena e que por pouco lhe arrancaria sua essência varonil. Até hoje não se sabe se Bichu voltou à fonte da Serra do Barriga para levar de volta o cambão e as latas vazias. De uma coisa é certa: voltar para pegar água ali, nunca mais.





CAATINGA – 28 DE ABRIL



Faço agora um convite para um exercício encantador. Não se trata de salão de beleza ou algo parecido, mas sim de um visual agradável e atrativo: a nossa caatinga.

Única e esplendorosa, ela se espalha pelos sertões nordestinos de maneira galante. Seu nome recorda o profundo amor dos primeiros habitantes. Na língua tupi-guarani, significa "mata branca", "mata espinhosa", "mata rala", pois durante o período de seca, a vegetação fica seca, branca, sem folhas.

Prima legítima do cerrado, ela abriga árvores e arbustos armados de espinhos que desafiam a coragem dos caboclos desbravadores. No entanto, essas características em momento algum apagam sua formosura. As folhas que murcham durante a estiagem permanecem prontas para um novo ciclo na estação chuvosa.

E assim, a mata recupera toda a sua exuberância. Seus troncos retorcidos demonstram o desejo de sobrevivência. Os brejos parecem dizer que o solo possui seu próprio oásis natural.

Cenário que abriga polos opostos, curvas ressequidas pela aridez de um solo rico e pobre, mãe e madrasta na exuberância de sua vitalidade e na angústia de seus confins miraculosos.

Mistura de vida e morte, fusão de frescor e secura. Fênix que renasce das cinzas, palco de coragem e amor por essa terra hostil, anfitriã dos romances e ousadias do grupo de Lampião.

O que falta em matéria orgânica, sobra em luminosidade, transborda em paixão. Abriga a aroeira, o pereiro, o mandacaru, a jurema, o xique-xique, o juazeiro, a oiticica, a carnaúba...

Além disso, para deixar todos com inveja, acolhe o tatu, o tamanduá, o preá, a asa branca, o macaco, a onça e a capivara... Como se não bastasse tanta beleza, floresce majestoso o veado-catingueiro, mamífero que habita suas vastas formações, símbolo máximo da audácia e valentia dessa fauna impetuosa e ousada.

Ainda é possível avistar árvores e animais de outros biomas, demonstrando a hospitalidade desse solo sagrado.

Ostenta, além disso tudo, um diploma de exclusividade: em nenhum outro local do mundo há um bioma dessa natureza. Em decorrência de todos esses atributos, essa majestade da vegetação brasileira comemora sua glória no dia 28 de abril, em homenagem a João Vasconcelos Sobrinho (1908-1989) pioneiro nos estudos do bioma. Salve a caatinga! Salve o Nordeste Brasileiro!





ARDOR PELA VIDA



O sol esturricava pelas bandas do mês de dezembro quando uma pequena reunião de sobreviventes atrevia a dar a cara a tapa nesse cenário de sequidão e coragem. A cobra de cipó se arrastava por entre o capim seco e tostado. Com os olhos semiabertos pela claridade solar, estonteante, disse para o preá, que se escondia atrás de uma moita de mofumbo:

– Meu caro amigo preá, pode se aproximar, não tenha medo, você não é comida para mim, vou procurar animais menores, talvez uma catita, um calango ou uma lagartixa desprevenida! Não costumo ter sede, mas hoje minha língua parece queimada por esse sol abrasador!

O ressabiado preá, com olhos atentos a um calango-de-cauda-verde que passava por perto, não deu ouvidos à cobra, acostumado a galanteios arditos. Ficou onde estava e avistou um tatu-bola, que comia alvorçado cupins num tronco de jurema. O tatu, por um momento, parou de comer, espreguiçou-se e correu para sua toca. Uma asa branca e um galo-da-campina planavam em voo rasteiro e foram estacionar num pé de xique-xique acinzentado. Um gato-do-mato passou lampeiro, deu bom-dia ao preá e avisou:

– Tenham cuidado que o carcará vem logo ali, cruzei com ele na beira do ribeirão!

Todos se acautelaram quando dois vultos humanos pularam a cerca e começaram a conversar:

– Amanhã vamos encoivarar, fazer o aceiro e tocar fogo para o plantio!

De repente, esqueceram-se do carcará o preá, o calango, o tatu, a asa branca, o galo-da-campina. E todos aqueles animais apreensivos imaginavam uma maneira de fugir do fogo que se avizinhava. Os animais voadores podiam mudar-se para outra freguesia, mas os pobres rasteiros precisavam urgentemente se esconder num abrigo a sete palmos do chão, com reservas de alimento enquanto durasse a queimada.

O quero-quero, a rolinha, o bem-te-vi, o corrupeirão, todos choravam por abandonar o ninho nas galhas secas da jurema. O caburé tristonho meditava sobre o alcance da filharada à quentura no oco da cajazeira. O gato-do-mato, rápido e prestativo, encarregou-se de avisar aos demais moradores ausentes: cutia, gambá, veado, raposa, urubu, sonhim, camaleão, jacutinga...

A noite parecia não ter fim. Era preciso arrumar tudo bem acelerado para enfrentar a devastação que o fogo sempre provoca. Toda ajuda seria bem-vinda.

Subitamente, a cadeia alimentar foi esquecida e os animais, alvo-rosados, faziam o possível para diminuir o estrago iminente.

O tatu, exímio cavador, foi logo requisitado para aprofundar as tocas. O sonhim, a jacutinga e a asa branca corriam e voavam desesperados para erguer os ninhos dos amigos menores até o alto das copas da jurema e do juazeiro. Os vaga-lumes, em bandos, alumiam o negrume da escuridão, facilitando o trabalho dos companheiros. O sapo cururu corria desengonçado a pedir ajuda do tatu e até esqueceu os insetos que caíam inebriados pela luminosidade excessiva. O urubu, solícito e cuidadoso, crocitava a plenos pulmões:

– Não se preocupem com a comida, pois felizmente a bezerra da vaca Tefé morreu hoje mesmo, então alimento não vai faltar para ninguém! Vou abastecer as tocas e os ninhos!

Apenas a cobra, impassível, abria a boca sonolenta e sibilava baixinho:

– Amanhã cedinho subo o mais alto galho da oiticica e está resolvido! Ainda não pus ovos nesta estação! Quem for forte que se sustente!

Todos olhavam, decepcionados, mesmo assim continuavam na lida.

No dia seguinte, o fogo impiedoso comia tudo que via pela frente.

Restaram apenas cinzas e algum toco que teimava em queimar as últimas lembranças do que fora a vegetação rasteira da caatinga.

E como um sinal dos céus, inesperadamente, alguns pingos de chuva caíram espaçados e amenizaram o calor daquele solo árido, carbonizado e incompreendido. Os dias subsequentes continuaram a receber o líquido precioso que renasce a vida, responde aos desafios e faz persistir o sertão... E os animais sobreviventes reiniciaram o ciclo vital, acreditando que amanhã o espetáculo pode ser diferente...





LAURINHA



Laura criou-se sob os cuidados extremosos de Mentinha e Nonata. Não se sabe ao certo a procedência de Laura. Mentinha e Nonata guardam esse segredo a sete chaves, assim como guardam suas virgindades, que nem um precioso tesouro.

Houve até quem cogitasse ser Laura filha de Mentinha, fruto de um relacionamento clandestino no passado. Mas isso tudo era boato insignificante de pessoas desocupadas que viviam a bisbilhotar a vida alheia. Mentinha e Nonata consideravam-se virgens e pudicas.

Laura cresceu sob a proteção de Nossa Senhora do Rosário e com a santa em cima de um tamborete dormia o sono angelical das meninas puras e castas. Ela, que com o tempo passou a se chamar Laurinha, tornou-se uma menina linda, orgulho de suas preceptoras.

Ela tomava conta dos afazeres domésticos, varria, lavava, passava, dava comida para as galinhas. A casa era a última residência da Rua do Curral do Açougue. Depois dessa edificação, abria-se um enorme matagal fazendo vizinhança com o Sítio São José.

Nesse tempo não havia escolas estabelecidas. O que não foi problema para Laurinha. Mentinha comprou uma Carta de ABC, uma Cartilha e o Primeiro Livro do Fred. Acompanhou a menina em toda a sua evolução escolar. Mentinha havia estudado com o mestre Cordeiro, o mestre Pedro de Souza e o mestre Domingos de Melo. Era uma donzela instruída e cheia de predicados: sabia cozinhar e preparava todo tipo de doce como ninguém.

Como a casa era longe do povoado, as saídas das donzelas e da menina se davam muito raramente. Até mesmo a capela da santa era visitada com pouca regularidade. Apenas quando o Padre Sancho vinha em comitiva de Santa Quitéria é que as três rezavam no oratório com seus vestidos largos, mangas longas e cabelos compridos. Assistiam à missa e logo que terminava a cerimônia a porta principal da igreja era a serventia da casa.

No curto período em que permanecia no santuário, Laurinha ficava maravilhada com a imagem dos santos. Adorava ver a Nossa Senhora das Dores, o Coração de Jesus e aquela santa linda erguida na parte superior, bem no topo do altar. Acreditava que seria Nossa

Senhora do Rosário, pois se parecia demais com aquela santinha que ficava em seu quarto, em cima do tamborete de mulungu, esculpido pelo Senhor Militão.

Mentinha lhe dizia que essa igreja tinha mais de 200 anos e que um padre foi assassinado ali mesmo, enquanto rezava uma missa. Essa história atiçava a curiosidade da menina. “Será que isso era verdade? Por que alguém atiraria em um padre com desejo de matar? Um padre era que nem um santo, igualzinho àqueles santos que se espalhavam nas paredes da igreja, igualzinho ao Padre Sancho”.

Era uma pena ficar tão pouco tempo na Casa de Deus. Era assim que tia Nonata chamava o templo. “E Deus precisava de uma casa para morar? E quem fazia a comida de Deus e dos santos”? – pensava a guria e criava a imagem de todas as divindades em sua cabeça de criança, como se humanos fossem.

O tempo passa rápido e não foi diferente para Laurinha.

Contava 12 anos. Completaria os 13 na noite de Natal. Os seios começavam a brotar como os formigueiros na beira da estrada. O corpo começou a ficar diferente. A bunda crescia que nem pipoca no óleo quente e umas penugens em locais impróprios nasciam como grama na época do inverno. Somente as preceptoras não percebiam essa transformação.

Quase ninguém passava em frente da casa das donzelas. Apenas alguns moradores do Sítio São José é que de vez em quando davam o ar da graça e, mesmo assim, passavam a uma certa distância do terreiro, para não macular a honra das meninas da Rua do Curral do Açogue.

Ultimamente é que o Chico Linhares, neto do Capitão José Linhares, passou a percorrer a estrada com mais frequência. Era um rapaz bonito, alto, olhos azuis. Já devia ter pelo menos uns 18 anos. Assim que ele viu o “pitel” dando milho para as galinhas ao lado da casa, ficou com água na boca e o desejo atiçou por demais o neto do Capitão. Laurinha nem reparava nessas coisas, mas Mentinha e Nonata, essas eram cobras criadas e logo botaram reparo nos constantes pedidos de água para beber.

O Capitão José Linhares era dono de toda a vila. As terras se estendiam a perder de vista. A palavra dele era uma ordem e Chico era o seu neto preferido. Nem mesmo os queixumes de dona Neguinha eram ouvidos como as vontades do neto estimado.



Um dia Laurinha amanheceu incomodada, com fortes dores de cabeça. Nunca havia sentido uma dor sequer, a não ser de um dente lá no final do céu da boca que de vez em quando dava umas pinicadas desagradáveis.

A dor só crescia e um mal-estar se consolidava pelo corpo inteiro e que fazia dó. Não podia ver comida que dava vontade de vomitar. Seus seios estavam mais inchados ainda, parecia que uma abelha italiana havia picado seus mamilos. Mentinha se desdobrava nos chás, enquanto Nonata saiu até a botica do Seu Jerominho para receitar a menina. Lá pelas tantas Laurinha sentiu uma forte umidade a escorrer entre suas pernas.

— Eu tô sangrando, madrinha! Valha-me Deus, será que vou morrer?

Mentinha tentava explicar o que estava acontecendo, mas agora era tarde demais para maiores esclarecimentos. Sentia vergonha diante da afilhada, por outro lado bateu um alívio ao constatar que a sua menina estava virando uma mocinha. Depois ela explicaria tudo direitinho.

— Ô de casa! Alguém pode me arranjar um copo d'água? — bradou o Chico Linhares na soleira da porta.

Mentinha correu com uma caneca cheia do precioso líquido e notou os olhos espichados do mancebo como a perguntar onde estava Laurinha. Ela não deu muita atenção ao rapaz, o que, por sua vez, foi logo se retirando sem muita esticção de conversa.

— O Jerominho me perguntou quantos anos tinha a menina e mais um monte de pergunta besta que me arrependi de ter ido nele — Nonata falou assim que pisou o batente da porta — Ah! encontrei com a Maria Mendes na bodega do Antônio Feijão e ela me disse que os vestidos estão prontos, pode mandar buscar.

Maria Mendes era a costureira mais afamada da vila. Fazia vestidos, calcinhas, anáguas e tudo o mais que merecesse um cerzimento ou reparo de última hora. Mentinha havia encomendado três vestidos encarnados para a festa da Purificação do Senhor. O vermelho era o sangue do Cristo derramado na cruz.

Laurinha, após alguns dias, melhorou das cólicas.

Sentia vergonha das tias, mas Mentinha encarregou-se de explicar que aquilo era muito normal com as mulheres. Todos os meses ela iria passar por aqueles aperreios. O que Laurinha não se sentia à

vontade para contar era sobre um desejo que a consumia, como uma traça rói um pedaço de roupa.

Alguma coisa muito estranha lhe arrematava o corpo e lhe incendiava ao mais leve toque por sobre as suas partes. Sentia calafrios e agora dera para botar reparo no galo com as galinhas, nos bodes e nas cabras e em todo tipo de bicho que ela presenciava nos matos. Eram muitas as perguntas, mas ela não tinha coragem para indagar das tias sobre esses acasalamentos até então despercebidos. Sonhava quase todas as noites com os bichos se pegando e, quando acordava, sua mão lambia suas vergonhas com uma força tão grande que ela atingia um prazer descomunal.

Quando ela via o Chico, o seu desejo aumentava e uma tela imaginária percorria a sua mente como um relâmpago em noite de tempestade. Em seu pensamento ele estava sem roupas e ela corria pela estrada com ele atrás dela. Isso não poderia ser pecado. O cachorro Jagunço fazia assim com a cadela Pompom. O gato Bambi corria atrás da gata Luana. Se não era pecado, por que as tias escondiam dela esses assuntos tão naturais e tão cheios de prazer?

O rapaz passou a frequentar a casa das donzelas com mais assiduidade. A casa das senhoritas era porta de entrada do Sítio São José, local onde morava a família do Capitão. As donzelas ficavam de olho espichado, mas Laurinha era toda rapapés para o Chico. Afinal, ele era neto do Capitão, dono de todas aquelas terras, e contra ele não se podia fazer coisa alguma, pensavam resignadas as donzelas da Rua do Cural do Açogue.

Não demorou muito e a sina do proletariado estava consumada. Ela engravidou do Chico. E ele mais uma vez sumiu de suas responsabilidades. Falar com o Capitão era tempo perdido. O Chico já havia deixado tantas meninas prenhes e Laurinha seria apenas mais uma vítima dessa terra em que prevalecia a lei dos latifundiários, ou quem sabe, dos capitães...





CARREGO EM MIM ESSA CRIANÇA



- Hoje tem espetáculo?
- Tem, sim senhor!

Carrego em mim até hoje a encenação das tardes circenses do interior. A criança traz em si o dom de transformar. O palhaço é o símbolo de que tudo pode ser real, as tintas que enfeitam o rosto nos dão a dimensão do quanto a vida pode ser colorida e bela. O sorriso dele desfaz toda sorte de tristezas e nos leva a um mundo das mil e uma noites, em que tudo se resolve com o leve toque da varinha mágica. Perna de pau é o acessório que me aproxima de Deus e me faz acreditar que os sonhos terão o tamanho que der a eles.

Carrego em mim essa criança e luto desesperadamente todos os dias para que ela não se vá com a maldade da bruxa da maçã. Espero sempre pelo gênio da lâmpada, não para eu fazer três pedidos, mas para atenuar, num passe de encanto, as saudades que sinto dos que me foram caros e que me deixaram ao longo dessa estrada sinuosa e fascinante.

Carrego em mim um Peter Pan sorridente e que se recusa a crescer. Apenas quer voar. Talvez crescer não seja uma boa ideia. Continuar criança seria perfeito até encontrar uma morada no céu e aí, o arco-íris venha dissolver todas as mazelas com o simples brilho de suas cores cintilantes.

Carrego em mim um brinquedo qualquer. Não necessito de tecnologia. Apenas um cavalo de pau, uma peteca com a meia rasgada de meu pai presa às lustrosas palhas do milho, um aro de bicicleta com um talo de carnaúba. Soltar a imaginação criativa e criar adereços e bonecos expressivos nas cascas da melancia. Uma pipa na ponta da linha em que o céu seja só meu e que os trejeitos provocados pelo vento me levem ao inacabável.

Carrego em mim um escorregador natural nas tardes de chuva em que a calçada seja o meu sucesso rumo ao infinito. Não quero perder essa magia. O Espírito do Mago, que tudo pode, não deve se afastar de mim. Ele sabe tudo e os seus desejos são uma ordem

natural. Toda criança é um mago em potencial e a simples ameaça destruidora desse poder desestrutura minha concepção infantil.

Carrego em mim uma caixa de lápis de cor. Não apenas para rabiscar um papel em branco e deixá-lo mais cheio de essência, mas para colorir a vida em todos os aspectos. Com os tons de cores variadas avivar o sótão do “Menino Maluquinho” e deixá-lo à vontade para nos sensibilizar com as travessuras e ingenuidade da infância.

Carrego em mim as histórias de assombração, o pisar descalço no barro, as adivinhações repetidas nas noites de lua cheia ao som do rádio de pilha ABC de quatro canais. Sou uma mistura de criança e adulto, não sei se dei muito certo. Ser adulto me resgata sempre a criança cândida engastada pelo peso de minhas responsabilidades amadurecidas.

Gostaria então de fazer pequenas peraltices e me tornar criança em caráter perpétuo. Fazer bolha de sabão por onde passasse, lamber o fundo da panela com o dedo, escrever no braço de minha mãe que a amo muito, pular a janela da escola assim que a sineta tocasse a fim de chegar primeiro na sala da merenda, colar chiclete mascado há horas na carteira do professor chato de Educação Física, soltar pião na palma da mão e o deixar girando até perder força, jogar bolinhas de gude no terreiro, andar despreocupado num carro de rolimã, pular corda ao entardecer, derrubar latas com estilingue, brincar de esconde-esconde, de roda, de panelada e de chicotinho queimado.

Carrego em mim o dom de ser habilidoso. Sinto-me atrapalhado como Dorothy e seu cachorro Totó à procura da terra mágica de Oz. A criança que existe em mim jamais deixará de existir. Quando na minha solidão de homem-feito me observo perdido em meio agressivo, procuro resgatar o bambino latente, pronto para vir à tona. Essa criança oculta adora aconchego, abraço, cumplicidade. Ninguém a conhece, apenas eu. E eu a toco com a sensibilidade de um perito escultor e sorrio e agradeço quando ela aflora em minhas decisões adultas...





CHEIROS IMPACTANTES



Existem cheiros que nunca saem de nossa memória. Como uma ligação direta entre a fragrância e o cérebro e, mesmo que o tempo passe, ao menor sinal daquele aroma, conectamos a razão a todas as ramificações nervosas de nosso ser.

Não se é capaz de esquecer o odor da lavanda, da alfazema, do jasmim, do incenso nas missas da Matriz, da dama-da-noite, do perfume marcante, não é mesmo? E basta a mais remota lembrança para trazer as sensações de felicidade, de saudade e até mesmo de tristeza. Voltamos aos mais remotos lugares e vivemos uma segunda vez inebriados com o cheiro impactante. Cheiro é vida. Cheiro é amor. Cheiro é o resgate de tudo.





INFÂNCIA



saboreio as moléculas de odor — que rasgam o neurônio absorvedor — sinto cheiros bem rasteiros — mas encharcam sonhos verdadeiros — e choram minh'alma de amor

vida sem cheiro não é vida — recordo a infância estremeçada — da olência do bolinho de chuva — do escondido leite em pó sem rastro nem de saúva — sinto o gosto do doce de leite talhado — do alho frito guisado — da grama orvalhada no roçado

respiro a cabeça de meu irmão bebê — inalo os famosos biscoitos Piraquê — lembro o cheiro do lápis de cor — do livro novo, da cola, do lápis talhado no aparador

evoco a hora da merenda — pão saído do forno à lenha — sem nenhuma pressa ou agenda — aspiro o leite mugido na ordenha — pipoca com manteiga na fornada — cheiro de chuva dormida e gosto de terra molhada

sinto o sabor meloso do chiclete — misturo omelete com pastilha Valda de hortelã — garoto pintava o sete — fica o dito por não dito — chupo o drops e o pirulito — sorvo o bálsamo do gado no curral pela manhã

farejo o fósforo Fiat Lux queimado — gozo o odor do café torrado — a gemada com aroma de canela — o Biotônico Fontoura e a galinha à cabidela — consigo sentir o doce da rapadura — o mel do engenho que fartura — degusto o saburá das colmeias doce doçura

devoro a castanha de caju torrada — numa trempe ao lado do fogão — era alegria da meninada — batata assada nas fogueiras de São João — o cheiro levemente doce da cajuína — e a essência inimitável da tangerina

de uma coisa o cheiro não gostava — escondia para não tomar — uma tal de Emulsão Scott me deixava — forte para no rio nadar — aquele cheiro de bacalhau — embrulhava o estômago a passar mal — porém minha mãe dizia num tom eficaz — tapa o nariz bem tapadinho — que o cheiro se desfaz





CRESCI



Hoje os cheiros são outros — mas os cheiros de garoto — conservam especiais — nenhum dos cheiros de agora — me fazem esquecer de outrora — os cheiros de tempos atrás

Sinto o cheiro do chocolate — da tinta do carro novo — do meu cachorro que late — do pão na chapa com ovo — aspiro o cheiro do meu bichano — me inebrio com o creme de barbear Bozano

Sinto o doce amargo da vida — da perda incompreendida — de minha mãe sinto o cheiro — do aroma de meu perfume caseiro

Mensagens químicas me chegam — por meu nariz me afogam — doce, azedo, ácido, salgado — mas nada se compara — ao cheiroso do ser amado

Imagino o alcance de um cheiro — e por mais que imagine — me atrapalho com os cheiros meus — e fico a me perguntar — qual seria o cheiro de Deus?



CEARÁ CANTADO



... e, após percorrer o Brasil, peço licença para cantar o meu Ceará. Não será uma empreitada difícil, pois tenho o sangue do caboclo nordestino, as veias pulsantes do retirante, o destemor do vaqueiro e a fisionomia altiva do guerreiro indomável. Peço licença para despir o meu paletó e vestir o gibão de couro, a fim de enfrentar as caatingas espinhosas e suportar o sol intenso na aridez dos sertões escaldantes do meu Ceará.

Permissão para vaguear por este solo com uma cabaça d'água a tiracolo. E, na primeira casa de varanda ou tapera, descansar no alpendre acolhedor. Degustar, lentamente, uma cachaça de alambique ou uma cajuína pura. Desfrutar da carne de sol — baião de dois — buchada de bode — sarapatel — cuscuz — tapioca e, como sobremesa, cocada com mel de rapadura. Ouvir, de mansinho, o vento abençoar as palhas da carnaúba, a sombra benfazeja da oiticica e do juazeiro. Pescar a piaba, o cangati e o bodó. Escutar à luz do luar as estórias do lobisomem, do curupira, do caipora, as lendas enigmáticas de Lampião e as peripécias do saci-pererê, o moleque de uma perna só.

Consentimento para acordar no outro dia ao som do sabiá. Respirar o ar puro e agradecer o dom da vida. Procurar a rezadeira para curar a dor e levantar espinhela caída. Refeito da mazela, apreciar as rendeiras, os bonecos de barro, a literatura de cordel. Como é prazeroso o embate dos repentistas, as cantigas de roda, as canções de viola. A sabedoria no embolado, o improviso. Jogar por terra a erudição do letrado.

Autorização para o reisado em janeiro, o bumba meu boi. Quanta alegria! E as novenas de maio em homenagem ao mês de Maria. Festas juninas ao som das quadrilhas eletrizantes, pamonha, canjica, munguzá. Forró pé de serra, baião, xaxado, maçã do amor, quermesse, correio elegante. Ah! Quanta coisa se perdeu num passado recém distante! Ainda encontrar disposição na casa de farinha, café com tapioca quentinha, palestra animada e riso constante.

Solicitação ao Criador, andanças pelo chão agreste e seco. Ouvir, ao anoitecer, o coaxar do sapo cururu e jamais precisar alimentar o gado com a folha da palma e brotos do mandacaru.

Anuência primeiro para ir ver meu padim Padre Cícero no Juazeiro. E para completar a fé, visitar São Francisco no Canindé. O cearense é, verdadeiramente, um crente. Confia em Deus e é abençoado. A lida fatigante não o esmorece. É feliz, do seu jeito, com o pouco que tem, não desvanece.

Aprovação para saudar José de Alencar, Rachel de Queiroz, Adolfo Caminha, Domingos Olímpio, Antônio Sales, Adísia Sá. Sem olvidar o grande Patativa do Assaré, o maior poeta da arte popular nordestina do século XX. Enaltecer Luiz Gonzaga, pernambucano de origem, mas cearense na alma e no requinte. Reverenciar Mororó, Frei Caneca, Pessoa Anta, Carapinima, Azevedo Bolão, que numa época histórica de intenso fervor, deflagaram a Confederação do Equador.

Licença para exaltar a mulher nordestina. Luzia Homem que nos bendiga. Cúmplice e sedutora, fascinante na amizade sincera, amiga na dor e na alegria, companheira na ausência do retirante que partira um dia. Espera na sua coragem leonina, sem perder o caráter nem a beleza feminina. Bela e admirável, não deixa a desejar. Parabéns, mulher do meu Ceará!

Volto a pedir licença para despir o gibão e vestir o meu paletó. Com este obtive aparência, com aquele, decência. Mas, certamente, o paletó agora carrega marcas do meu suor, traços de sofrimento e honestidade. Sinais de solidão, afeto e saudade. Falta pedir a bênção aos meus pais e ouvir:

– *Deus te dê uma boa sorte!*

Ah! Euclides da Cunha dizia: “O sertanejo é, antes de tudo, um forte”.



CHEGA DE APARIÇÕES



O mês de setembro é um dos mais escaldantes na região do sertão nordestino. Durante o dia, a temperatura ultrapassa facilmente os quarenta graus. A sorte é que, quando a noite se aproxima, uma brisa abafa o calor sufocante. O espetáculo fica ainda mais belo quando é noite de lua cheia. É nessa ocasião que começam a surgir as histórias de aparições.

Essa é uma pergunta interessante: por que os espíritos preferem as noites de lua cheia? Deveria ser o contrário, uma vez que nessas noites iluminadas tudo acontece à vista, sem a famosa “ocultação”. Mas quem sou eu para questionar as preferências dos desencarnados? É uma questão de gosto, e gosto não se discute. Alguém explicou que nessa fase da lua há uma imensa energia sobre a humanidade. Esse mesmo alguém só corta o cabelo, planta árvores e apara as unhas nas noites de lua cheia. Cada um com suas manias!...

Enfim... Num bom terreiro nunca pode faltar um café quentinho com tapioca nem um contador experiente de histórias assustadoras. Fenômeno assombroso provoca um sentimento de terror inexplicável, sendo assim interpretado como sobrenatural. E a imaginação das crianças pula de curiosidade e se exalta com a fantasia dos espíritos e histórias relacionadas.

Em uma dessas noites de lua cheia, no mês de setembro, um acontecimento curioso envolvendo assombração passou a se espalhar entre os moradores de Vaquejador, Flamengo e Lagoa das Bestas. Contava-se que uma luz intensa surgia na frondosa árvore de oiticica na Fazenda Sambaíba. E uma figura abria os braços na direção da pessoa que passava por ali. Por vários dias, essa história se espalhou rapidamente e ninguém mais ousava passar por baixo da árvore após a lua cheia. Afinal, esse era o único caminho para chegar a essas localidades e outras próximas, o que causou um grande alvoroço.

Comentava-se que era necessário ter coragem para enfrentar aquele misterioso espírito penado. Isso mesmo. Estavam discutindo possíveis nomes de pessoas falecidas que pudessem ter contribuído para a façanha. Até houve quem mandasse celebrar uma missa em homenagem

a tal entidade do além. E nenhum indivíduo corajoso se apresentava para enfrentar o problema.

Os nomes de Luiz Fidélis, Chico Bichu e Melquíades Lucas foram mencionados. Porém, todos deram suas desculpas e tudo voltou ao ponto de partida. Afinal, assuntos relacionados ao além mexem com a espiritualidade dos camponeses, e muitos deles preferem não misturar assuntos materiais com aparições.

Luiz Fidélis, cheio de gaiatices no Mercado Público, riu bastante e afirmou não acreditar em assombrações. Chico Bichu desconversou e disse que depois do que aconteceu com ele na Serra do Barriga, não se metia mais em encrencas desnecessárias. Melquíades Lucas expressou sua insatisfação: “Eu não sou o tipo de pessoa que deve ser testada em um caso infundado de visagem”.

Por fim, alguém encontrou o Chico Raimundo. Não recorro o seu nome completo, apenas o apelido, Chico Raimundo, um homem destemido e lutador na Segunda Guerra Mundial.

Assim que o Chico soube do assunto, não hesitou. Agendou um dia e uma hora para enfrentar a suposta alma penada da Fazenda Sambaíba. Por outro lado, o corajoso Chico considerou que poderia ser uma pessoa vivente pagando algum tipo de penitência. Por isso, equipou-se com seu punhal de aço inoxidável e seu revólver Taurus calibre 357. Ele estava determinado a fazer algo para restaurar a paz na região. Chico apenas solicitou a presença à distância de pessoas “corajosas” que pudessem protegê-lo, caso fosse necessário.

Chegou o dia e a hora do confronto. Matéria versus espírito. Sem dúvida, o soldado Chico Raimundo estava lá, como combinado. Alguns curiosos ficaram de vigia a uma certa distância, por solicitação do próprio Chico, com medo do suposto fantasma, cumprindo a promessa de dar proteção ao bravo guerreiro.

Eram nove horas da noite e lá ia o Chico, passando discretamente por baixo da árvore de oiticica. Pé ante pé. E as mãos cerradas, uma segurando o punhal e a outra tocando o Taurus de uso instantâneo. A lua cheia e o vento faziam parte dessa narrativa. Tudo em condições perfeitas para o surgimento da aparição.

Trac-trac-trac... ouvia-se o estalar das folhas secas no chão e, de repente, param-pam-pam..., a luz forte e a figura vieram em direção ao Chico. Ele sacou o punhal e se lançou contra a sombra projetada na claridade da lua cheia.

Aparentemente nada se revelou, tudo como antes no quartel de Abrantes. O Chico pegou uma pequena lanterna a pilha do bolso,

trazida de Monte Castelo, na Itália. Tudo ficou claro. A lanterna italiana funcionou perfeitamente. Que orgulho desse instrumento de trabalho! As más línguas comentavam, às escondidas, que essa luminária não tinha nada de origem europeia – tinha sido comprada no mercadinho do Zé Rufino ou no Empório do Senhor Zé Cassimiro. No entanto, essa é uma questão para ser discutida em outro momento. Uma simples lanterna não será motivo de descrédito diante de tamanha bravura.

E o que aconteceu com a figura ameaçadora? Para surpresa de Chico e para nós, o mistério do espectro foi desvendado. Um brilhante papel de embrulho, tipo desses laminados e refletores de luz, estava preso nas folhas da oiticica, e quando o vento soprava, a luz da lua cheia refletia o brilho do papel reluzente. Os galhos se abriam e fechavam ao sabor do vento, como se estivessem a abraçar alguém de forma agressiva, e projetavam uma sombra que formava a figura perturbadora.

Dessa forma, o fantasma da Fazenda Sambaíba se tornou motivo de piada por muitos dias, meses e anos. E até hoje, essa zombaria persiste, conforme narrei agora...





BORA COISAR



A língua portuguesa é realmente uma mãe generosa: ela acolhe com ternura todas as formas de expressão. Além de ter uma sonoridade peculiar, em algumas situações ela parece não ressoar com tanta facilidade. Camões que o diga.

A campainha tocava todos os dias pontualmente às 8 horas. A aula de Português era a primeira no calendário escolar para compatibilizar com o horário da mestra, Dona Nonata Lira, que também era chefe do posto local dos Correios.

Ela era extremamente pontual e uma professora exemplar. Possuía um vocabulário digno dos mais renomados professores da região. Dona Nonata, com sua personalidade forte, vestia-se com sobriedade e tinha como característica marcante um imenso gíglé que prendia seus cabelos para cima em um ângulo de 180 graus.

No primeiro dia de aula, a classe estava lotada. Meninos e meninas se levantaram para receber a professora, seguindo a regra da boa educação.

– Bom dia, MENINOS! – disse a professora.

Uma aluna da primeira fila respondeu:

– Bom dia, Dona NONATAS! Essa aluna chamava-se Dora.

Com paciência, Dona Nonata posicionou sua bolsa sobre a mesa e sinalizou para que os alunos se acomodassem. Ela então se sentou e deu início à chamada. A cada nomeado, os alunos levantavam a mão direita, buscando familiaridade com a professora e os colegas. Quando chegou a vez de Dora, ela levantou a mão esquerda.

– Professora, eu sou canhota.

Todos riram. Aquele risinho abafado.

Dona Nonata explicou que a aula de hoje trataria sobre singular e plural. E que a resposta de Dora, “Bom dia Nonatas”, estava incorreta, pois o nome próprio não deve ser colocado no plural. Mas tudo bem, depois da aula essa dúvida seria esclarecida.

Ela começou a aula com exemplos simples e gradualmente abordou as peculiaridades da língua.

Chegou a vez dos plurais metafônicos. Isso ocorre quando palavras que apresentam um “o” fechado tônico no singular, ao passarem para o plural, esse “o” passa a ser pronunciado com um timbre aberto. Essa é a beleza da língua: “metafonia”, uma palavra formada por duas partes: meta (mudança) + fonía (som).

Com calma, ela diz:

– No singular, pronunciamos o primeiro “o” da palavra “porco” de forma fechada; no plural, o primeiro “o” passa a ter som aberto. Então, “porco(ô)/porcos(ó)”. Da mesma forma, “olho(ô)/olhos(ó)”. “miolo(ô)/miolos(ó)”.

– Agora vamos ao plural de “coco(ô)”.

Dora responde imediatamente: - “cocos(ó)”.

Dona Nonata tenta não constranger a aluna tão perspicaz.

– Desculpe informar que esses plurais não seguem uma regra predefinida. É impossível sistematizar o assunto. Vou tentar fazer um ditado com os principais plurais para que vocês possam memorizar as principais diferenças.

– Voltando ao plural de “coco(ô)”. Nesse caso, o primeiro “o” não sofre alteração, permanecendo com som fechado no plural. Então, menina Dora, o plural de “coco(ô)” é “cocos(ô)”. Isso ocorre com “almoço(ô)/almoços(ô)”, “ferrolho(ô)/ferrolhos(ô)”, “esposo(ô)/esposos(ô)” e tantos outros.

Dora, insatisfeita com tantas novidades difíceis, retruca veementemente:

– E que tipo de coisa é essa que só se aprende coisando?

A turma dá risadas disfarçadas.

A professora notou o uso do verbo “coisar” pela aluna e aproveitou a oportunidade para explicar algo que não estava relacionado com o assunto da aula.

– É verdade, minha querida Dora, esses plurais metafônicos são difíceis de entender. Infelizmente não existem regras definidas, como eu já mencionei. Apenas o conhecimento íntimo da língua é que vai determinar a compreensão. Percebi que você usou o verbo “coisar”. Parabéns! Esse verbo é tão versátil que pode substituir qualquer outro verbo que não esteja sendo lembrado no momento.

Dora, curiosa e sem más intenções, olhou para o Napoleão, sentado à sua direita, e falou:

– Então, Napoleão, bora coisar?...





DIVERSÃO GARANTIDA



Recebi quatro entradas gratuitas do Circo Imperial como cortesia por ter participado do evento “gritar palhaço” nas ruas da cidade. Foi uma ótima diversão. O palhaço líder ia à frente com suas performances engraçadas e nós, caminhando em fila desordenada, respondíamos com confiança e terminávamos inventando malabarismos, tudo para ganhar um ingresso para o espetáculo. “Tem espetáculo hoje? Tem, sim senhor! E o palhaço, o que é? É ladrão de mulher...”

A primeira pergunta que vinha à mente era: O palhaço do circo é bom? A diversão estava garantida. No final de semana, tivemos quatro participações no evento vespertino, o que resultou em quatro ingressos. Minha maior alegria foi convidar minha namorada Leda e sua amiga Margarida. Elas não entendiam muito de circo, mas é desnecessário entender, basta ter senso crítico e bom humor. E isso as duas tinham de sobra. Ambas concordaram com o programa, com a ressalva de voltar para casa antes das 22h30. Era sábado e, aos sábados, os horários impostos pelos pais eram sagrados.

A outra entrada já estava reservada para o meu amigo jornalista Moacir Ramos. Um acontecimento dessa magnitude tinha que ser noticiado no *Correio da Semana*. A matéria completa seria digitada em minha própria máquina de escrever Hermes Baby, em acordo mútuo entre mim e o jornalista, para assegurar que nada seria esquecido.

Antes de adentrar o mundo encantado da lona mágica, capturamos a sedução do circo em uma fotografia pelo lambe-lambe do Biscoito. Sorriamos diante da câmera, eu, Leda, Margarida e Moacir Ramos. Certamente esta foto será guardada nos arquivos da nossa juventude estremecida.

E lá íamos nós para o picadeiro. As cortinas se abrem. As luzes se extinguem. Zoommmmm... O suspense preenche nossos corações e uma certa taquicardia acelera nosso ritmo cardíaco. Uma música suave inicia o espetáculo. De repente, as luzes se acendem e o palhaço Chicharrão, ao lado de sua esposa Ivanosca, saúda a plateia.

A magia toma conta do ambiente. Aplausos e mais aplausos para os números que seguem.

Psii!... Alguém colocou um cordão no meu ombro: era uma acrobata arrecadando fundos para o circo. De vez em quando um vendedor ambulante com maçã do amor, outro com pipoca, outro com algodão doce, outro com impresso-convite à charanga do candidato Cesário Melo à prefeitura local. E o tempo passa rápido em dois atos. As luzes novamente se apagam e ficam num pisca-pisca, anunciando o final do espetáculo.

Saímos à francesa. A praça lotada de barraquinhas. Afinal era outubro, mês da festa da padroeira Nossa Senhora do Rosário. Leda e Margarida estavam com o horário esgotado. Restavam eu e o jornalista Moacir. Passamos no Comitê Central da ARENA, na rua Monsenhor Linhares, e curtimos a charanga na voz do Godozinho. Para não dar aparência de opção partidária, dobramos a esquina e fomos direto ao Comitê do MODEBRA, na Praça Padre Mororó, bastante animado também.

Nem mesmo a ditadura militar conseguia amenizar meus arroubos de postulante a jornalista. A liberdade de pensamento já despontava nas noviças ideias de minhas tenras publicações. Moacir Ramos já era veterano na arte publicitária e eu, como seu pupilo, aguardava o desenrolar dos acontecimentos com muito êxito e frenesi.

Mas meu pensamento pairava no carrossel do Senhor Eduardo. Os entretenimentos saltitavam aos olhos. O carrossel era cheio de encantamento com os cavalinhos coloridos. Que falta me fazia neste momento a presença da minha terna Leda. Meus 14 anos estavam em ebulição. Parapapá... Talvez eu me mude para Fortaleza e consiga levar comigo a barraquinha da dona Francisca Jerônimo com todas as cores de aricorico,¹ com os quebra-queixos e os pirulitos do mestre Edgar e com as palmas e roscas do Antônio Cocada.

A folia atravessava a madrugada.

Ao chegar em casa, anotava tudo com meu lápis Faber Castell, sempre deixando nas entrelinhas um espaço para o jornalista Moacir, caso esquecesse de alguma coisa.

Depois é que datilografaria em definitivo para a máquina Hermes Baby, comprada nas Lojas Mesbla com as moedas adquiridas do meu próprio trabalho no comércio de meu pai. Jornalismo sério

1 Aricorico era um refresco colorido, engarrafado em vasilhames de refrigerantes.



se faz com a transcrição da notícia ainda quente e a madrugada podia esperar. Quem sabe consiga escrever algo sobre o governo César Cals – solicitar a recuperação da CE-179 e a construção de escolas e postos de saúde pro município de Groaíras? Seria um apenso do nosso assunto circense.

E a matéria dominical estava garantida no *Correio da Semana*. O jornalista Moacir haveria de publicar a matéria com as fotos clicadas no lambe-lambe do Biscoito: as imagens do Circo Imperial, de ambos os Comitês Centrais, das barraquinhas e entretenimentos, do carrossel do Senhor Eduardo. Afinal, “uma imagem vale mais que mil palavras”.



MENINO PERI



A escravidão é realmente uma página sombria na história do Brasil. Durante muito tempo, acreditou-se que escravizar seria a única solução viável para impulsionar a economia brasileira. Quem mais poderia realizar o trabalho nas plantações de cana-de-açúcar, nas plantações de café e até mesmo nas tarefas domésticas? Naquela época, a palavra "salário" era desconhecida. Os grandes latifundiários temiam que a possível abolição da escravidão levaria à ruína econômica do país.

O grande mal da escravidão era a completa negação dos direitos dos escravos. Os negros eram tratados como propriedade privada e muitos deles eram marcados com o sinal de seus proprietários, como se animais fossem. Uma prática abominável que enriquecia os senhores das fazendas. Possuir um grande número de escravos representava status e honrarias perante a Coroa.

É nesse contexto de práticas detestáveis que surge um fato transmitido por meus ancestrais mais próximos. Meu bisavô Francisco Gonçalves Feijão Filho chegou a possuir alguns escravos. No entanto, é importante ressaltar que no Ceará a presença de mão de obra escrava era menos comum.

Devido às condições climáticas desfavoráveis e às terras pouco férteis, a agricultura comercial tinha pouco progresso e a utilização de trabalho escravo era limitada nas terras de Alencar. No entanto, meu bisavô, um latifundiário que se autoafirmava na própria subsistência, precisava de poucos escravos para auxiliá-lo, assim como outros fazendeiros vizinhos.

Na Fazenda Lagoa das Bestas, propriedade de meu bisavô Francisco, havia aproximadamente dez escravos. Dentre eles, estava Rozena, uma mulher negra encarregada das tarefas domésticas na casa-grande. Rozena era robusta, de estatura mediana, cabelos lisos e olhos amendoados. Ela teve vários filhos, sendo o caçula chamado Peri. Ele foi criado com os privilégios que a senzala não proporcionava a nenhum outro negro, tornando-se logo o "afilhado" do patrão.

Peri começou realizando pequenas tarefas domésticas e, ao crescer, nunca precisou trabalhar nas lavouras ou realizar serviços pesados. Ele era mulato, com cabelos encaracolados, dentes perfeitos e muita agilidade em tudo que fazia.

A distinção e a preferência do patrão pelo menino crioulo rapidamente despertaram inveja e ressentimento entre os outros escravos. E não eram poucas as fofocas que circulavam com frequência.

Peri até mesmo foi escolhido para representar o Mago Baltazar nos festejos da padroeira Nossa Senhora do Rosário, com direito a uma roupa brilhante e sapatos de rei. Ele contava com a cuidadosa ajuda da bisá Guilhermina Alves Bezerra.

No entanto, apesar de desfrutar de certos privilégios, ele sofria com o mau humor do padrinho postiço. Meu bisavô parecia ter uma certa simpatia pelo cativo, mas com algumas restrições.

Não era nada fácil suportar os repentinos acessos de temperamento do Senhor Francisco. O chefe precisava mostrar sua autoridade nessa sociedade patriarcal e escravocrata.

Dizem que em várias ocasiões, quando a loucura mostrava seu lado mais cruel, também eram presenciados episódios de brutalidade em sua forma mais evidente.

Ouvi muitas vezes meus avós e meus pais contar a seguinte história: meu bisavô costumava guardar um chicote atrás da porta principal da sala de estar como símbolo de força e poder. A qualquer momento, esse instrumento de tortura poderia ser usado. Peri sabia disso muito bem, pois ele era alvo de inveja e intrigas por parte dos irmãos servos. Muitas vezes, ele sofria punições impostas pelo padrinho sem a menor piedade. Acreditava o guri ser alvo de mexericos dos seus parceiros. E é nesses momentos de repugnante controle que o menino entra em cena.

Meu bisavô diz:

– Peri, negro retinto, o que tu tá fazendo?

Ele responde:

– Estou levando comida para os porcos no chiqueiro.

– Para tudo o que está fazendo e me traz o chicote que está atrás da porta da sala, rápido, rápido - diz meu bisavô.

Peri corre para levar o chicote ao amo e sabe perfeitamente qual o motivo do pedido.

– Oh! padrinho! Não estou fazendo nenhuma má criação. Por que o chicote se não há nada a reclamar? Qual o motivo de apanhar?

Meu bisavô pachorrentamente responde:

– Não está fazendo nada AINDA, mas pode vir a fazer!





O MEU AVÔ E A SUA APOSENTADORIA



Eu me acostumei a conviver com as peculiaridades do meu avô ao longo dos seus 85 anos de idade. Achava engraçadas as suas preferências e o cuidado metódico em tudo o que ele fazia. Os horários são cumpridos como mandamentos, com a devoção de um soldado perante o seu comandante. O que mais me intriga é o seu constante senso de elegância, mesmo sem ter muitas opções de lugar para ir.

Todo mês, a rotina é sempre igual no quinto dia útil: de manhã, ao acordar, depois de fazer a barba com capricho, ele toma um café com tapioca e queijo fresco, vai direto ao armário e separa uma roupa bem passada, escova os sapatos até que eles brilhem como ele deseja e fica na expectativa de um noivo às vésperas do casamento. Eu me aproximo dele e pergunto, mesmo sabendo da resposta impecável:

Eu: Vô, para onde o senhor vai com essa aparência tão elegante?

Vô: Meu neto, você já sabe perfeitamente que hoje é o dia do meu pagamento, o quinto dia útil. Vou ao banco sacar a minha aposentadoria.

Ele pronuncia essas palavras encantadoras, entoadas, com um som único aos meus ouvidos, principalmente ao mencionar "quinto dia útil" e "aposentadoria".

Eu: Vô! Já falei com o senhor sobre não ser necessário ir ao banco. O senhor tem um cartão magnético e pode facilmente sacar a quantia que quiser nos caixas eletrônicos ou pagar as contas online. Ou até mesmo autorizar o papai a fazer isso sem precisar da sua presença. Além disso, o senhor corre um grande risco ao sair da agência bancária carregando todo esse dinheiro.

Vô: E eu já te expliquei, meu neto, o quanto esse dia é importante para mim. Lá, encontro com amigos que só vejo uma vez por mês. Lá, sinto-me importante ao resolver meus próprios assuntos. Ali, sinto-me recompensado por todos os anos de trabalho em que sustentei minha família com meu próprio suor.

Eu senti um soco na cara diante de tamanha clareza. Aquela figura frágil instantaneamente se tornou imensa e me contive para não chorar.

Eu: O senhor tem conhecimento de que existe uma fila chamada "preferencial da preferencial" para idosos acima de 80 anos?

Vô: Sim, eu sei disso, mas praticamente não uso esse privilégio porque tudo acontece rápido demais. Prefiro um atendimento mais demorado. Só assim consigo conversar tranquilamente com meus amigos, sem pressa.

Eu: Ouvi dizer que sua agência vai fechar e transferir todos os correntistas para o atendimento na praça da avenida principal. Isso é um programa do governo para reduzir despesas e impulsionar as plataformas digitais.

Vô: É triste que tenha que ser assim. Desde que me aposentei, há 25 anos, frequento aquela agência para resolver minhas questões bancárias. Fiz muitas amizades. Conheço todos: os seguranças, os caixas, os funcionários da limpeza. Não quero trocar o humano pela máquina, o sorriso pela frieza da tela do computador, o bom dia pelo silêncio das minhas palavras sufocadas.

Eu olhava para o meu avô e não conseguia dizer uma única palavra. E então ele continuou a falar:

Vô: Lembra, meu neto, quando sua avó foi ao banco e passou mal na fila? Sabe quem a levou até o hospital? O gerente da agência, auxiliado por um de seus vigilantes. Como posso dar as costas a tamanha gratidão? As máquinas são necessárias, porém os homens são indispensáveis.

Calei mais uma vez minha voz embargada e não pude dizer mais nada. Apenas fiquei a admirar tamanha sabedoria numa pessoa de aspecto tão simples...





MESTRE NECO



Todas as manhãs, quando o sol ainda não se dispunha a abrir o horizonte, quando o canto do rouxinol ainda não inundava o vazio da grotta corrente, quando o vento do norte ainda não cessava de soprar a persistente poeira no umbral, um vulto empertigado na soleira da porta da casa de pau a pique podia ser visto em meio à porta destravada nos talos da carnaúba: Mestre Neco dava início à sua labuta diária.

Mãos fortes, estatura elevada e olhar penetrante, exercia a profissão de ferreiro desde a mais tenra idade. E eu, ao passar defronte essa casa solitária na rua Manoel Jerônimo, fazia de tudo para usufruir da conversa dele. Acho que o bate-papo era apenas um pretexto para desfrutar dos efeitos que o fole de sua tenda de ferreiro me proporcionava.

O porte altivo do ferreiro misturava-se à habilidade na arte de manejar toda sorte de utensílio de ferro. Ali eram construídos machados, foices, enxadas, alicates, algemas, gargantilhas de ferro, feraduras. Minha tarefa diária de buscar água no caldeirão sempre era atrasada pelo tempo em que desperdiçava na oficina dessa figura que ainda hoje permeia o meu imaginário de criança.

O fole que vomitava fogo ao simples movimento de uma pá – fazendo chuá, chuá, chuá. Transformava as mais variadas molas em ferramentas resistentes pra lida na roça: um trabalho artesanal de grande valia para o camponês.

A sanfona de pele entre duas peças de madeira com cabo (pá), quando aproximadas, expulsava o ar para fora e aticava o fogo, lançando as labaredas estonteantes e vermelhinhas... isso me encantava sobremaneira. Aquela luzinha vermelha e bruxuleante começava tímida e se avolumava em línguas rubras de fogo até formar uma onda incendiária e misteriosa. As chispas ardentes me transportavam a um mundo mágico cheio de sedução e magia.

A forja e a bigorna se revezavam ao fole num arranjo perfeito de transformação. E o Mestre Neco batia o martelo com a leveza de quem brinca com os segredos do universo.

Em uma de minhas visitas, percebi uma pequena lesão no peito do meu herói artista. O artesão trabalhava sem camisa a fim de amenizar o calor provocado pelo fogo incessante. Isso me chamou bastante atenção, mas nada comentei. Apenas acompanhei a evolução do ferimento que crescia rapidamente.

Um dia, ao chegar na oficina, deparei-me com uma cena de impacto: o Mestre Neco queimava o ferimento com a ponta de um ferro incandescente. Limitei-me a perguntar o motivo dessa mutilação. Ele sorriu e me disse que era um santo remédio para suavizar a coceira constante. Inexistia diagnóstico médico e o tratamento paliativo se restringia às meisinhas repassadas pelos antepassados.

Pouco tempo depois a tenda fechou. Motivo: a saúde do ídolo notável não permitia o trabalho braçal que ele tanto amava. Não havia aprendiz nem sucessor. Fiquei órfão do espetáculo criativo do fogo. Algum tempo depois vim a saber que o fogo tem um forte significado bíblico: é sinônimo de poder — autoridade para esterilizar, esculpir, derreter... E eu, ainda hoje, quando passo no local da tenda, na rua Manoel Jerônimo, escuto o fole do Mestre Neco em acordes harmoniosos a ressoar suave em meus tímpanos: chué, chué, chué...



GROAÍRAS

Quem é de Groaíras, conhece bem...

Carnaubeira Centenária na Praça Padre Mororó em Groaíras-Ceará



Arquivo: Motinha.

“Ó terra inquietante
Inquietante terra
Que me faz respirar

Rio soberbo
Soberbo rio
Que me permite navegar

Ó terra bendita
Bendita terra
Que me faculta ninar

Lagoa cerúlea
Cerúlea lagoa
Que me deixaram murchar

Igreja ditosa
Ditosa igreja
Que me suplica orar

Calor torrencial
Torrencial calor
Que me abraça sem mar

Carnaubeira airosa
Airosa carnaubeira
Que me apraz te olhar

Caatinga sedenta
Sedenta caatinga
Que me cega o olhar

Praça diletta
Diletta praça
Que me possibilita devanear

Rosário venturoso
Venturoso Rosário
Que me ensina amar...”



POR QUE A GENTE CRESCE E DEIXA DE SER CRIANÇA



os meus tempos de criança / só me fizeram amadurecer / porém
não me sai da lembrança / dos velhos tempos viver / meu Deus por
que que a gente floresce / e como numa tarde padece / nos sonhos
de não crescer /

bola era feita de pano / melancia virava boneco / carro de rolimã
tinha dois usos / um meio tanto confusos / e me deixava num gran-
de engano / botar água em caneco ou brincar de aeroplano /

meu Deus por que a gente floresce nos sonhos de não crescer...

bicicleta só para os ricos / alegria mesmo com o pião / carro em
sabugo era fuxico / que aquietava meu coração /

meu Deus por que a gente floresce nos sonhos de não crescer...

jogo de bila / esconde-esconde / animava o final de tarde / brincar na
argila e no barro / após uma chuva sem nenhum alarde / raio parece
que não havia / açude no meio da rua / represava água na rodovia /

meu Deus por que a gente floresce nos sonhos de não crescer...

e depois escorregar na calçada / feito sabão em camada / já pensan-
do em pegar o pneu / e com uma vara de sabiá feito deus / feliz da
vida a perambular /

meu Deus por que a gente floresce nos sonhos de não crescer...

gostoso mesmo era quando um circo / rasgava o chão numa lona /
para ganhar o ingresso / corria atrás da fanfarrona / palhaço Chi-
charrão que alegria / Olê lê dona Chica / remexe a canjica / Olê lê
seu Tomás / que dá pra frente e dá pra trás /

meu Deus por que a gente floresce nos sonhos de não crescer...

a noite logo chegava / estória de trancoso esperava / sentado na
calçada a delirar / sonhava em ser o herói do conto / mas no outro
dia já estava pronto / para tudo iniciar /

meu Deus por que a gente floresce nos sonhos de não crescer...

aos domingos ia à missa / mas sempre com a premissa / de tudo
recomeçar...





O “ÚLTIMO” PIERRÔ



A banda Tony Som mal havia tocado os últimos acordes e a madrugada começava a surgir no céu azul e dourado do mês de fevereiro de mil e novecentos e... É Quarta-Feira de Cinzas.

O Clube Tremendão sorri com um amor platônico para um público que já não existe mais. O bar do Rei Pimenta contabiliza o lucro de mais um ano promissor.

Nem mesmo os cafés da Chica Jerônimo ou da Dona Mariana rendem honras à entrada do clube. Até mesmo os jogos de cartas e de truco (caipira) do Senhor Jove Porfírio e do Zeca Mendes desapareceram. Apenas um pierrô apaixonado brilha nas últimas reminiscências de uma fantasia desgastada de outros carnavais.

Com passos largos, caminha o autêntico sobrevivente da memória carnavalesca. Cruza a Rua do Cemitério (Rua Major Araújo) e se dirige aos bancos da Praça Matriz. A alvorada revela os primeiros raios de generosidade. O sono é uma palavra desconhecida. Cochila com dificuldade. Ele conhece a saudade como ninguém; alimenta-se dela durante o ano inteiro.

Seu cabelo dourado e encaracolado dança ao sopro de uma brisa sorrateira. As pernas se curvam sob os enfeites coloridos e se harmonizam com as batidas apaixonadas do coração. A túnica, no estilo italiano, aperta os sentimentos de saudade e esperança. Trabalhou o ano todo para comprar os acessórios no armarinho do Seu Gonzaga Júlio e pagar pela confecção de Gertrudes Maciel. Pode sentir as batidas do coração com as mãos abertas, na ponta dos dedos: tic-tac, tic-tac, tic-tac. Ele está devotado e com o jeito de um ser humano polido.

Veza ou outra, depara-se com o leiteiro, o entregador de pão, o agricultor com a enxada no ombro. Nada disso tem significado para ele. Sonha acordado com o amor da Colombina, que há muitos anos tentou conquistar. Mas a Colombina rasgou o coração dele pelo amor do palhaço Arlequim. Que triste sorte a sua!

Deita-se no banco imóvel da praça e a fantasia compete com os raios da alvorada prestes a surgir. O brilho dos enfeites contrasta com a escuridão dos seus sentimentos.

Revistou seus bolsos em busca da mais tênue lembrança de sua última insanidade amorosa. Uma flor de maracujá ressecada pelo tempo: presente de consolação de sua amada Colombina, de um ano que ele já não conseguia recordar. Ela havia colhido a flor no jardim da Dona Dalva Ramos, também no ano de mil novecentos e... Ele havia recebido essa relíquia na Quarta-Feira de Cinzas do distante carnaval. Agora, seu próprio suor a havia umedecido e a transformado em algo belo como uma flor-do-deserto. Ele a colocou entre os lábios e sentiu o perfume agridoce de sua amada. Cochilou...

O sino da Matriz de Nossa Senhora do Rosário tocou às seis horas em ponto. O som acústico o despertou gentilmente. A missa de cinzas seria às sete horas. O sol já brilhava mais intensamente do que sua fantasia. Apenas as ilusões mantinham sua vivacidade. Levantou-se. O vento travesso da Lagoa do Capitão Zé Linhares espalhou sobre sua cabeça um pó negro, cinzas do turíbulo do Padre Cleano. Ele pôde sentir, maravilhado, o aroma dos pães da padaria do Benedito Padeiro. E isso o encorajou a seguir em direção ao Beco da Folia. Para sua surpresa, lá estavam, trocando beijos e abraços, o palhaço arlequim Chicharrão e a sua Colombina.

O pobre Pierrô encostou-se na parede do bar do Manoel Pequeno e começou a chorar. Tirou do bolso a flor de maracujá e a beijou carinhosamente. Os babados de sua fantasia adquiriram, nesse instante, um brilho especial e as cinzas remanescentes alimentaram a crença de que tudo poderia mudar. Seu espírito sentiu-se aliviado e encheu-se de esperanças. Pensou: “Agora só no próximo ano”. Desistir? Essa hipótese jamais atravessou sua mente. O amor o nutria como um colo uterino aderente.

Em questão de minutos, abriu os olhos e a cena patética havia se desfeito. A Colombina caminhava em sua direção, estendendo-lhe os braços abertos... E a banda Tony Som executava a marchinha *Máscara Negra*² num palco resplandecente de luzes neon, máscaras, confetes, serpentinas e papel machê...

O Pierrô, ser que encarna um sonho, incorpora também uma fantasia que jamais se extingue. Enquanto houver apaixonados por Pierrô, a ilusão jamais deixará de existir. Sempre haverá a esperança de um mundo mais belo e vibrante...

2 “Tanto riso, oh, quanta alegria/ Mais de mil palhaços no salão/ Arlequim está chorando pelo amor da Colombina/ No meio da multidão/ Foi bom te ver outra vez/ Tá fazendo um ano/ Foi no carnaval que passou/ Eu sou aquele pierrô/ Que te abraçou/ Que te beijou, meu amor/ A mesma máscara negra/ Que esconde o teu rosto/ Eu quero matar a saudade/ Vou beijar-te agora/ Não me leve a mal/ Hoje é carnaval...”





ODE À GRO-A-Í-RAS – 23 DE MAIO



Papel e caneta à mão... Pensando bem... Prefiro sonhar. A fantasia parece encantar com maior argúcia o que os simples traços de um impresso possam proporcionar. Sons e imagens me recebem com mais ardor. Minha imaginação faz o coração pulsar em descompasso quando piso este solo abrasador.

Palavra composta, Riacho dos Guimarães, que se transmuda em vocábulo simples, Groaíras. Mesmo nesse processo de metamorfose e síntese, conserva a origem do mel que adoça a boca dos pássaros. Preciso de algo mais forte para saborear este favo açucarado: talvez um superlativo absoluto sintético. — Dulcíssima! — Sim, agora completo meu encantamento, sem derivação, sem métricas melódicas.

Afinal de contas, não necessito de artigo definido, tampouco de adjetivos explicativos ou restritivos. Careço deleitar, tão somente afinal, dos aplausos arejados de tua caatinga viçosa e de teu aguerrido carnaubal. Espreitas em teu colo a quentura que acalma e atija a rima imperfeita e impura. Acalentas em tuas artérias efusivas o sonho ufano e progressista do reverendo Cleano.

És uma paroxítone graciosa, plena do mais fecundo amor, que até mesmo a mais aromática flor esbanja o perfume em prosa e a simpatia tetrassílabo um bem-querer desafia. E como se não bastasse, grafas dialeticamente um acento agudo sagaz, um encontro consonantal perfeito e um (ou dois?) hiato transformador a nos solicitar a paz.

Agudo como o timbre de tua origem e a ousadia maior de teu supremo filho Mororó. Hiato como uma lacuna altaneira pelo prenúncio dessa região que te viu nascer pioneira. Encontro consonantal perfeito a partilhar no peito tua singular posição geográfica fluvial.

Oito letras (quatro vogais e quatro consoantes) que simbolizam o equilíbrio cósmico. O oito, numeral, representa o infinito imortal, demonstra a total inexistência de um começo ou fim inaudito, expressa a firme ligação entre o físico e o íntimo do coração. Afagas durante o dia este mormaço tropical, ao mesmo tempo em que refrigeras a noite angelical. Soprar a chama dos que sonham o fervor de tua hospitalidade.

É muita vaidade ostentar em teu seio um nome tupi-guarani!
É muito frenesi acalentar três rios em teus travesseiros! É muita
soberba e apego esnober tamanho aconchego em teus bravos filhos
timoneiros! E quando alguém pergunta: Quem és?

Respondes sem rapapés, ativa e serena:

– Nada disto reclama necessário! – Agrada-me apenas tecer as contas
do meu Rosário!



PRIMEIRAS LETRAS E NÚMEROS

Júlia Elisa Farias – Decana no Ensino na Cidade de Groaíras-Ceará



Arquivo: Motinha.

Sempre que ia para a escola, arrumava os cadernos numa pasta costurada em plástico pela minha irmã E. M. e da qual não me desgrudava momento algum. Nesse momento parecia um menino educado e rebelde, cheio de fantasias, e não permitia que ninguém roubasse os seus sonhos mais ousados.

O plástico era de um material grosso, para não dizer encorpado, resistente à chuva e aos ataques das pontas de lápis dos colegas mais exaltados.

A pasta continha, além dos cadernos, uma borracha de duas cores “Mercur”, um lápis com a ponta bem feita e um aparador grudado para proteção do grafite. Os cadernos, um ou dois bem limpos e impressos pelo MEC (Ministério da Educação e Cultura) e que na capa posterior havia de ter impresso o Hino Nacional ou o Hino do Estudante. Se não tivesse estampada a letra do hino, não servia. Nela ainda continha uma tabuada com a impressão de uma mestra e uma aluna apontando ambas para o quadro negro e escrita em letras garrafais na capa: ENSINO PRÁTICO PARA APRENDER ARITMÉTICA. Todo esse material era o único de que se dispunha para o aprendizado.

A sala de aula dotada de alguns bancos em dupla completava o arsenal de guerra da ciência, e na mesa frontal, talvez utilizada nas refeições da casa da professora J. E., uma poderosa palmatória e al-

gumas cascas de laranja para o salivar da mestra entre uma ou outra explicação mais inflexível.

Primeiro dia de aula: apresentação nominal e condições rígidas do ensino. Assim falava a mestra:

– Não serão permitidas conversas paralelas, tampouco nenhum tipo de reclamação. Lição dada, lição aprendida. Caso não passe na sabatina, tenho aqui um poderoso instrumento de correção.

E apontava majestosa para a bendita palmatória.

E assim se passavam duas, três horas naquela sala de estar residencial, sem que nenhum atropelo pudesse ser verificado. Ali não havia banheiro, lanche ou coisa que se assemelhasse. Até hoje me pergunto: como vivenciar uma situação intestinal embaraçosa? Acredito que o sistema abdominal era programado para não sofrer interrupções desnecessárias.

E a mestra J. E. apontava o quadro com desvelo de uma deusa. Era assim que eu via a figura altiva e abnegada daquela senhora. Postura de uma divindade que me fazia crer em algo que nem eu mesmo sabia o que era. Apenas cumpria o ritual com a disciplina de um soldado bem treinado e que não titubeava ante o simples olhar de reprovação da comandante.

Certo dia fui chamado para a arguição da tabuada de multiplicar:

– Quanto é 1×2 ?

Moleza, a tabuada de 1 era fácil, assim como também a tabuada de dois. Mas à medida que crescia a numeração, alguma coisa me fazia gaguejar e o olho sempre em cima da mesa, para o instrumento de tortura.

Engasguei na tabuada de oito.

– E quanto é 8×6 ?

Coração acelerado, não dava tempo para contar nos dedos e a situação embaraçosa fazia um malabarismo de números que só aumentava a ansiedade:

– É a idade do meu pai, respondi incontinenti.

– E qual é a idade do seu pai?

Meio sem jeito, respondi:

– Posso trazer anotada amanhã?



A mestra J. E. percebeu o constrangimento e, num ato de fidalguia, respondeu:

– Traga amanhã a idade de seu pai como sem falta.

Corri para o banco com as pernas trôpegas e com o firme propósito de decorar toda a tabuada de oito e de nove para a próxima aula. Era assim que se aprendia...





NORDESTINO



Seu doutô me dê licença para meu caso contar – Sou filho do meu Nordeste – Neto de cabra da peste – Criado no matagá

Desde pequeno aprendi – Tomar abença aos mais velho – Pelo muito que já vivi – Sempre foi meu evangelho

E pela manhãzinha – Ouvir o meu sabiá – Que beleza ver a rolinha – Cantando no meu terrêro – Alguns metros mais a frente – Diante do meu pulêro – Um galo cantar bem grosso – Meu Deus! mas que colosso

Ver a asa branca voar – De manhã comer cuscuz com o leite do currá – E de sobra uma tapioca com lascas de carne jabá

A velha cabaça do lado – Vestida de meia molhadinha – Pra levar água friinha – Lá pras bandas do roçado

No caminho da capoêra – Dou bom dia ao xiquexique – E tanjo a vaca leitêra – Visto uma roupa bem azu – Grossa qui nem cafuçu – Pro sol não esturricá – E enganar o mandacaru

No meio-dia o sol arde qui nem brasa – A barriga pede pra ir pra casa – Comer baião de dois e rapadura – a vida parece, apenas parece dura

Mas quando óio pro céu – Arre égua! – As nuvi parece um véu

E aí tiro o meu chapéu – Pra contemplar tanta beleza – E diante da natureza agradecer o que Deus me deu

Que bela a caatinga cheia de vida e cansaço – Mas não lhe falta no braço – A bravura do caboco – E vejo no pau seco e oco – A alegria do passarim

Escuto o bichim piá na mata torrada e quente – Mas qui abriga filharada e semente – Sem contar dia nem mês – Como é bom ser nordestino – Volto pra casa feliz – Marminino! – Tantas vidas tivesse eu – Seria do Nordeste outra vez.



DICIONÁRIO CEARENSE



Será que eu falo certo ou errado? Será que vocês vão me entender? Antes de tudo, sou cearense arretado, não me preocupo com a língua culta na hora de falar, fico atento apenas na hora de escrever. Deixa a língua erudita no seu CAFOFO e vamos falar com nossa identidade, nossas raízes. O cearense fala rápido, arrastado, cantado, resumido e atropela as palavras. Ele é GASGUITO. E daí?

São tantas as variedades de expressões linguísticas que o Ceará criou um universo paralelo ao idioma: o cearês. Os letrados que me perdoem essa variedade vocabular. “É só o ouro”. “É só o mi disbuiado”. E não se enganem. O cearês é decantado em todas as classes sociais. Eu mesmo, que aprecio tanto a língua de Camões, fico “doidim” pra dividir esses “bregueços” com o restante do país. E não adianta, “maxu vêi”, querer dar uma de “doutrinado”. Todos se encantam. Aguarde só um “cadinho” que vou perguntar a “fessôra” onde ela aprendeu esse “magote” de palavras que tanto encantam a cultura popular. É só o tempinho de pôr a “gasosa” no meu carro senão eu fico “no prego”.

Alguns podem até achar essa variedade vocabular um tanto quanto pejorativa. De jeito nenhum. Ela deve ser abraçada como uma verdadeira impressão digital do cearense. Afinal, “os cabeças-chatas” são encontrados em qualquer parte do planeta e precisam mostrar ao mundo de onde vieram. Com orgulho e raça.

Eu acho que o humor é uma terapia poderosíssima. Quando a gente ri, mexem-se mais de “duzentos” músculos na face. Pode ser exagero. O cearense é mesmo um “aloprado”. O humor é isso, uma brincadeira sem agressão e que deixa todos “de beíço caído”.

Dizem que o lado cômico pulsa no cearense como a bola desliza matreira nos pés do jogador de futebol. E isto é fato. A terra, seca e generosa, abriga alguns dos maiores humoristas do mundo.

Certa vez, após perambular pelas lojas na Praça do Ferreira, deparei-me com um animador de rua vestido a caráter, cheio de trejeitos engraçados. Um grande ajuntamento de pessoas fazia círculo no meio da praça e o comediante cuspiu papel picado e retirava dos bolsos umas fitas coloridas em parafuso. Aproximei-me. Do

lado direito havia uma delegação de paranaenses com uma mesa posta e uma grande faixa ao lado: “SOMOS PARANAENSES DA LEGIÃO DA BOA VONTADE”. Enquanto os seguidores de Alziro Zarur preparavam o ambiente para vender seus livros, o comediante olhou para os “estrangeiros” narrando um abalroamento. E ele falava assim, segurando um boneco de pano:

“Meu BICHINHO, Benedito FIDUMAÉGUA das pernas de CAMBITO e de olho ISBUGALHADO. Que “MONDRONGO” é esse? Parece MAIS INFLAMADO DO QUE TUMOR DE POBRE. BOTO FÉ em sua pessoa por isso não lhe dou um BUFETE. Deixa de ser ABIROBADO e BONEQUEIRO. Não adianta ARENGAR porque A LAPADA dessa manhã é uma BARRUADA na Rua General Sampaio. VIXE MARIA! ARRIÉGUA meu FI, AGORA DEU! O motorista ficou SÓ O BURACO E A CATINGA. A PARICEIRA dele ficou com a cara de MULESTA DOS CACHORRO e FUMANDO NUMA QUENGA por causa da AFOBAÇÃO do companheiro. Eles são AMANCEBADOS. E não adianta CHORAR O LEITE DERAMADO porque o DISMANTELO foi grande. Os ESTRELA NO BRAÇO chegaram, INVOCADOS, ARRUDIARAM, REBOLARAM NO MATO os vidros ISMIUÇADO e DERAM O GRAU no trânsito e ainda passaram CARÃO na MULAMBADA que parava na COCHIA da calçada. A BURUNDANGA tomou conta do PAIEIRO. DIABEISSO, Benedito? Parece que tá MAIS INCOMODADO DO QUE ZUADA DE MURIÇOCA! Tá com FININHA? DISUNEROU? Tem alguma COISA escorrendo nas minhas mãos. Tá VIÇANDO com a DISGRAMA DOS ÔTO, NÉ? Se APERREI não, que o cara ficou todo ESTRUIDO, mas ele é CAGADO e ISTRIBADO e pode pagar todo o FURDUNÇO. Deixa de ser ISPILICUTE, Benedito! Para de FRESCAR! Vamos METER O PÉ NA CARREIRA, seguir o RUMO DA VENTA pra General Sampaio que eu quero ver o DISIMBESTO! AÍ DENTO! VAMO PEGAR O BECO? ARROCHA, BENEDITO!”.

O comediante olhou para os paranaenses e perguntou:

“Ocês entenderam esse ‘miolo de pote’ que eu falei?”





COMO ESSA TERRA É SOFRIDA



É um dia em que a primavera soluça por não receber a terra preparada para uma estação florida e abundante. O inverno, carente de chuvas, passou sem que se percebesse a temporada. O solo árido e seco impede que o capim, as rosas, as dalias, os carmesins, as camélias brotem com o vigor merecido.

Apenas alguns brotos aqui e ali balançam ao sabor do vento nas pradarias ressecadas e tostadas pelo calor do sol. Os pequenos animais se movimentam em uma agitação vagarosa, à espera de algum alimento capaz de atenuar a fome quase irmã da miséria plena.

Nenhum riacho ou lago sequer consegue atravessar a seca com um fiozinho de água que possa amenizar o calor abrasador.

O gavião desliza furtivamente pelas inclinações da cerca trespassada pelos chifres dos animais mais audazes, que ousam ultrapassar os limites da escassez alimentar. De tempos em tempos, uma asa branca repousa na rampa da porta do curral e deleita-se com os insetos que persistem em visitar os excrementos adubados de meia dúzia de rebanho enfraquecido pelos rigores da estação sombria.

O quero-quero e a rolinha dividem os insetos com a asa branca em uma luta ensandecida pelo escasso banquete, e ainda têm que dividir com os filhotes famintos. Até mesmo a minhoca está à beira da extinção — o solo seco e duro não é um habitat adequado para a procriação.

O chocalho das ovelhas restantes retine um som lúgubre para a raposa, à espreita de um cordeiro desnutrido e sem forças.

Seria cruel descrever a força avassaladora do sol. O astro-rei surge no início da manhã e, nas primeiras horas, já queima a pele e fere o peito como navalha afiada. Ao meio-dia, a insolação atinge o ápice: no terreiro escurecido pela falta de galinhas, patos e marrecos, vislumbra-se uma paisagem prestes a entrar em combustão. Pequenas chamas tremulam diante de uma brisa escassa e fraca.

Pode-se ouvir um sussurro vindo das pedras próximas — talvez o lamento da cascavel personificado em um choro alucinante e cheio de tristeza sombria.

Apenas o xique-xique, o mandacaru e a palma esticam seus galhos verdes cheios de espinhos e desabrocham pequenas flores brancas — alimento afrodisíaco da arapuá. As grandes touceiras antes exuberantes também sofrem com a falta de água e, aos poucos, economizam o reservatório subterrâneo como precaução para o longo período de seca.

Entre todos os cactos, o mandacaru parece o mais imponente em sua essência: aparenta o formato de um candelabro com diversas mãos levantadas aos céus, numa prece queixosa e melancólica.

Os répteis de pequeno porte, a lagartixa, o calango, a teiú parecem estar em uma dieta forçada devido à escassez dos insetos, aves e roedores — até mesmo a proliferação de ovos foi reduzida pela falta de alimento satisfatório.

O sol a pino do meio-dia descamba para a tarde monótona e abafada.

A água da cacimba há tempos secou e a profundidade do fundo à beira do barranco denuncia a constante busca pelo precioso líquido. Chega um momento em que não adianta mais cavar, a lama é imprópria para o uso humano, além do perigo iminente de um desmoronamento.

A evaporação é tão intensa que as folhas de carnaúba murcham no fim da tarde: nesta época, a carnaubeira (árvore que arranha, árvore da vida) espalha espinhos pelo caule como proteção natural para suas folhas, estendidas no topo da copa. É um verde acinzentado no meio do deserto da caatinga.

E no meio dessa cena terrível, aparece uma figura delicada e resistente, conduzindo o último animal que insiste em agitar um chovalho miserável e triste.

Caráter e honestidade são os únicos trunfos do caboclo nordestino. Talvez por isso o contorno no mapa geográfico do Nordeste tenha o formato de um coração pulsante. Nessa direção, o xote, o xaxado, o forró e o baião alegam o sertanejo no brejo do agreste ressecado, tingem de vermelho tinto esse músculo cardíaco em constante transformação.

Com uma enxada na mão e um filho nos braços, o agricultor ensaia os primeiros passos da tradição: sanfona, zabumba e triângulo, cuscuz, tripa e buchada. Observa o açude com alegria, mas se resente do assistencialismo em doses homeopáticas.



Não há em nenhum lugar deste mundo um encanto mais grandioso e profundo, que vive no meu coração: a elegância do luar do meu sertão. Longe, distante, renasce em mim aquela criança. Onde quase tudo murcha, só não murcha a esperança.



“O CARA DE BRANCO”

Adauto Albuquerque Melo – o Adauto Cassimiro



Arquivo: Motinha.

Não pretendo hoje abrir um baú esquecido. Quero reavivar a dívida de uma figura expressiva e presente entre nós. Mesmo assim, gostaria de que a tela do computador adquirisse um zoom todo especial. Aliás, não se vive apenas de “memórias adormecidas”, não é mesmo? Existem, sim, lembranças que valem a pena o repasse, a fim de que o futuro possa também ser compensador.

Um menino peralta, como qualquer outro, passeia pelas ruas da cidade. Pergunta mais do que convém e, assim, abre o leque de suas curiosidades, formata em si a estrutura do conhecimento. Passa em frente a uma farmácia. Olha, assunta, avista um homem jovem por trás do balcão. Não há ninguém por perto para perguntar quem é aquele moço vestido de branco e com um sorriso estampado no rosto. Estanca a sua bisbilhotice, dá meia-volta e vai para casa, meditativo.

Em meio a todas essas indagações justificáveis, o garoto segue a rotina com suas nuances de interior. Avista de longe a carroça do Senhor Vicente Camilo. Segue ao encontro de sua brincadeira predileta – ficar pendurado nas tábuas traseiras daquela “carruagem enigmática”, enquanto o burro corre afoito por um descanso. O Senhor Chagas Leão e o Senhor Inácio Ciano insistem para que ele não desafie a lei da gravidade:

– É perigoso! Você pode cair e se machucar!

O pirralho não dá muita bola para o que os “carregadores de água” diziam. Vai mesmo assim, desafiando a sua ingênua capacidade em ser o seu próprio herói. Sobe e desce rua como se fosse o

guia do universo. Até que o profetizado acontece. Na subida de um alto, a estrutura em madeira se desintegra e prensa em cheio o seu dedo indicador direito. Imediatamente, o sangue jorra por cima do tablado e o Senhor Chagas Leão o leva para casa, aos gritos, e temeroso pela repreensão certa.

– Vamos levá-lo imediatamente até a farmácia! – Disse a mãe do travesso guri.

Ao ouvir da mãe a palavra “farmácia”, passou na cabeça do bambino a cena do “cara de branco” e “sorriso cativante”, apesar da dor e do que ainda viria por acontecer. Entrou no estabelecimento dantes tão fascinante, agora ameaçador. O “cara de branco” tomou os primeiros-socorros, costurou o pedaço do dedo pendurado, fez o curativo. Pediu para aguardar alguns dias e voltar para ver o resultado.

A vida seguiu. O garoto necessitou de umas figuras documentárias para um trabalho da disciplina de História da professora Noélia. Procurou por todos os meios possíveis e nada. Um seu colega de turma perguntou:

– Tu já foste na farmácia? O dono de lá é colecionador. Acho que ele pode te ajudar.

A figura do herói sanitarista povoou a mente do estudante inquieto. Encaminhou-se até a drogaria salvadora.

– Bom dia, senhor “doutor”! Preciso da figura do Getúlio Vargas e do Marechal Deodoro da Fonseca para fazer um trabalho de História. Procurei em todos os lugares e nada encontrei.

O “cara de branco” abriu a gaveta de um imenso armário, folheou algumas folhas de papel em forma de fichário e olhou para o estudante apreensivo:

– São estas as figuras de que você precisa? Elas fazem parte das cédulas de 10 e 20 cruzeiros. Pode levar, eu tenho outras.

Depois de algum tempo é que descobri as inúmeras facetas daquele prestativo e carismático jovem. Ele personifica o aspirante a cabo das Forças Armadas, o “médico faz-tudo”, o colecionador, o comunicador de rua, o político, o historiador, o homem da indumentária impecável. O “cara de branco” nada mais é que o Senhor Aduino Cassimiro (Aduino Albuquerque Melo). O menino peralta seria eu. E, devido à perícia do jovem cirurgião, o meu dedo indicador direito permanece intacto e sempre que eu olho para a cicatriz nele disfarçada, quase imperceptível, lembro o “cara de branco” sorrindo para mim por trás do balcão da farmácia.



CAMINHO INVERTIDO



Tobias aspirava à eternidade...

O dia amanhecera cinzento como grafite, cheio de nuvens espetaculosas ao redor do céu acinzentado.

O pequeno grande Tobias saiu de casa com os pés amarrados a uma poderosa força gravitacional. Quanto mais andava, mais a sua alma fincava raízes no chão. E o seu corpo fazia piruetas ao redor de sua áurea metamorfoseada.

Feito um sonâmbulo nômade, expressão ausente, pressentimento de imperfeição, percorreu as ruas desertas da cidade sempre com um sorriso no rosto e uma carranca por trás de sua espiritualidade. Encontrou gentilezas, mas deparou-se também com desatenções que se mostraram impiedosas. Portava consigo um repertório de aconchego e uma leve sensação de finitude existencial.

Desceu a rampa da Rua Professor Malaquias e foi desaguar no vale do Cemitério do Rosário. Estancou quando viu a porta aberta sem nenhum impedimento e com a total ausência de um guardador. Entrou com o corpo e a alma desembaraçados.

Uma luz fria e abjeta segurou a sua mão e o levou a percorrer as catacumbas, anonimamente. Decorou os epitáfios todos e rezou lembranças ao ver as fotos conhecidas e desmemoriadas. Um vento matreiro soprou junto ao seu ouvido: Tobias! Tobias! Tobias!

Ele seguiu em meio às sepulturas desordenadas no espaço e sabedor de sua autoridade junto aos mortos. Sentiu-se frágil ao perceber que a porta do campo santo estava trancada. E agora, o que fazer? Encostou-se ao muro e gritou a todos pulmões. Não encontrou resposta.

Uma fenda se abriu na lateral do muro interno e o pobre Tobias foi atraído a entrar nela sem pestanejar. Uma porta de ferro fechou-se atrás dele sem trinco e sem chave.

Avistou um imenso túnel e por ele percorreu as léguas que a vida nunca lhe dera caminhar. Olhou para trás em linha reta e, nesse instante, percebeu a porta do campo santo aberta. Tentou voltar, mas uma força incomum o arrebatou para frente. Só lhe restava se-



guir. Suava o suor dos desencarnados. Sonhava e acordava ao mesmo tempo.

O pobre Tobias, após um longo período catártico, acordou dentro de sua própria insignificância. Em uma das mãos segurava uma vela acesa e na outra portava o óleo da eternidade envolto em um pentagrama invertido, a derramar essências sobre uma possível lâmpada de Aladim...





CAMPOS SANTOS



Se existe um lugar que não gosto de passar por perto, esse lugar é um cemitério. Não sei por que até hoje não me acostumei àquelas catacumbas gigantes, prontas para dar o bote e nos aprisionar para sempre. Um verdadeiro caso de opulência enferrujada.

Há, em geral, um nome engraçado para se referir a esse local definitivo, como se o nome emprestado amenizasse a insensatez do nome primitivo. Campo Santo, Jardim da Saudade, Campo da Esperança, Necrópole, Panteão. São apenas alguns dos apelidos generosos a fim de esconder a sisudez do ambiente. Ali é como se fosse o ponto final. E todos nós queremos um pedacinho de terreno para descansar na vida eterna. Chega a custar caro. Um metro quadrado a peso de ouro regado à solidão do outro lado do silêncio.

A concorrência é tão desleal que nos cemitérios atuais há escassez dos preciosos centímetros de solo sagrado. A disputa acirrada deu lugar a um novo tipo de “despejo não consentido”, a cremação. Mexe-se daqui, mexe-se de lá, e a chama ardente surge como o remédio para o mal da escassez dos benditos palmos de terra esfomeados.

Mas o que quero mesmo é relatar um caso interessante que aconteceu na cidade em que nasci. Quando criança, escutava histórias das quais não sei a autenticidade. O fato é que havia apenas um pequeno cemitério, no centro do povoado, em que se enterravam apenas as pessoas de “posses” ou um grupo seleta das “famílias antigas e abastadas”. Havia um outro campo santo, nos arredores, pródigo para abrigar o restante da população. Como o número de habitantes era pequeno, apenas algumas centenas, era raro ter a necessidade desse tipo de desapego, os sepultamentos eram escassos.

Aí é que entra o caso curioso. Não lembro o ano do acontecido. O menino José, de 13 anos, saiu de casa para cortar cabelo com o Daniel, sentou-se na cadeira do barbeiro e não se levantou mais. A mãe estranhou o sumiço do garoto e saiu à sua procura. Havia um agravante: José era epilético. Após algum tempo, Dona Maria encontrou José na barbearia, em cima de um banco e sem espasmo algum. Tratou de levá-lo para casa e esperar algum sinal vital. Nada. As horas passavam e o corpo estendido na sala sobre o tablado de uma mesa.

Os vizinhos apalpavam o pulso do moribundo e não encontravam nenhum indício que demonstrasse vida. Chamaram o “Jerominho da Farmácia” para atestar o óbito.

Acontece que o “cemitério dos pobres” estava interditado. Fortes chuvas haviam danificado grande parte da estrutura precária que ainda restava em meio às ruínas do solo encharcado. E agora? Como dar um enterro digno ao menino?

O Senhor Raimundo Ximenes, padrinho do garoto, ofereceu o seu próprio túmulo, no “cemitério dos ricos”, para abrigar o “indigente”, apesar do descontentamento das outras famílias aristocráticas. Tudo ficou combinado para o enterro no outro dia às 10 horas da manhã, prazo legal de 24 horas conforme o costume local para pessoas que morriam com esse tipo de comorbidade.

Uma rede foi doada pelo Senhor Félix Cassiano a fim de que a criança pudesse repousar o corpo com dignidade. Nessa época as pessoas pobres eram levadas ao sepulcro dentro de uma rede atada a um grande pau pelas duas extremidades e carregada por dois “escudeiros”.

Assim, estava tudo acertado para o cortejo fúnebre às 10 horas e no Panteão das “famílias abonadas”. Dona Maria jamais podia imaginar que a saudade do filho pudesse ser coroada com exéquias tão pomposas.

Sucedede que, às 9 horas, no momento da recitação do terço mortuário, a Colozinha (encarregada de recitar os benditos) deu um grito ao dizer que viu o corpo se mexendo. Foi um corre-corre generalizado. As beatas se debatiam umas contra as outras que as contas do rosário se esparramavam pelo chão. O “morto” estava sentado em cima do tablado da mesa.

Depois de muito tempo é que pude saber um pouco mais sobre a “catalepsia”. E o pobre José (acho que esse era o seu nome, não tenho certeza), ao passar pelas ruas, atiçava a curiosidade da meninada. Adquirira uma nova alcunha. Todos o chamavam pelo nome de “Já Morreu”. E esse fato verídico era narrado por nossos pais com uma certa dose de pesar e comiseração.

O esquisito caso em que o “cemitério dos ricos” foi barrado em receber o corpo de um “qualquer do povo”, não se sabe se por ironia do destino ou pela ajuda “do-não-sei-o-quê” em não misturar as classes sociais, mesmo depois de mortas.



MEU CEARÁ TEM LÍNGUA PRÓPRIA



Em qualquer lugar do mundo – não importa onde seja oriundo – há sempre um cearense – receptivo a encantar – Ceará dos mares bravios – de Patativa e José de Alencar – Chico Anísio, Ibiapina, Galeno e Dragão do Mar – o cearense é caloroso – traz no peito um abraço gostoso – é dono do seu destino – e mesmo com dificuldade – a alma bate que nem um sino – leva a existência com graça e felicidade – no seio transborda alegria – humor faz parte da raça – e a vida com euforia – converte tudo num mar de graça – se lhe perguntam como vai – responde num marromeno – mas nada pra ele é pequeno – entra bem igual como sai – tem um vocabulário particular – que nem a língua mais culta – é capaz de arremedar – dar a volta é arruviar – pra ele tudo é na brincadeira – estilingue é baladeira – gostar de briga é arengar

andar de grupo é magote – murro na cabeça é cocorote – agredir é botar pra moer – ter coragem é se astrever

cearense é meio calado – quanto tem dinheiro é estribado – tem fama de ter recato – jogar fora é rebolar no mato

às vezes é pirracento – e nunca dá ponto sem nó – gripado é pinto goguento – muito distante é cafundó

dor de barriga é andaço – coisa sem valor é bagaço – bicho prenhe é amojada – fazer barulho é zoada

ferida nos dedos é frieira – coisa ruim é cagada – cuspir forte é dar golpada – fiofó é tripa gaiteira

sicute é levar choque – calça entrar no fundo é queimar arroz – bater na cabeça é coque – deixar pra frente é adispois

cabeça de carneiro é fussura – frescura é pegar friage – transar é furar o couro – coisa sem valor é fulerage

se meter em confusão é fuá – solteiro junto é amancebado – refresco de abacaxi é aluá – ser saliente é apresentado

apalpar os seios é amulegar – ser abestado é arigó – moça velha repousa no caritó – repetir é arremedar – suspender é assungar

metido a valente é arrochado — dar uma busca é bacurejo — homossexual é viado — chacoalhar é saculejo

coisa pessoal é bregueço — criança pequena é bruguelo — mucureba é sem sucesso — encardido é amarelo

gente pobre é cafuçu — dar mancada é cagar o pau — mau humor é lundu — gente alta é varapau

pus de furúnculo é carnicão — ir ao banheiro é casinha — remédio do mato é meisinha - meleca nas venta é limpar o salão

cearense não mete a mão em cumbuca — advertir é passar carão — mosca braba é mutuca — cubar é ter alguma intenção

péssima situação é distiorado — humor imprevisível é veneta - ficar sem graça é distrenado — fazer mungango é careta

pequena larva é tapuru — gente feia é tribufu - proteger é pastorar sem medo — comida pastosa é gororoba — fazer terra é enfiar o dedo

escandaloso é presepeiro — gente fina é pedra noventa — fazer ar-ruaça é bonequeiro — doença do mundo é esquentã

reação violenta é faniquito — gastura é farnizim — perna torta é um cambito — piolho humano é mucuim

abóbora é jerimum - seis quilômetros é uma légua — gente preta é anum — se tem algum desaforo — vai pastar na baixa da égua!



“LÁ NO ZÉ RUFINO TEM”



Em contínua revisão dos fatos que me sacodem a memória, agora queria falar de mais um caso curioso de minha infância. Novamente essas “pessoas especiais”, essas “criaturas do bem” ainda hoje conseguem alegrar o meu coração e inquietam o meu imaginário com as suas “cartadas” de bom senso.

Sempre soube que na bodega do Chico Vicente havia todo tipo de miudezas. Era um armarinho sortido de pequenas coisas que não se encontravam em lugar nenhum. Mas eu não gostava muito de passar por lá porque minhas orelhas ficavam em alerta pelos famosos “repelões nos abanos” que ele costumava aplicar nos clientes. Era tudo na base da brincadeira e funcionava como uma espécie de propaganda anunciada. E propaganda sempre foi a alma do negócio.

Mas, quem era mesmo o Chico Vicente? Todos o conheciam muito bem e sua mercearia ficava na Rua Padre Sancho, quase esquina com a Rua Monsenhor Linhares. Acho que o seu nome de batismo era Francisco de Assis Feijão, porém esta linhagem pouco importava para ele. O que ele queria mesmo é que o chamassem de “Chico Vicente” ou “Chico Carnudo”. Aí estávamos em casa.

Recordo que nas festas dançantes da região o armarinho do Chico Vicente fazia continência às filas para o retalho da Brillhantina Tabu, do Perfume Desejo ou dos adereços pra enfeitar o vestido das bailarinas (sianinhas, laços, gigolés). E lá estava o Chico Carnudo a despejar nas mãos dos rapazes aspirantes a dançarinos o emplastro da brilhantina e do perfume sedutor. Quando o fole dava início à folia, o Chico Carnudo era o primeiro a aparecer com os bolsos cheios de chicletes para distribuir com as suas parceiras no arrasta-pé. Figura carismática nos seus quase metro e noventa de altura, bigode lapidado a gilete diariamente às oito horas da manhã. Desafiava os consumidores aos mais diversos problemas matemáticos. Regra de Três era o seu forte. Para isso, apontava a um enorme livro de Aritmética em cima de uma gaveta empoeirada.

Certa feita ele me propôs um desafio. Isso após um “chulepo na orelha” que me deixou zozzo. Abriu o livro na página 37 e recitou dois problemas algébricos: um de Regra de Três Simples e outro

de Regra de Três Composta. Depois de alguns minutos consegui resolver os dois. Ganhei sua admiração e uma trégua nos puxões de orelha. E nesses longos minutos à prova, quando chegava um cliente à procura de uma determinada mercadoria inexistente à venda, ele dizia: “Hein! Hein! Hein! Lá no Zé Rufino Tem”.

Era inverno, os rios cheios, e eu louco pra pescar algumas piabas. E onde encontrar o anzol apropriado? Lembrei de ir ao Chico Vicente.

– Seu Chico, o senhor tem aquele anzol pequenino próprio para pescar piaba?

Ele me olhou com um tom zombeteiro e disse:

– Hein! Hein! Hein! Lá no Zé Rufino Tem.

Desci o alto da Rua Monsenhor Linhares à procura da bodega do Zé Rufino. Eu ouvia falar muito desse profeta das chuvas, rezador de mão cheia, contador de histórias engraçadas. Ao chegar na dita bodega, deparei-me com prateleiras vazias e uma figura cômica, de baixa estatura por trás do balcão.

– Bom dia, Senhor José Rufino! O Senhor tem anzol próprio para pescar piabas?

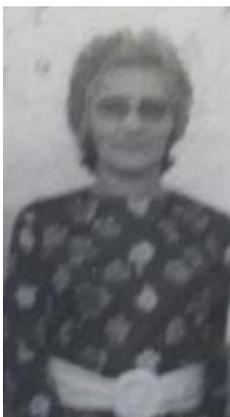
Ele me olhou de cima para baixo, deu um sorriso maroto e respondeu:

– Hein! Hein! Hein! Lá no Chico Carnudo Tem.

UMA MULHER EMPODERADA DONA NONATA LIRA



Raimunda Nonata Lira



Arquivo: Dr. Gilberto Alves Feijão.

Mais uma vez, no repasse daquelas “pessoas especiais”, daquelas “criaturas do bem”. Sou o “mago dos baús adormecidos”. Puxem as cadeiras, esquentem o café e saboreiem aquela broa de milho saída do forno. Depois disso estaremos prontos para abrir o baú mais uma vez.

Passeando pela confluência das Ruas Manoel Jerônimo e Monseñor Linhares, deparei-me com uma farmácia na fachada e alguns pontos comerciais nas laterais. Abrindo bem os olhos como quem acorda de um pesadelo kafkiano, vi camuflar em meu embaçado devaneio visual o prédio dos Correios e a residência histórica de nossa diletta Dona Nonata Lira. O tempo retroagiu num piscar de olhos. A cor amarelo-ouro do prédio imponente cromatizou minha íris de um passado recente e generoso.

Mas, quem foi realmente a Dona Raimunda Nonata Lira? Será uma sessão de magia enumerar as inúmeras qualificações dessa senhora que, com o seu talento nato, exerceu as mais diversas profissões numa época em que a mulher era vista apenas como uma dona de casa? Isso não foi impedimento para que a Dona Nonata exercesse o magistério, a enfermagem (aplicava injeções, fazia curativos, proprietária de farmácia), a tutoria nos cursos de datilografia (possuía



um curso datilográfico na sala de sua casa), o cargo de funcionária pública chefe dos Correios.

Eu, criança curiosa e atenta, ficava ensimesmado diante daquela figura imponente e de tanto apreço da população. Vestia-se com uma sobriedade sem igual, sempre em trajes discretos e, ao mesmo tempo, requintados. O seu vocabulário fácil e letrado a distinguia como uma mulher acessível e culta.

Mas as minhas recordações acentuam-se com a Dona Nonata, Chefe dos Correios. O motivo pode parecer um tanto incomum, tentarei resumir. As “malas” postais vinham diariamente de Sobral no horário do Senhor Neuton. Antes desse avanço rodoviário, o transporte era feito no Jeep do Senhor Zé Paulo. A chegada do ônibus na praça entre onze e meia e meio-dia era um acontecimento diário de grande relevância. Todos se acotovelavam para ver quem desembarcava e era motivo da vinda de vários “carteiros” das redondezas para levar as encomendas expressas. Dentre estes, recorro nitidamente do “Chiquinho Dente de Ouro” em sua minibicicleta proveniente, acho, do Poço das Pedras ou do Riacho das Carnaúbas. E do senhor Timóteo Matias, do Capim. Acontece que aquelas “malas”, sujas de poeira, pelo contato diário com toda sorte de impurezas, deixavam o processo de abertura insalubre. E Dona Nonata ao me ver passar após a chegada do ônibus me chamava para ajudá-la na abertura dos pacotes postais. E aquilo me causava asco e mal-estar. Passei a desviar a rota de meu retorno pra casa e ficava com o coração apertado em não ajudar tão distinta senhora. A minha redenção é que ela dividia as responsabilidades postais com o Senhor Marcolino Olavo, também funcionário público nos Correios, vereador por diversas legislaturas, o que me isentou do patológico trabalho de abertura dos malotes, tomando para si essa incumbência. Fiquei aliviado. O enfermeiro e jornalista Moacir Ramos também a auxiliava nos serviços burocráticos.

O fato é que ela exercia diversas atividades concomitantes, lógico que em horários diferentes. O respeito e a admiração dos moradores eram tamanhos que a maioria das crianças locais recebiam o batismo com as bênçãos da Dona Nonata. Ah! Antes que eu me esqueça, ela ainda prestava conselhos jurídicos aos hipossuficientes numa época em que não havia advogados togados, apenas rábulas esporádicos e chefes de polícia na arte da judicialização. E os conselhos judiciais dessa polivalente senhora pesavam muito nos boletins de ocorrência dos “representantes da ordem”.

Enquanto isto, bem ali na outra esquina, na Escola Paroquial Pio XII, a sineta toca: blem! blem! blem! A professora de Português e de Boas Maneiras entra ativa e os alunos se levantam em coro em sinal de respeito. A personalidade metafórica do educador surge incorporando o conhecimento e os alunos como uma folha de papel em branco aguardam o sinal da mestra para tomarem os seus devidos assentos. Dona Nonata faz a chamada nominal e dá início à aula escrevendo no quadro negro. De repente, um gato começa a miar:

– “Miau! Miau! Miau!”

Dona Nonata vira-se pra frente e nada. Nenhum animal à vista. Volta a escrever novamente.

– “Chanim! Chanim! Chanim!”

Mais uma vez Dona Nonata se vira e observa os alunos espantados com cara de riso reprimido. Olha todos e avista dois alunos agachados na fila da retaguarda – Edson e Dora (um miava e o outro chamava o bichano). Diplomáticamente, a mestra finge que não os vê e diz:

– Dou um doce àquele que me disser quem está provocando essa brincadeira.

Edson e Dora imediatamente se põem de pé e falam ao mesmo tempo:

– A senhora só trouxe um doce?

.....

E o Poder Público esqueceu-se completamente dessa mulher à frente do seu tempo, empoderada, visionária. Nenhuma referência a esse nome que tanto contribuiu para a economia do município, a educação, a saúde, a coisa pública, a causa jurídica.





O VIDENTE ANTÔNIO FEIJÃO



Um internauta me apelidou de “o Mago dos Baús Adormecidos”. Amei o qualificativo e tomei gosto pela procura ensandecida daquelas “pessoas especiais”, daquelas “criaturas do bem” que tanto enfeitiçaram a nossa infância e adolescência. E é em nome dessa magia encantadora que procuro resgatar fatos que mostram nossas origens e tradições, o quão valiosa essa vivência contribuiu para o ser que hoje somos.

Chega de retórica e vamos ao que interessa. Este relato é “das antigas”, bem no fundo desse “baú adormecido”. Muitos não tiveram o privilégio de vivenciar.

Vocês já repararam nisso? As coisas só acontecem na Rua Monsenhor Linhares. Talvez porque os aglomerados convergissem para a rua principal. E este endereço de hoje é especial. Trata-se da boveda do Senhor Antônio Feijão. Na pessoa dessa entidade incorporavam o comerciante, o vidente, o profeta das chuvas, o relicário de fotos surpreendentes.

Tão logo terminava a aula na casa de Dona Júlia, seguíamos a esse endereço enigmático e esotérico. Aquela figura alta, esbelta, corcunda, barba esvoaçante ao vento misturava-se aos rolos de fumo Arapiraca, esteiras de jumentos, vassouras de palha e uma variedade de guloseimas que me deixavam com água na boca. Havia uma tal de “bolacha fogosa” que era o meu sonho de consumo. Juntava todas as mirradas moedinhas e as guardava para esbanjar naquele lugar pitoresco. Ele sempre estava na entrada do estabelecimento. E ele sempre sorria para as crianças com um olhar paternal, como se as visse pela primeira vez.

Quando chegávamos na porta principal, aquele semblante sobrenatural tomava conta de mim. Era como se estivesse diante de uma divindade. Sentávamos no chão para escutar as suas “histórias de trancoso”, as profecias do fim do mundo e presenciar as fotos miraculosas no seu “binóculo mágico”.

Dentre as suas “histórias de trancoso” havia uma que eu mais gostava. E começava assim:

— Era uma vez uma cidadezinha do interior do Ceará povoada por um punhado de pessoas pacatas e algumas desordeiras. Havia nela uma capela pequenina com uma santinha no centro do altar a segurar um grande rosário na mão direita. As missas só eram rezadas em latim, nos meses de maio e outubro, pois o padre vinha de muito longe... E não é que num certo dia de outubro a capelinha estava cheia de fiéis e bem na hora da consagração do pão e do vinho chegou um forasteiro e atirou bem no peito do pobre padre? — Bam! Bam! Bam! Pá! Pá, Pá! Então, houve uma maldição nos céus sobre esse lugar por mais de dois séculos... Pá! Pá! Pá!... Tiro certeiro...”

Deixava um suspense no ar para que a história ganhasse ênfase e prendesse a atenção nos olhos arregalados das crianças. Fazia pausas propositais. E a cada eco do projétil repetido diversas vezes, doía em nós a bala sanguínea... A sua face, entretanto, nos confortava com ternura e a narrativa ganhava ares das mil e uma noites.

E as profecias? Essas nos deixavam embasbacados sem entender muito bem o que ele queria dizer. Era mais ou menos desse jeito:

— Meus filhos! O mundo está perto de acabar. Eu não verei muitas dessas atribulações, mas vocês serão testemunhas do que vou dizer. Quando a roda grande girar dentro da pequena, quando os gafanhotos (de asas duras) cruzarem os céus, quando houver muita sala e pouca fala, muitos chapéus e poucas cabeças, muita peste e pouco rastro, quando os filhos se revoltarem contra os pais, aí sim, o mundo virará de pernas pro ar...

Tia Chiquinha, sua esposa, e suas filhas Maroquinha e Mocinha ficavam num canto, assombradas.

Ah! Não posso esquecer das fotos naquela geringonça rotatória, a que ele chamava “binóculo mágico”. Eram fotos da Cidade Maravilhosa (Corcovado e o Cristo Redentor, Pão de Açúcar, Morro da Urca, Arcos da Lapa). As olhadelas eram rápidas, pois a lente era individual. Aquilo mexia com o meu imaginário e a sapiência daquele velhinho de barba branca e corcunda ganhava contornos de uma entidade divina. E hoje, quando vou ao Rio e visito essas belezas naturais, a imagem do tio Antônio Feijão me persegue vivamente.

Havia também os espertalhões que se aproveitavam da boa-fé do velhinho. Compravam mercadorias com cédulas de duas cabeças (dois pedaços de cédulas diferentes, imprestáveis e coladas, ambos de tamanho menor que a metade) e sem valor algum. Outros o vendiam testículos de boi dizendo tratar-se de carne de primeira e



muitas outras... Entretanto, nada disso lhe tirava o carisma, a inteligência e o CONHECIMENTO PARTILHADO.

E o Poder Público esqueceu-se completamente desse ser repleto da cultura popular.

Ah! Só mais um pouquinho. São tantas coisas que essa divindade nos repassou que ia esquecendo — ele tinha a posse do “LIVRO DE SÃO CIPRIANO” (seções de cartomancia, exorcismos, fantasmas, magia da sorte, tesouros escondidos...). A propriedade dessa obra fazia do possuidor um ente “quase sobrenatural”. Após a sua morte houve uma procura desenfreada por esse livro. Só que até hoje não se sabe o paradeiro dele...

LÁ VEM A BIRUTA

Francisca Carlos de Melo, a Biruta



Arquivo: Motinha.

Na minha adolescência pude conviver com pessoas especiais. Essas “criaturas do bem” sofreram toda sorte de preconceito, recebiam o medo estampado no rosto dos seus pares e alegravam o meu coração.

Quem não lembra do Mané Doido, da Rita Cristino, do Seu Leiriano, do Quirino dos Gatos, do Chiquinho Dente de Ouro (anão que fazia as vezes de carteiro no Poço das Pedras)? A lista é imensa e repleta de prodigalidade. Para os que não se contentaram com a enumeração, podemos acrescentar a Antica, o Bem-te-vi da Dona Santa, o Raimundo Grepe, o Sebastião Bel, Doinha e tantos outros.

Mas, hoje quero falar um pouco de um ser “especialíssimo”. Trata-se da nossa “Biruta”, a Francimar (Francisca Carlos de Melo). Vivia ela da caridade alheia, a perambular pelas ruas da cidade. Lembro que ela morou em diversos lugares estratégicos. Recordo de um quartinho de barro lá nos altos despovoados. Hoje esse local é conhecido como “Alto da Biruta”. Posteriormente, o Colégio São José (conhecido como o “Prédio Velho”) a abrigou por alguns anos. O certo é que a Francimar ficava onde lhe davam guarida. Por último, passou o resto de seus dias no “Abrigo da Mococa” (entidade filantrópica presidida pela Arlete Melo).

Escutava-se, à boca pequena, que Francimar ficara perturbada após um parto indesejado pela família. Dizem (não posso atestar a veracidade) que à época da construção da ponte que liga Groáiras a Sobral, ela ficara prenhe de um “cassaco” (trabalhador na construção civil). E essa gravidez atçou a ira de seu pai, Isidro, que veio a molestá-la fisicamente e causou essa perturbação mental irreversível.

O certo é que a Francimar (era assim que eu a chamava) fez parte da rotina e da convivência e do imaginário de muitas crianças, que assim como eu não tinham noção dos atos praticados e dirigidos a essa pessoa “singular”. Era uma época em que o assistencialismo e a proteção aos necessitados praticamente não existiam. Os particulares é que faziam as vezes do Estado.

Faltou apenas um singelo comentário: quando o Senhor Isidro ficou inválido, na velhice, adivinhem quem cuidou dele? – a nossa “Biruta”, a Francimar.





O POÇO DAS MULATAS



Hoje eu quero lhes falar/ de um ponto “quase turístico” /lá no sertão do Ceará/ se a minha memória não está coroca/ e o meu cérebro ainda faz história/ trata-se de um poço bem profundo/ lá na fazenda Muriçoca/ à época, lá pro final do mundo.

Ouvi muitas histórias bonitas/ contadas pelas tias Antônia Feijó, Rozena, Dôzinha e Aracy/ tomando café à beira de um pilão/ não sei se fruto da imaginação/ ou conversa de tititi.

O fato é que pelos anos de hum mil e oitocentos e tanto/ como que por um encanto/ uma trupe de ciganos libertinos/ aportaram nas terras dos Guarinos/ não se sabe vindos de onde.

Acho que eram fugitivos/ porque buscavam sempre abrigo/ longe dos olhares furtivos/ distantes de seus locais primitivos.

Cinco donzelas ciganas/ oriundas de uma mesma parentela/ faziam parte dessa caravana/ esbeltas e cor de canela/ vestiam trajes de gala/ adereços mil portavam/ e muitos trejeitos na fala.

Nas terras hospedeiras/ ali água não havia/ e para tomarem banho as beldades/ com uma cuia na mão e uma pequena bacia/ toda tarde ali seguiam/ ao leito do rio vicinal/ um grande poço mostrava-se como sendo o lugar ideal.

Coberto por uma grande ingazeira/ longe dos olhares curiosos/ tomavam banho sem roupa/ mostrando as suas vergonhas/ ninguém podia ver as partes intatas/ apenas as águas desse berçário/ seriam o palco e as testemunhas/ daí é que surgiu o nome lendário/ o longevo Poço das Mulatas.



O VELHO CANOEIRO E O MEU PAI



Do lado oposto do rio, o homem de olhos azuis, barba por fazer, coração acelerado de amor, peito aberto rumo ao horizonte, fixa o olhar nas águas que levam à outra margem, esperando ansiosamente pela chegada do filho vindo da escola. As chuvas foram abundantes e o único meio de transporte disponível é a velha canoa do mestre João Lopes.³

O banquinho de sabiá escorrega nas finas areias, enquanto mãos delicadas e frágeis buscam o relógio de bolso, datado de 1910. O ponteiro menor está quase no número cinco, enquanto o maior, mais agitado, marca o número dez. Dez pras cinco da tarde. Gradualmente, os tripulantes começam a chegar e as expectativas ansiosas deixam nos rostos uma expressão de acolhimento e despedidas felizes. Tanto a margem direita quanto a margem esquerda do rio experienciam essas emoções cotidianas.

E a canoa do mestre João Lopes surge no horizonte como se desbravasse novas terras ou trouxesse um remédio para aliviar as dores da saudade. O velho canoeiro desponta no além, chapéu com abas largas, remando contra a correnteza, como se estivesse reaprendendo a remar, ao sabor do vento, atravessando sonhos e ilusões. É preciso cuidado para não pisar em cima de porcos e galinhas, que, acompanhados de seus guias, procuram pastagem em outros horizontes.

As tábuas de madeira improvisam um assento desconfortável e flexível. Com o balanço das águas, o sistema nervoso central perde o equilíbrio, o velho estômago fragilizado é afetado pelo distúrbio. Alguém começa a tossir repetidamente e, de repente, um jato de líquido esverdeado cai sobre os sapatos conga de um garoto com uma pasta de livros nas pernas. O menino tenta se manter de pé, desequilibra-se. Seu João Lopes o segura, próximo ao remo. “Estamos quase chegando. Só falta um pouquinho”.

³ João Lopes era pedreiro e, quando os rios enchiam, desempenhava a função de canoeiro. Morava vizinho à casa do Senhor Neuton Melo e era sogro do fotógrafo Biscoito.

Assim, a canoa atraca, os passageiros e seus pertences descem, abraçam os ansiosos que esperam e, como num passe de mágica, ela embarca novos sonhos para a outra margem do rio. O homem de olhos azuis beija o filho, pergunta como foi a tarde na escola, sente um cheiro azedo, e antes que o filho explique, ele guarda o relógio no bolso, suado pelo contato das mãos com os batimentos dos ponteiros e do coração. Mas antes de guardá-lo, olha bem as horas e escuta alguém cumprimentá-lo: “Boa tarde, Sr. Júlio!”. Cinco e cinquenta. Dez pras seis da tarde... Dez minutos para a Hora do Ângelus...



AÍ TEM BAINHA PRA FOICE?

José Ximenes Albuquerque, o Zé Cassimiro



Arquivo: da família.

Pessoas iluminadas sempre existiram e, à sua maneira, abrandam o sofrimento de pessoas carentes na linha de pobreza mais elementar. A área de saúde em décadas passadas sempre foi a mais deficitária. O tratamento do bem-estar era à base de banhos, sangrias, massagens, sol, dieta, comprimidos de cibazol, melhoral, cibalena, unguentos de penicilina, injeção de benzetacil, óleos, resinas e plantas medicinais. Era nesse entremeio efervescente que surgiam os “boticários mais modernos”.

O sol castiga o sertão como um braseiro em chamas. O menino Luís arde em febre por mais de quatro dias. A casa mais próxima fica a três quilômetros de distância. Dona Josefa preparou todos os chás, escalda-pés, retirada de íngua na parede, lambedor e nada. Ela já ouviu falar no Miguel Braga em Cariré, no Inácio Macedo em Macaraú, no Dr. Ramos em Sobral, no Jerominho em Groáiras. Todos exerciam a prática da medicina com abnegação. Mas, como ir a algum desses lugares com uma criança doente sem nenhum tipo de transporte disponível? Dona Josefa pediu socorro ao Senhor Chico Cassimiro.

Era assim que se vivia a saúde nas décadas de 1950, 1960 e meados de 1970. As pessoas morriam nos sertões pela falta de atendimento básico. O Mago pede licença para entrar na sua casa, mexer nos gravetos do fogão à lenha e fazer um delicioso café. Como

complemento, uma porção de mandioca frita. O rádio ABC a pilha quatro canais enfeita a sala da casa, ganha um guardanapo branco de cobertura e espera ansioso pela hora do “Varandão da Fazenda”. Recordar o passado é ter a certeza de um presente melhor e um futuro alicerçado no conhecimento de quem nos antecedeu.

Do lado direito da cortina, no outro dia bem cedo, dona Josefa ouviu o tropel de um cavalo nas imediações. Luís ainda arde em febre e sua pele transita do alaranjado para o amarelo anêmico. O Senhor Chico traz em sua garupa um rapaz distinto com uma maleta preta na mão.

O jovem boticário põe a maleta em cima da mesa da sala e pede para ver o paciente. Dona Josefa o leva até a camarinha e assim que ele vê o doente, arfante e com a cor amarelada, de súbito, passa em sua cabeça a causa daquela enfermidade. Solicita a abertura de todas as janelas, pede para esquentar bastante água e providenciar panos bem limpos. Seria o caso de uma sangria urgente.

– Parece ser um problema de pulmão. A respiração dele está ofegante. Tem muito ferro nas veias sanguíneas. Vou retirar meio litro de sangue e esperar até amanhã o estado de saúde do Luís. A senhora autoriza o procedimento?

Dona Josefa não tinha alternativa. O “prático” pediu as compressas bem quentes para colocar sobre o braço do garoto até que as veias estivessem em estado de intensa pulsação. E, assim, a sangria foi realizada com sucesso. Em pouco tempo o garoto dava sinais de melhora. Aviou ainda o chá de alecrim para “expectorar os peitos”.

Enquanto isto, do lado esquerdo da cortina, uma grande mercearia funcionava a todo vapor na rua principal da cidade. As filhas tomam conta da calçada para o atendimento. A diversidade de mercadorias é tamanha que muitos dizem que se encontra até “banha pra foice”. E o carro-chefe dessa clientela seria o atendimento farmacêutico. Ali podia-se encontrar as novidades mais recentes para curar todos os males: Elixir de Nogueira, Regulador Xavier, Emulsão Scott, Biotônico Fontoura, Cachaça Alemanha, Mertiolate, Pomada Minancora, Óleo de Rícino, Fosfora, Iofoscal, Pílulas do Mato (ou Mattos), dentre outros.

As “receitas” mais corriqueiras eram feitas ali mesmo no calor da confusão. Porém, quando era algo mais complicado ou que requisesse sigilo, havia um “reservado” para os queixumes e o aviamento do remédio, a fim de que a identidade do paciente fosse preservada.



O tempo passou com a velocidade própria da época. Era uma manhã ensolarada e a fila para o atendimento na mercearia já era enorme. Uns falavam, outros se mostravam meditativos. Lá no final da fila, uma senhorinha de cabelos grisalhos fazia companhia a um rapaz alto e corpulento. Caminhavam lentamente talvez para uma receita de rotina. O certo é que quando chegou a vez dela, ela se empertigou toda e falou:

– Bom dia, Senhor José Cassimiro⁴! Hoje eu não vim receitar ninguém. Sou a Josefa, lembra? Trouxe o meu filho Luís pra que o senhor veja o homem que ele se tornou. Ele sempre me pedia para que eu viesse até aqui para lhe agradecer pela vida dele. Sei que o senhor deve contabilizar casos parecidos, assim como eu ouço também o relato de muitas outras pessoas que alcançaram a saúde através de suas mãos abençoadas. Eu e meu filho só podemos desejar ao senhor muitas felicidades e muitos anos de vida. Que o Senhor Deus lhe abençoe...

Enquanto isto, na lateral do cortinado, um rádio a pilha sussurra na voz do locutor do “Varandão da Fazenda”:

– A gente nunca esquece uma pessoa de luz que passou em nossas vidas. A lembrança estala que nem a mandioca no óleo quente...

4 José Ximenes Albuquerque, enfermeiro prático, aviava receitas na base da oralidade. Possuía um grande comércio, tipo armazém “tem de tudo”, na rua Monsenhor Linhares.



CASAMENTO COLETIVO



Assisti ontem pelas redes sociais à cerimônia inusitada de um casamento coletivo numa cidadezinha do interior. A lembrança do “felizes para sempre” descreveu em tempo real a aspiração que todos têm em dizer o “sim” engasgado por anos a fio. Esse acontecimento merece uma “pausa” no tempo. Lembrei-me das fotografias em “preto e branco” (símbolo da mais pura arte) e que deram lugar aos instantâneos cliques e “selfies”. Entalar a felicidade não depende de tecnologia, de um vestido branco ou de um buquê pronto para ser arremessado ao final do espetáculo. Mas, afinal, é preciso de um “empurrãozinho” para que essa felicidade deslanche.

Pude ver o rosto angelical das noivas e a seriedade acrônica dos noivos. É como se tudo começasse do zero. Uma faxina geral no ambiente da vida até então despida das bênçãos de Deus. Engraçado como a formalidade é capaz de despertar os mais puros sentimentos de amor “na alegria e na tristeza, até que a morte os separe”. Nesse momento ímpar, fiz um paralelo entre o evento, a arte e a poesia. Surge a indagação: “Para que serve o casamento”? Eu associei o fato: “Para que serve a arte e a poesia”? São momentos retratados para dar maior leveza ao espírito e acreditar que tudo nesse mundo “vale a pena, quando a alma não é pequena”.

A arte de fotografar, a poesia decantada no rosto dos nubentes, a formalidade do casamento adiado pelas agruras da vida têm tudo a ver com essa felicidade atemporal, impossível de parcelar em até 36 vezes sem juros no cartão de crédito... basta um sorriso e a fé de que tudo vai dar certo... “O tempo não para e a gente ainda quer correr...”

O QUE EU DIRIA A MEU PAI



Foto de família: Eu e meu pai (Júlio Raimundo de Melo).



Filhos! Ah! Os filhos nunca deixam de sentir o nosso aconchego. Mesmo assim, agora criados e portando suas individualidades, eles necessitam voar, precisam sair do ninho, pois agora têm as asas prontas para alçar sonhos, conquistas, decepções.

Chega uma fase de nossa vida em que “as crianças” começam a sentir gosto pela liberdade e aquele cordão umbilical não é mais “o morango” da vida deles. A dinâmica é outra. Cada um necessita de seu próprio espaço, porém com uma considerável dose de respeito, acolhimento e amor.

Nesse processo, os pais permanecem como uma espécie de escudo protetor. Ficam à espreita e, ao menor sinal de desequilíbrio, lá estão eles com as armas em punho, esperando apenas que o comandante (o filho) acione o tiro da misericórdia.

E o que falar da ausência desse escudo quando o titular desse arsenal perece? O mundo desaba. Mecanismos de defesa nascem ainda palmilhados pelo aconchego do ninho que nunca foi desfeito. O emaranhado daqueles cipós gastos pelo tempo ressurgem tal qual uma madeira forte e guardiã. O “berço” não foi apagado pela escuridão. Ao contrário, surge uma luz de lembranças, vozes, gestos, carrancas, carícias. E nesse embolado de sentimentos, os pais ali estão, sempre dispostos a nos ajudar, mesmo no infinito.

Diante dessa narrativa, nada melhor que uma carta tradicional na intenção de todos os heróis anônimos chamados de pai. Não poderia me isentar diante do meu “campeão” e assim o faço olhando para sua foto. Tenho certeza de que, ao lê-la, cada um irá lembrar o seu “ídolo”. Se presente, reconheça. Se ausente, olhe nas estrelas cadentes do céu e faça uma prece de agradecimento.





CARTA AO PAI AUSENTE



— Poxa! Meu velho! Os anos passaram e eu não os assimilei como deveria. Desde a tua partida, sinto um vazio enorme no peito, uma saudade incontrolável em te chamar nos momentos de alegria e de dor. O tempo voa, mas as asas desse ciclo me deixaram despeñado de tua generosidade. Às vezes converso sozinho tentando te contar as minhas aventuras, as minhas conquistas, mesmo tendo a consciência das tuas críticas e sugestões. O tempo, esse mestre implacável, tem-me ensinado o que escutei de ti anos atrás. É por isso que, muitas vezes, fico confuso ao perceber o tempo e a tua pessoa como uma mesma entidade. Aquela entidade com defeitos, porém meus olhos não registravam essas imperfeições. Tu sempre tinhas uma resposta para mim e, quando ficavas em dúvida, não tinhas vergonha de dizer que ias saber a razão do meu questionamento.

Aprendi contigo tudo o que hoje sei e muitas outras coisas que se perderam ao longo do meu caminho. Talvez se perderam por causa da ansiedade em crescer o mais rápido possível e mostrar para ti o quanto eu era capaz. É desse jeito... Hoje me sinto uma metade desencaixada, um pedaço do que um dia fui. Engraçado, parecias duro em certas ocasiões. Noutras, uma cera derretida seria o teu disfarce perfeito. Quando me castigavas, em meio às minhas peraltices, eu disfarçava e cheguei a flagrar o teu rosto vermelho e banhado em lágrimas. Lembra? Por essas e muitas outras, hoje estou em paz.

Sou sangue do teu sangue, carne da tua carne, ainda que a saudade me faça escorrer aquele fio de sentimento nos dois lados da face. Herdei de ti essa alma sensível! Somos um elo “em comum”! Prometo por todos os meios germinar uma pontinha de orgulho nesse teu coração iluminado. Um dia iremos nos encontrar e o tempo não será mais nenhum empecilho para nós. Mataremos a saudade sem pensar em datas ou agendamentos. Riremos à beça desse tempo opressor e dessa saudade avassaladora... Posso sentir, agora, o teu sorriso de orelha a orelha... O eterno será para nós um até breve...

A ARTE COMO OFÍCIO

Francisco Maciel Mendonça, o Pachico



Arquivo: Motinha.

Quando se fala em artista, costuma-se pensar em pessoas da mídia, superiores e com um imenso legado pra humanidade. No entanto, “artista” abarca um leque muito mais abrangente. É o indivíduo que se dedica às artes ou faz dela um meio de vida.

Outro dia, lendo sobre os trabalhos do escultor Michael Alm, achei muito oportuno o que ele conceituou característico no artista: “É a capacidade de improvisar e explorar ideias, a capacidade de fazer trabalhos novos e interessantes e a capacidade de viver um estilo de vida não convencional”.

Comungando com esses conceitos, abro a cortina do palco fechada há décadas em minha imaginação. O Mago volta aos anos 60, 70 e 80. A plateia do ar-condicionado e afeita à tecnologia dá lugar a uma típica cidade do interior e com suas nuances bem características. O teatro reproduz o dia a dia de um trabalhador qualquer.

Todos os dias, acorda cedo, toma café e se encaminha para o ofício como quem segue o próprio destino. Todos o conhecem e o respeitam como um artista. Faz do seu ganha-pão o seu credo. Abre a sua loja na Travessa Madeira de Matos pontualmente às 8 horas. A sua principal inspiração é o couro e dele retira toda a sua criatividade.

E a clientela sempre aparece com uma solicitação individual:

– Bom dia, Pachico! Meu sapato furou, o meu cinto precisa de um novo furo porque engordei além do que devia e a sela do meu cavalo precisa de um arreio novo. Ah! Já ia me esquecendo. Vou ali fora pegar uma mala pra que você recoloque o zíper.

O artista sorri diante da contrariedade do cliente e com a naturalidade de um artesão experiente, responde:

– Sim, vejo que os sapatos necessitam de uma meia-sola, o cinto abrirei mais dois furos caso você engorde um pouco mais e, quanto aos arreios, não preciso mais do que umas horas para deixar sua sela novinha em folha. Vá pegar sua mala pra gente tirar a medida certa do zíper.

Nesse breve intervalo, aparece um garoto com um papel e um lápis na mão. Ele olha pros lados e vê bolas, sapatos, sandálias, bolsas escolares esparramados pelo chão. Entende então a importância daquele trabalho e ganha um incentivo extra na pesquisa.

– Bom dia, Senhor Pachico! Estudo no Centro Educacional Padre Mororó e o meu professor de Artes pediu pra que eu realizasse uma pesquisa sobre a profissão de “sapateiro”. O Senhor poderia me relatar em resumo o que significa ter abarcado essa profissão?

– Pois não. Com prazer. Adquiri o hábito de mexer com o couro cru com o meu pai. E foi amor à primeira vista. Abri esta sapataria nos anos 60 por necessidade de criar a família e ter o meu próprio negócio. Era um garoto que ia à escola, mas sempre mantive o olhar para as artes manuais, principalmente em relação ao couro... Cada cliente tem uma necessidade especial. Preciso ter esse jogo de cintura e entender o que realmente o cliente necessita. Não adianta tapear o serviço. Se não tiver conserto, falo que não vale a pena embromar...

E a conversação segue...

O entrevistador anota tudo no papel, em cima de um balcão. De vez em quando o artista corre à máquina de costura e, entre o barulho dessa e outras ferramentas, o estudante pode sentir o cheiro da cola e o aroma do couro cru espalhado por toda a sala.

Nesse instante, um cliente chega com uma mala segurando nas duas mãos e a coloca em cima de uma cadeira ao lado. O artista olha pra ela e em poucos segundos mede o tamanho do zíper com uma trena.

Enquanto isto, o estudante, satisfeito pela entrevista realizada, agradece ao artesão e pensa com seus botões:

“Jamais imaginei que consertar os ‘pés’ de alguém desse tanto trabalho. É por isso que os sapatos e sandálias conhecem todos os lugares que andamos. O conserto não é uma questão de apego, é uma sensação de pertencimento. Cada calçado traz uma memória, traz uma estrada percorrida e ele pode revelar o caminho que percorremos tão bem quanto o artista percorre os dedos sobre a costura no couro cru”.

E assim, todos os clientes saem satisfeitos pelo trabalho do mestre. A cidade inteira passou anos e anos usufruindo desse serviço tão importante. E o Senhor Pachico (Francisco Maciel Mendonça), versátil, inovador, perito, manuseia o couro como quem brinca com uma pasta de moldar. E, até hoje, mantém o seu pequeno ateliê em casa. Alinhava daqui, alinhava de lá e o resultado final surpreende.



DONA “PARÓQUIA”

Foto atual da Matriz da Igreja de Nossa Senhora do Rosário
Groaíras Ceará



Arquivo: Motinha.

ELA nasceu aos doze dias do mês de dezembro do ano da graça de hum mil novecentos e quarenta e três (12/12/1943). Sua vida penosa não foi empecilho para atravessar tormentas e tempestades em alto mar, apesar de viver no sertão agreste do interior do Ceará.

Hoje, ao arrumar os cabelos brancos diante do altar, prepara-se para comemorar o seu octogésimo aniversário (80 anos). Não foi nada fácil chegar até aqui. Tal qual um avião em turbulência, houve momentos de bonança. O barco não naufragou, o aeroplano plaina tranquilo diante da paciência de Jó e ELA continua firme seguindo os preceitos de sua tataravó.

Acostumou-se a rezar o rosário desde a mais tenra idade e os três terços diários nunca foram dedilhados pela metade. Nesses oitenta anos ELA participou ativamente de todos os eventos da comunidade e das comemorações em honra à Nossa Senhora do Rosário (27 de setembro a 7 de outubro), seja nos braços de sua mãe, seja como Apóstola do Santíssimo Sacrário.

E assim, ELA desfila altiva rumo à Matriz com as mesmas pegadas de outrora. Permanece suave como a aurora e feliz como as andorinhas que sobrevoam o sino secular e encanta a todos com o badalar de um feliz destino.

ELA ainda consegue escutar o arrastar das vassouras das irmãs Craveiro, sentir o aroma do café do Senhor Luís Simão e de Dona Aurora debaixo dos tamarineiros, recorda cada prenda do leilão e aspira o cheiro divino da cola da sapataria do mestre Zé Sabino.

As primeiras letras do mestre Cordeiro ressoam como luz e se misturam às ladainhas cantadas e às fitas encarnadas sobre os ombros da Irmandade do Coração de Jesus.

Os filhos, netos e bisnetos estão adultos e professam os mesmos ensinamentos, com algumas variações, mas sempre atentos aos dogmas cristãos.

Ao olhar para trás, revive gloriosa a sua ascendência desde o século XVIII (pelos idos de 1712). Era uma capelinha em efervescência, Riacho dos Guimarães, tentando fincar raízes numa terra remota e, tal como a Virgem da Assunção, ausculta atenta o silêncio possante das mães bem no íntimo do coração.

ELA sintetiza a todos nós, atende pelos nomes de Marias, Rosários, Anas, Joanas, Josefás, Joaquinas, mulheres empoderadas e sem voz. Para esta matrona não importa a variação nominal e ELA nos socorre por inteiro, imparcial.

Sob a batuta do Padre Jocélio ainda brota na memória afetiva a assinatura de sua Certidão de Nascimento pelo bispo Dom José Tupinambá da Frota.

A Cúria Diocesana conclama solene:

– Paróquia Nossa Senhora do Rosário de Groaíras?

ELA responde lá do alto do coreto, empertigada e contente, octogenária, cabelos nevados ao vento:

– PRESENTE!!!!...



O DIVINO E O PROFANO

Foto antiga da Igreja Nossa Senhora do Rosário em Groaíras Ceará.



Arquivo: Motinha.

Eram meados dos anos quarenta (hum mil novecentos e quarenta e...). O sol do mês de setembro esturricava o chão como brasa. Os festejos em honra à Nossa Senhora do Rosário davam início nesse dia. A banda de música de Santa Quitéria entoava os dobrões da Alvorada na parte externa da Igreja e o Senhor Raimundo Feijão⁵ ostentava o Estandarte do Divino na porta principal da nave.

Aurora⁶ estava deslumbrante com um vestido branco confeccionado pela modista Dona Mariô⁷ e rendado pela almofada da Dona Sebastiana Maria de Jesus.⁸

Chegou à Igreja da Matriz do Rosário bem suavemente, como quem não deseja sujar os trajes nos bancos do Campanário.

Talvez a Dona Chiquinha Craveiro⁹ ainda não tenha passado um pano nos assentos, então Aurora passou suavemente o seu lenço

5 Raimundo Feijão: morava no Sítio Flamengo e possuía uma casa na cidade, na Praça da Matriz, que abrigava a banda de música de Santa Quitéria na época dos festejos.

6 Aurora: personagem fictício.

7 Dona Mariô: Maria Barbosa da Silva (mãe do Seu Burico e uma das mais afamadas modistas da época).

8 Sebastiana Maria de Jesus (Teté): mãe do Seu Joaquinão. Rendava finas peças em casa em sua almofada com enchimento de algodão.

9 Chiquinha Craveiro: morava vizinho à Casa Paroquial. Junto à sua irmã, Maria Craveiro, era responsável pela limpeza da Igreja.

branco engomado pelas mãos da Dona Gerviz.¹⁰ Saiu manchado por um pó fino e enegrecido. Mas, o que seria essa mancha negra diante dos seus pecados?

Nossa Senhora do Rosário sorriu lá do alto do altar e estendeu os braços em sua direção. Aurora sentiu-se importante pela primeira vez. Uma santa de altar lhe estendia a mão. Balbuciou algumas palavras desconexas, pois até mesmo o pai-nosso havia esquecido. Eram muitos anos de ausência num solo sagrado.

Pouco a pouco os fiéis iam chegando. As mulheres estendiam os véus sobre as cabeças e olhavam pros lados, a fim de cumprimentar parentes e amigos. Somente Aurora permanecia inerte a olhar apenas para a santa que tanto lhe agradara.

Passados alguns minutos, Aurora levantou-se para melhorar a circulação das pernas obstruídas pelas veias arteriais no início das coxas. Olhou para os lados e viu aquela figura de perdição que tanto a incomodava. Seria uma tentação do Demo ou uma demonstração da santa em lhe fazer uma acareação entre o divino e o profano? Não deu muita atenção ao que os seus olhos viam. Sentou-se. A missa ia começar.

O Padre Sancho¹¹ vestia uma batina preta e um grande crucifixo balançava dependurado num cordão amarrado pela cintura, que quase beirava o chão. Havia umas palavras que ela nada entendia. Seria o tal do “latim” que ela engolia em seco sem saber o que estava se passando?

Chegou a hora da comunhão. Uma dúvida cruel lhe atravessou o peito. Poderia comungar sem haver se confessado com um padre? E a prece que ela teve com a santa, não lhe servia de confissão? A santa até lhe estendeu as mãos e lhe sorriu. Não pensou duas vezes, iria comungar.

Pegou a fila bem no final e, para sua surpresa, aquela sedução caminhava atrás dela. Comungou e olhou novamente para a santa. Voltou pro mesmo lugar para não manchar o seu lindo vestido branco rendado.

Ao se levantar para ir embora, a tentação lhe entregou uma caixinha amarrada por uma fita esverdeada.

10 Dona Gerviz: especialista nos engomados utilizando ferro a brasa e goma para deixar os tecidos encorpados.

11 Padre Sancho: Francisco Sancho de Assis (primeiro vigário na Paróquia de Groaíras).



– PASSEI NO ARMAZÉM DO SEU PORFÍRIO¹²⁽⁸⁾ E COMPREI PRA VOCÊ.

Ele saiu de mansinho. Ela olhou para a santa mais uma vez e abriu o estojo aveludado. Era um laço vermelho com lantejoulas douradas nas bordas, incrustado num pente curvo, próprio para amarrar os cabelos. Fechou a caixinha com cuidado e a colocou em um bolso na lateral do vestido.

Antes de sair, olhou uma outra vez para a santa e ela já não lhe sorria como antes. Ficou triste e confidenciou no íntimo do coração sem olhar para o nicho do altar:

– PERDÃO! ELE É CASADO E EU SOU CASADA TAMBÉM.

Uma pequena confissão e o ato de arrependimento. Em seguida, pôs a mão direita no bolso do vestido, tomou do estojo aveludado e o deixou anônimo sobre o banco da igreja. Saiu. Avistou a bandeira do Divino e antes de chegar à porta principal, Aurora olhou para trás: a santa estava a lhe sorrir e a lhe estender os braços...

12 Seu Porfírio: dono do maior armazém de miudezas da época.

CRUZEIRO CENTENÁRIO

Cruzeiro Centenário da Matriz da Igreja Nossa Senhora do Rosário
em Groaíras Ceará



Arquivo: Motinha.

Aurora¹³ levantou-se cedinho após o primeiro dia dos festejos em honra à Nossa Senhora do Rosário. A imagem da santa a lhe sorrir e a lhe estender os braços não saía de sua cabeça.

Olhou para o vestido branco rendado que estava dependurado num cabide à sua esquerda. Continuava branco, porém algumas manchas de poeira eram notórias a olhos vistos. Mais tarde iria até à beira do Rio Groaíras lavar as nódoas do vestido e tentar curar as cicatrizes de sua alma.

Antes, porém, necessitava tomar algumas providências urgentes.

Foi até o banco do pote e encheu uma cuia de água pra lavar o rosto. Pegou um pedaço de sabão de oiticica e foi direto ao quintal, colocou a cuia numa forquilha de pau-branco e começou a massagear a face em comandos circulares, conforme Dona Inácia Martiniano¹⁴ lhe havia ensinado. Assim, as rugas demorariam a chegar.

Pegou um punhado de raspa da casca do juá com as mãos e iniciou uma assepsia nos dentes. Ficaram branquinhos como a pluma do algodão ao perceber sua imagem num toco de espelho colado aos talos de carnaúba, do lado direito da porta principal da casa.

13 Aurora: personagem fictício.

14 Inácia Martiniano: morava na Praça da Matriz e era conhecida por sua beatitude.

Logo acima do espelho um quadro da Sagrada Família enfeitava a parede de barro da sala de visitas e no alto podia-se ver alguns galhos secos de palmeira bentos pelo Padre Sancho¹⁵ no Domingo de Ramos. Era a única proteção de que ela dispunha em sua tapera que ficava bem próxima à Lagoa do Capitão Zé Linhares.¹⁶

Abriu a porta devagarinho e olhou pro céu azulado, sem nuvens, o sol já mostrando a sua cara em forma de brasa. Raramente alguém passava na vereda ao lado de sua morada. Apenas os oleiros do Senhor Raimundo Cesário e alguns pescadores de piabas e cangatis nos poços que conseguiam sobreviver ao sol escaldante em meio ao leite ressequido.

Hoje seria o segundo dia dos festejos. Voltou pé ante pé para não acordar o Espiridião e as crianças. Entrou na camarinha escura e pegou o seu vestido de morim confeccionado pela Dona Maria Mendes¹⁷ e tingido na Panelada¹⁸ pela Dona Sebastiana Saião.¹⁹

Acabou de se vestir na cozinha defronte ao pilão de aroeira e a um velho fogão que só mostrava as cinzas do dia anterior. Iria tomar um cafezinho minguado na casa de sua madrinha Angélica.

Havia combinado encontrar com a Antônia Porfírio²⁰ para, juntas, traçar os pormenores do leilão no penúltimo dia da festa. Saiu cantarolando sem pensar os pecados anteriores. A tentação do Demo teria dado a última cartada ontem, lá na Igreja, após a comunhão. Jamais voltaria a cometer o crime de adultério. A santa lhe havia dado sinais de que não se sentia confortável com tais práticas pecaminosas.

Passou diante da delegacia e avistou o delegado Antônio Ramos²¹ conversando com o Major Pante²² e com o jovem Raimundo Antônio Cassimiro²³ sobre um possível furto de galinhas na Casa

15 Padre Sancho: primeiro vigário da Paróquia de Groaíras.

16 Capitão José Linhares: dono da maioria das terras do povoado.

17 Maria Mendes: costureira.

18 Panelada: várias casinhas construídas nos fundos da casa grande do Capitão José Linhares na Praça da Matriz, que abrigava pessoas do povo.

19 Sebastiana Saião: vivia de fazer os mais diversos biscates para sobreviver.

20 Antônia Porfírio: comerciante e a principal arrumadeira do leilão na época dos festejos.

21 Antônio Martins Ramos: Delegado de Polícia nomeado.

22 Major Pante: Francisco Rosendo de Matos (latifundiário e benfeitor da comunidade).

23 Raimundo Antônio Cassimiro: futuro vereador e prefeito. Idealizador do projeto, que tornou possível a emancipação do município de Groaíras. Possuía uma visão de futuro como ninguém.

Paroquial, cujo delinquente havia escapado no quintal do Senhor Zé Olímpio.²⁴ Seguiu em frente.

Ao chegar na Praça da Matriz ergueu os olhos ao céu. O horizonte azulado lhe mostrava as nuvens escassas e lhe direcionava à imponência da Igreja Secular. Não entendia muito de curvas arquitetônicas, mas compreendia por demais das curvas do coração. Aí se encantava com os detalhes da construção atemporal.

Elevou novamente os olhos e deparou-se com o símbolo maior do Cristianismo, o Cruzeiro. Incrustado no ponto mais alto e simétrico do Campanário abençoava a todos com os braços abertos em todas as direções. Parou diante desse simbolismo religioso e ficou extasiada diante daquela força sobrenatural. Ele resistia ao tempo e guardava mistérios, tal qual o famoso livro do Frei Vidal da Penha, que ela ouvira falar na casa da benzedeira Rosa Costa,²⁵ ocasião em que tratava de uma espinhela caída.

Fez o sinal da cruz e ali mesmo rezou uma breve oração improvisada diante do Estandarte do Divino, que estava a postos desde o dia anterior...

24 Zé Olímpio: também latifundiário e possuía uma casa na Praça da Matriz.

25 Rosa Costa: rezadeira para todos os males.





SINAIS DE PONTUAÇÃO EM POLVOROSA



O livro permanecia fechado. Alguém o colocou numa prateleira empoeirada. Passaram-se os dias, meses e ninguém dava atenção ao pobre compêndio, esquecido. As folhas espremidas pelo descaso ficavam a pressionar os caracteres gráficos no momento em que o eco de passos apressados era ouvido de quando em vez no entra e sai da biblioteca desarrumada. Cada arrastar de pés era motivo de alegria e desprendimento do livro, tombado em seu desprezo temporal. Mas ninguém se aproximava para folhear aquelas páginas ávidas e transbordantes de conhecimento.

Então, de repente, todos os sinais de pontuação começaram a enunciar sua importância e a reclamar pela falta de oxigênio e pelo bolor acumulado diante da indiferença no manuseio. As emoções, intenções e anseios apresentavam um estado de desarrumação e calamidade geral.

O ponto de interrogação foi o primeiro a se manifestar (?):

– Preciso que alguém me faça alguma pergunta. Já não aguento tanta indiferença. Como posso expressar os sentimentos de indignação, surpresa ou expectativa, se não consigo nem sequer mexer a ponta de meu guarda-chuva inquisidor?

O ponto final retrucou, macambúzio e insolente (.):

– Minha função principal é indicar, na escrita, uma pausa maior na leitura pelo fato de haver uma finalização na oração. Até mesmo o final das frases ou período simples de sentido completo me fazem ver que o meu uso seja indispensável. Preciso dar sentido ao texto e dar descanso ao leitor na sua compreensão, por isso necessito urgentemente pôr um ponto final a essa letargia.

O ponto de exclamação na sua postura de soldadinho de chumbo protestava (!):

– Freei em expressar os sentimentos de súplica, empolgação, surpresa, reclamação e horror. Até mesmo as interjeições e locuções interjetivas me foram surrupiadas. Inclusive os vocativos calaram o chamamento, num sinal apelativo de mais profundo protesto. Estou

cansado de ficar perfilado e ninguém a me olhar com aquela emoção de que tanto gosto!

As reticências, receosas e desconfiadas, choramingavam (...):

– Não podemos dar continuidade no pensamento ou na enumeração por simples falta de quórum. Os trechos suprimidos anteveem o descaso dessa literatura aprisionada. Gosto tanto de omitir o pensamento e ficar à espera do próximo raciocínio...

Os parênteses, como colheres côncavas e convexas, enclausuravam o entendimento numa singela crítica (())

– Foi-nos tirado o dom da explicação e a referência às fontes bibliográficas parece não ter nenhum sentido já que há muito estamos sufocados pela incompreensão humana. É tão agradável cercar a explanação e dar fundamento à matéria. Alguns falam que somos dispensáveis, mas quem fala assim não entende nada de beleza literária.

As aspas, imponentes como vírgulas dobradas, relativizavam o poder da expressão e num tom de ironia gritavam (“):

– Nossas transcrições e frases de autoria de alguém se perderam no esquecimento. Nenhum neologismo, nenhuma palavra estrangeira ou até mesmo gíria e apelido consegue ultrapassar a fronteira dessa poeira insustentável. Diante desta inércia, até prefiro quando cerco uma palavra e ela muda de sentido rapidamente. Desse jeitinho: – Ele parece ser seu “amigo”. Olho desconfiado e entendo perfeitamente o que você está querendo dizer. Nesse caso “amigo” vira “inimigo”. Há! há! há!

Os dois pontos, confundidos na matemática pelo sinal de divisão, enumeravam a lista de reclamações e citavam as referências ou introduções de fala (:):

– Deixamos de esclarecer os resumos, as notas, exemplos e observações. Inclusive, as orações apositivas perderam o seu poder introdutório. Estou quase a perder o fôlego com este pó filigranado, o que deixa minha entoação descendente altamente prejudicada.

O travessão, em sinal de descanso, expressava um comentário digno de opinião (—):

– Tento indicar a mudança de interlocutor em um diálogo, porém a falta de hábito me faz separar as orações intercaladas e evidenciar frase, expressão ou palavra. Minha utilidade é proporcionar maior clareza às falas e o escritor bem-educado adora a minha



serventia. No entanto, estou deitado há semanas, impaciente, sem apresentar nenhuma conversação.

O ponto e vírgula, desajeitado a separar itens, a pausar diante de uma conjunção adversativa, insinua (;):

– Separo as antíteses e evito o excesso de vírgulas ao separar orações coordenadas, mas diante do exposto peço data vênica, já que necessito de dois sinais para resumir o sentido de apenas um sinal. Indico uma pausa maior do que a vírgula, é só o tempinho para o leitor tomar um pouco de água.

A vírgula, diante de tantos usos contidos, dá cambalhotas e sus-surra (,):

– Tenho funções diversas e são inúmeras as minhas incumbências. Causo dúvidas até mesmo nos escritores mais experientes. Marco as pausas e as inflexões da voz na leitura, separo expressões e orações, impeço qualquer ambiguidade e...

.....

Não foi possível a vírgula enumerar as tamanhas façanhas de seu emprego multifuncional. Passos próximos à prateleira empoeirada se avizinham ... e uma mão amiga, portando uma batina surrada, resgatou o compêndio esquecido e o limpou com a ponta dos dedos calejados de sabedoria.

Abriu o livro...

Todos os sinais de pontuação correram felizes aos seus devidos lugares...

ARRELIA - O GATO PRETO DA DONA ETELVINA



Dizem que o gato preto dá azar. Confesso que tenho lá minhas crendices e não dou a cara a tapa diante de algumas superstições populares.

O certo é que o felino preto da Dona Etelvina, o Arrelia, passeia garbosamente por cima dos muros da Rua Marcolino Olavo e adjacências. O bicho é audacioso e se encrespa todo quando alguém o encara. Minha mãe quando o avista faz o sinal da cruz e bate três vezes na madeira para afastar os males da outra vida.

Um dia desses, minha mãe perguntou para a vizinha onde ela tinha arranjado esse apelido tão esquisito para pôr num bicho mais esquisito ainda. Ela respondeu que esse era o nome de um palhaço brasileiro muito famoso e que ele lhe lembrava o jeito pelo qual o gato apareceu miando ainda novinho: cheio de trejeitos e movimentos desconcertantes. Arrelia, o palhaço, era alto e desengonçado, tal qual o gatinho preto recém-nascido.

O bichano cresceu não tão desengonçado como previa sua dona. Cresceu tanto que mais parecia uma pantera negra. A pantera simboliza coragem, valor e poder. E todas essas qualidades o gatinho possuía de sobra.

Arrelia amanhecia o dia como gente grande. Bebia o leite mugi-do do curral do seu Artur Moreira e ainda ficava se enroscando por entre as pernas da Dona Etelvina a pedir um petisco de maior sus-tança. Precisava se fortificar para iniciar os passeios pelos muros da

cidade. Não gostava de perambular pelas ruas como um gato sem dono. Tinha pedigree.

Logo pela manhã, após o desjejum, ele tinha o hábito de pastorear os alunos da Escola Paroquial. Examinava os pupilos, um por um, e tal qual um malabarista de circo, se enroscava por entre as frestas das telhas sem ser percebido por ninguém. Assistia às aulas do Monsenhor Cleano e arriscava dar um miado em francês para se sentir diferente dos outros gatos.

Tal qual um filósofo, conhecia o íntimo das pessoas como ninguém. Quando seus olhos amarelos batiam em alguém, arrancavam dele todos os sentimentos, bons ou ruins. Se o pelo tomasse a forma de um leito macio aquele sujeito era do bem. Caso contrário, se o indivíduo apresentasse intenções desabonadoras, Arrelia se encrespava tal qual um porco-espinho. Dona Etelvina conhecia bem esse comportamento.

Com o instinto dos felinos selvagens, Arrelia, após os estudos na Escola Paroquial, seguia direto para o Mercado Público, sempre por cima dos telhados para não despertar a curiosidade das pessoas. Ouvia atentamente os queixumes dos frequentadores dos bares e dos cafés. Amava a poesia dos bêbados e o barulho das xícaras solitárias por cima dos balcões.

Sentia certo desgosto quando era enxotado. Não entendia como o bicho homem se relacionava com ele. Bastava aparecer na frente das pessoas e logo era motivo de toda sorte de ataques e de exorcismos desnecessários. Cumpria o seu papel. Era um bicho animal competindo com o bicho homem na lei da sobrevivência.

Chegada a hora do almoço, corria para casa majestoso sobre os telhados e o pelo preto se assemelhava a um cobertor de lã reluzente à luz do sol. Enroscava-se pelas pernas da dona e miava aquele miado de criança pidona. Ela era o único vivente que entendia o seu melanismo. Vivía apartado de todos pela cor de sua pele.

À tardinha, pulava de casa em casa até a Igreja da Matriz. Adorava ver as beatas com os véus por sobre as cabeças. Amava ver aquelas tiras cheias de contas coloridas a pularem por sobre os dedos calejados, fazendo compasso com os lábios em um abre e fecha que imitava os alunos da Escola Paroquial nas sabatinas das sextas-feiras. Gostava de fazer brincadeiras com as andorinhas que, alvoroçadas, voavam perplexas tão logo da sua chegada. Assistia às missas das 18 horas com a pontualidade do relógio da Matriz. Sem-

pre escondido sob o manto protetor de seus sedosos pelos pretos e pela pisada macia sem deixar marca ou vestígio.

Logo após a missa, pulava sorrateiro por entre as casas até a hora do jantar. Arriscava-se a trepar na cumeeira da casa e com os olhos de lince vistoriava os moradores que assistiam à TV na coluna da praça.

Quando chovia, esperava a passagem do bode preto do Simão Cassiano. Arrelia lançava um flerte para o irmão de cor. Mas o caprino não lhe dava muita bola. O bode, segundo as tradições religiosas, é a personificação do capeta, do Belzebu e das artes satânicas. O que ganhava em troca era o esconjuro das pessoas: “Credo em cruz Virgem Maria/ bode preto e gato preto é sinal de bruxaria/ ainda mais quando se trata do gato Arrelia...”.

Ele não se acostumava a ser o azar, o palhaço, o acrobata, a pantera, o aluno fingido, o filósofo, o coroinha disfarçado, o psicólogo do bicho homem, o vistoriador. Estava cansado de tantos adjetivos que não lhe cresciam em nada. Queria apenas ser gato. Apenas ser o bichano da Dona Etelvina.

E não é que quando acontecia uma desgraça fatal, os loucos se entreolhavam e diziam: “Hoje eu vi o bode preto do Simão e o gato preto da Dona Etelvina”. E Arrelia, triste e deprimido, subia até a cumeeira da casa para ver o enterro passar...



CAMINHO SUAVE



O gato preto da Dona Etelvina passeia garboso pela beira do rio. Procura o “Poço do Félix” e o encontra na mais profunda solidão. Sente saudades das crianças que pulavam dos oiticicais e das lavadeiras a pôr as roupas na areia fina do “quarador”. Dá cambalhotas em direção à “Camboa” e rasteja nas algas azuis semeadas pelo rastro da carroça do Vicente Camilo.

Segue cabisbaixo rumo à Praça da Matriz. Procura os tamarineiros e o coreto, e não os encontra. Apenas a carnaubeira espalma as palhas ao vento, abraçando os corações dos habitantes solitários. O chafariz chora o desprezo e sucumbe em meio à tecnologia. O bichano enxerga o Salão Paroquial e segue esperançoso em ver as fotos dos alunos nas paredes emboloradas. Nada restou. Nem mesmo o lambe-lambe do Biscoito resistiu ao tempo.

O fole do mestre Burico não mais ilumina a Manoel Jerônimo. As abelhas assassinas ainda se refestelam por cima do corpo do Raimundo Grepe. O gato fareja os sons dos tambores do Sete de Setembro e escuta tão somente o ruído das andorinhas que sobrevoam a Igreja do Rosário. Toma o destino da Rua São José e espera avistar o Curral do Açogue. Nada.

Tudo está diferente. Sente uma dor no peito e vai até o Centro Cultural. Espia as vidraças com o olhar felino aguçado. Nelas há três letras que instigam a sua curiosidade — AGL. O A seria de amor, o G de gratidão e o L de liberdade? Sentimentos que um gato de pedigree almeja alcançar. Avista homens e mulheres vestidos de preto com uma grande medalha dourada no pescoço. Escuta os acordes do Hino Nacional e recorda a Escola Paroquial. Ouve falas, palmas e no final um moço estiloso entoando uma Ave Maria Nordestina num instrumento musical de sopro reluzente.

Ouve alguém pronunciar: Academia Groairense de Letras. Entende então o significado das três letrinhas figurantes na porta principal. Ele se sente aliviado e respira os ares de outrora. Dá meia-volta, solta um miado rasante na língua de Camões e se encaminha novamente para a Praça da Matriz. Nem tudo está perdido. Ainda restam esperanças...

PECADO ORIGINAL AMEAÇADOR

Meu Livro de Catecismo e Manoel Juarez Ramos



Foto: MAJURA (Fotógrafo por várias décadas em Groaíras-Ceará).

Não costumo contabilizar o tempo como quem anota débitos e créditos numa planilha financeira. Confesso, passei dos 60 e dou graças a Deus por isso. Aliás, é esta divindade que sempre está presente em minha vida e me acompanha desde que meus pais me ensinaram que era eu filho de Deus.

Anos de ditadura militar, tudo muito escuro nos céus, respirava-se um ar contaminado de partículas de ódio e opressão. Nesse ambiente, deram-se os meus primeiros contatos com a Igreja. Apesar de todos esses componentes tóxicos da ditadura, havia nos contornos geográficos dos templos um clima de poesia e musicalidade. Ensinava-se que existia o céu, o purgatório e o inferno. Todos sonhávamos com o céu, mas para atingir esse patamar teríamos de seguir uma tabela pré-determinada: catecismo, primeira comunhão, crisma e etcetera e tal.

Tenho muitas lembranças. Algumas me atormentam, outras me consolam. Recordo nitidamente a missa aos domingos sob a vigilância de minha mãe, a fim de não irritar o padre Cleano com gritos e correrias. As crianças daquela época eram bem mais comportadas: bastava um simples olhar para que arrefecesse qualquer acesso de peraltice. Assim, pude seguir confiante todas as etapas do caminho aos céus.

Como nasci filho de Deus, não poderia me isentar. Comecei pelas aulas de catecismo. Fui para a igreja ainda cheirando a leite e ansioso em portar o leque da bem-aventurança, amealhar as graças dos céus. Estava alfabetizado e o primeiro livro de orações me foi colocado como um passaporte definitivo ao esplendor divino. A capa do livro ainda se mantém viva em minha memória: a figura de uma divindade com um livro aberto, cheio de ensinamentos, e duas crianças ajoelhadas sedentas do Pai, do Filho e do Espírito Santo e, logo abaixo, o nome em letras cadenciadas *O Meu Catecismo*.

O manual do catecismo era categórico. Qualquer transgressão era punida, pelas labaredas do purgatório ou pelas chamas ardentes do fogo do inferno. Satanás aparecia nas ilustrações com grandes chifres e um enorme espeto vermelho de brasas incandescentes ao encalço dos pecados acometidos. Espetava as almas perdidas com seus grilhões intumescentes.

Em casa, sentia que meus pais continuavam com os temores de um mundo atribulado e cheio de armadilhas pecaminosas. Tentavam me tosquiar de toda sorte de caminhos do mal, mas chega uma hora em que as divergências beiram a racionalidade perdida. É tudo uma questão de tempo e de evolução.

Chegou o grande dia. Fiz a primeira comunhão com uma única foto (retratista MAJURA) que ainda hoje tenho guardada no meu álbum de grandes acontecimentos. Perfilado estou com uma roupa toda branca, as mãos postas em sinal de obediência, cabelo raspado nas laterais. O Crisma veio anos depois como salvo-conduto na escalada das primícias celestiais e com uma nova foto MAJURA ao lado do bispo Dom Valfrido.

Encontrava-me pronto para enfrentar as atribulações do purgatório e do inferno. Mas, como isso não é uma receita de bolo, os desejos e as provocações do mundo expiatório me fizeram progressos ao longo da vida. Meus pais clamariam no presente aos anjos e serafins para me colocar na estrada correta da vida. Ainda bem que a voz da educação sólida me puxou à estrada menos sangrenta.

E o inferno, será que virou borralho em minha mente? De forma alguma. Nenhum anjo guardião foi forte o suficiente para manter o fogo do inferno afastado de mim. Só que agora vejo o inferno de uma outra forma. Percebo que o sentimento em “ser leal” sem prejudicar a terceiros é a forma mais natural em alcançar as primícias dos céus, digo, é o meio mais eficaz em afastar o demônio com seus chifres curvos e seu espeto vermelho de brasas incandescentes.

O que me restou de tudo isso foi o direcionamento ao caminho do bem, sem traumas. Meus pais respiram aliviados na eternidade, as fotos do retratista MAJURA estão bem conservadas em meu poder e o demônio pintado no catecismo me penitencia todas as vezes que me afasto dos ensinamentos daquela apostila imaculada e assustadora: *O Meu Catecismo*.



O CAFÉ QUE NÃO ERA NICE



Foto: Arquivo Motinha e Vicente J. Rodrigues.

Se na semana o movimento era pequeno, o domingo compensava devido ao grande ajuntamento das pessoas conhecidas. O sol de outubro esturricava a terra graciosa. E a vida tomava um fôlego de nadador iniciante, ao despontar de um dia marcado pelo respirar ofegante de rostos mascarados de prazer e de sorrisos fáceis.

As pessoas, em um desenfreado vai e vem em redor do Mercado Público, sorriam gratuitamente, respirando o ar brejeiro vindo das palhas de carnaúba da lagoa da Dona Benedita. Em cada esquina, os cumprimentos se alongavam e o bate-papo se estendia até esgotar o repositório das novidades semanais. Se é que se esgotavam.

Havia pontos de parada obrigatória. E essa obrigatoriedade se fazia espontânea. E como fazia! Os rostos desfigurados de novidades tomavam ares espantados nas conversas informais e cheias de bisbilhotices. Havia um clima do inesperado, talvez o único momento da semana em que as coisas realmente aconteciam.

Logo após a missa na Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário, o Mercado transforma-se no doce aconchego do lar.

Voltas circulares e a esperança pulsa com o gosto do arroz doce ou até mesmo com as figuras cativas dos pés de balcão, esquecidos. E nesse burburinho abrasador, o café do Seu Joaquinção brota um oásis aconchegante. A simpatia dos anfitriões, dele e de Dona Mariquinha, alberga os mais diversos clientes domingueiros. Parada obrigatória.

As portas de madeira pintadas de azul celeste rangiam ao sabor do vento vindo do Aracati. As paredes quase sem cor lembravam a fotografia de um peito vazio: incolor por fora e vermelho tinto por dentro. Uma mesa quadrada e seis tamboretos, todos sem nenhuma pintura, faziam parte do mobiliário externo ao balcão, esse em madeira de pau-branco e um forro de fórmica prensada. Uma toalha marrom bordada rendia graças a um plástico grosso e impermeável e ambos mascaravam a mesa sedutora. Estava a postos, à espera dos fregueses habituais. Do outro lado do balcão, os acessórios de uma cozinha planejada: painéis, cuscuzeira, assadeira, um fogão quatro bocas esverdeado Continental e um fogareiro de barro comprado na feira do seu Augusto Loicêro. Uma pequena estante realçava a porta lateral e continha duas gavetas média, sem que o dinheiro obtido era depositado. Havia uma porta de acesso ao centro do comércio local. Era ali a galeria do Mercado Público.

O Mercado permanecia vigilante o dia inteiro. Quatro grandes portões nas laterais abraçavam a comunidade com um sorriso materno e engoliam as histórias de dor, sofrimento e alegria dos filhos que se confundiam como se pertencessem à mesma família. Era o destino secular de tantos segredos guardados a sete chaves e nunca revelados. Tudo que ali era dito e visto, ali mesmo ficava enterrado como um pacto de morte e de vida. Morte ninguém se atrevia lembrar. Vida, sim. Vida que saltitava suor e saliva da clientela do café no entra e sai dos anônimos cheios de memórias e cronologias.

Virado para o norte, sem vitrolão de ficha nem música ambiente, mesmo assim o café aninhava os nômades da rua. Ali, o bate-papo rompia tarde adentro. E a conversa não tinha certidão de nascimento nem impressão digital. O café era de todos.

Logo cedinho o aroma esvoaçava nas adjacências, ajudado pelo vento gaiato como em ondas, a espraiair uma fragrância suprema.

Além do café tradicional, saía também o café com leite, tapioca, cuscuz, broa de milho, bolo mole, pão e maria maluca. Pouco a pouco, o café se tornava palco das últimas novidades e das figuras mais pitorescas que alegravam o círculo das discussões mais acaloradas.

Edgar já fez a entrega diária das broas. Antônio Cocada também cumpriu a tarefa aromática no repasse do bolo mole e das marias malucas. E o café, dengoso em essência, ria e escutava ao mesmo tempo em que as xícaras e os copos se espalhavam por cima do balcão.

De repente, entra o Catita e logo após o Doinha. Os dois vinham direto de uma bebedeira lá pelas bandas do rio Acaraú. Estavam



numa ressaca daquelas. Tomaram um café puro, arregalaram os olhos mal dormidos, espreguiçaram os braços rumo aos céus e iniciaram uma conversa para alegrar os clientes já devidamente instalados. Doinha ainda teve tempo para fazer reverência ao Raimundo Grepe, que acabava de abastecer de água o pote obtuso e roxo que se escondia incógnito por trás da porta.

Catita pergunta a Doinha:

– Vosmicê sabe a diferença entre o rico e o pobre?

Doinha pensou com seus botões, afiou o improviso, riu um risinho debochado, balançou a cabeça como a pedir inspiração divina, e disse, meio ressabiado, porém com alegria estampada pela resposta instantânea:

– “O rico bebe uísque Drurys e paga pra consumir, o pobre bebe pinga de graça e ganha pra engolir”. “Bunda de rico tem ânus coberto por pão de ló e lavado com água do Acaraú, bunda de pobre tem o dito cujo nu de fazer dó e aseado com sabugo até ficar azul...”

Todos caíam no riso. A Biruta que passava ignorada abriu uma risada contida e pediu bis. O Leriano, a Copita, a Colozinha, o Luís Doido, a dona Osória, o Luiz Malaquias, aplaudiam com as mãos desajeitadas, mas cheias de significado e bom humor.

Catita, meio desajeitado, ensaiou uma réplica, ao tempo em que Doinha puxou a conversa para si:

– “Eu bebo porque posso/ Rico de fé, vivo num luxo/ A água pinga na torneira/ E a pinga pinga no bucho”.

A gargalhada vinha em geral. Alguns pediam mais versos e Doinha, a seu modo, virava estrela por poucas horas. E não faltava o patrocínio de um café esperto. A pinga, ah! A velha branquinha podia esperar para mais tarde no bar do Seu Júlio Melo.

E assim, o café que não era Nice, era do Seu Joaquinzão, era de todos e era um pedacinho do céu.



O PALHAÇO



Vai, vai, vai começar a brincadeira

Tem charanga tocando a noite inteira...

Em uma noite estrelada/ o grande Circo Imperial/ Anuncia sua estreia/ lá pras bandas do Salão Paroquial

Chega a hora da magia/ ver a jaula do leão/ mas a grande alegria/ é o palhaço Chicharrão

Respeitável público amado/ o circo é a arte de amar e viver/ no circo o amor é herdado/ corre nas veias da lona a vida e o morrer

O picadeiro ilumina/ cortina abre a sedução/ cachorrinho se equilibra na bola/ cavalinho faz piruetas no chão

Mágicos, acrobatas, contorcionistas/ numa performance sem igual/ mas a plateia vibra mesmo/ com o palhaço imortal

Depois de uma apresentação/ a galera aplaude e grita bis/ espera ansiosamente/ o retorno do arlequim dos trejeitos infantis

E numa espera ansiada/ a cortina fecha de repente/ o apresentador fala ao público/ numa voz intermitente

Sinto muito anunciar/ a morte de Chicharrão/ o palhaço das multidões/ não aguentou seu coração

A música para/ o silêncio ensurdece/ eis que no picadeiro/ uma criança aparece

Sou filho de Chicharrão/ tenho nove anos de idade/ o show tem de continuar/ sou o palhaço Paçoca/ Chicharrão Cara Metade

E em meio a dor da perda/ Paçoca dá cambalhota/ finge alegria que não existe/ se contorce fazendo um jota

A multidão em delírio/ chora e ovaciona/ e o pequenino Paçoca/ saltita por cima da lona

E assim Paçoca diz/ palhaço tem nervos de aço/ numa voz bem impostada/ alegria! alegria! / mesmo que a alma esteja em pedaço

Assim é a vida do palhaço, / insinuo pra todo mundo saber/ mesmo no sofrimento/ o palhaço não tem o direito de sofrer

MISSA SOLENE

Monsenhor Raimundo Cleano Tavares Moreira – Vigário em Groaíras Ceará
por quase 50 anos



Arquivo: Motinha.

O calor beirava os 40 graus.

A Rua Marcolino Olavo parecia um deserto escaldante. As portas todas trancadas e os corações dentro delas pulsavam junto às batidas do imponente relógio cuco no centro da sala. Era meio-dia.

O pequeno morador do número 920 deixou a mochila de plástico sobre a mesa da sala após um dia de aulas exaustivas. O cansaço ferrenho solicitava o aconchego de uma vigorosa água fria de pote e de uma galinha caipira feita a capricho. Os sonhos se embaralhavam com a quantidade de tarefas escolares. Uma soneca seria bem-vinda antes da escala Celsius galgar mais alguns números ascendentes no período da tarde.

Não foi preciso muito tempo para tudo acontecer...

O céu não parecia tão abrasador assim. Algumas nuvens riscavam o azul do firmamento e faziam um balé festivo, arrastando as patas das abóbadas mais rarefeitas. Aqui e ali o vento do norte açoitava os acúmulos enevoados, formando rebanhos obedientes e bolhas prateadas no calor do sol. E o sol brilha e chora, cintila e lastima, alternando picos de esplendor e sobriedade.

Os alunos perfilados em frente ao Salão Paroquial, em seus trajes de gala, cantam o Hino Nacional, respondem à lista de presença e,

em fila indiana, caminham até a Matriz da Igreja Nossa Senhora do Rosário.

A missa daquele dia seria por demais especial. Para não dizer: “especialíssima”.

Houve um acordo entre as entidades celestes e as que ainda vagueiam nesse mundo de expiação: o terreno e o sobrenatural haviam de concorrer em estado de cumplicidade.

Seria uma legítima homenagem a todos os moradores que fizeram história e que, de alguma forma — econômica, social ou cômica — contribuíram para o desenvolvimento do povoado e graças amalhadas nos céus.

O sino da Matriz entoava a badalada festiva. Os sons se misturavam ao eco das andorinhas que bailam em espiral perturbadas pelo repouso interrompido.

A igreja ostenta ornamentos desde a nave principal até o trono religioso. Flores regionais enfeitam os bancos de madeira e margeiam um grande tapete vermelho que deságua aos pés do altar: bromélias, boa-noite, barriguda, cactos, flores-de-angico, caroá, catingueira, coroa-de-frade, flor-de-jitirana, ipê-roxo e jurema-branca.

A imagem da santa, no alto, emoldurada por belíssimas flores de mandacaru, orquídeas, begônias, camélias, tendo a sua coroa iluminada por diversos vagalumes fosforescentes. O manto azul, incrustado de diminutas estrelas de caroá, aborta a tonalidade anil para se travestir de um vermelho escarlata. O perfume que exala dessa variedade de flores silvestres deixa o ambiente imerso em excelsas fragrâncias siderais. Santa padroeira dos pobres e humilhados, braços estendidos a abençoar os filhos amados e a oferecer o lenitivo do Rosário miraculoso.

O cerimonial fora coordenado pela ilustre Cota Trajano que, com sua graça e simpatia, a todos cativava. Uma pequena tiara com pedras brilhantes a iluminar o alto da cabeça deixa o seu sorriso mais encantador e realça os olhos cor de topázio num deslumbre paradisíaco.

Os convidados e homenageados já se encontram nos seus respectivos lugares. Não há hierarquia nos assentos, tampouco classificação por mérito ou posição social. Todos são perfeitamente iguais.

No alto do coreto uma banda de música formada por anjos, arcanjos, querubins e serafins flanqueia as conhecidas cantoras Val-



quíria, Jacy, Lucimar, Rosária e Neusa. Os acordes entoam sonatas e litanias, dando início a um breve e eufórico *allegro*.

O celebrante, Monsenhor Cleano, está radiante. A batina violácea contrasta com as demais batinas de seus antecessores e que estão sentados na terceira fila. Estes usam sotainas pretas: Padre Mororó, Padre Tarcísio Melo e Padre Sancho. A liturgia está prestes a dar início, momento em que os alunos já haviam tomado assento logo atrás dos homenageados.

Monsenhor Cleano proferiu os agradecimentos iniciais e fez questão de ler os nomes de todos os agraciados ali presentes. E os fez pelo nome de guerra. Começou assim:

Parabéns e reconhecimento pela extraordinária contribuição ao progresso da comunidade da qual fizeram parte. Vocês todos, assim como eu, perecemos apenas metaforicamente, pois continuamos a pulsar nos corações da coletividade sob a ótica de um plano maior e inviolável. Somos colecionadores de sementes plantadas em terreno fértil e generoso. Olho em volta e sinto um enorme orgulho desta seara. Meus cumprimentos fraternos: Maria Craveiro, Chiquinha Craveiro, Capitão José Linhares, dona Neguinha, Raimundo Olavo, Sebastiana Saião, Mané Doido, Antica, Júlia Elisa, Raimundo Grepe, Toinha e Gerardim, Zé Rufino, Padre Mororó, Zé Carlos, Eloi Vasconcelos, Raimundo Antônio, Artur Guimarães, Chico Feijó, Padre Tarcísio Melo, Birtuta, Cesário Melo, Manoel Machado, Major Pante, Rita Cristino, Copita, Edgar das Broas, Bem-te-vi, Padre Sancho, Quirino dos Gatos, Paulo Malaquias, Nonata Lira, dona Osória, seu Leriano, Mosenhor Cleano, mestre Neco do Fole, mestre Burico, Sebastião Rafael, Coló, Doinha, Luiz Fidélis, Luiz Doido, Raimundo Jardimina, Cosme Feijão, Dr. Ximenes, Moisés Prefeito, Chico Raimundo, Cota Trajano.

Desculpou-se diante de inúmeras ausências autorizadas. — ... É que a corte celestial mantém atendimento constante em várias esferas do conhecimento e incontáveis dessas abstenções são perfeitamente justificáveis diante do benemérito trabalho praticado...

Incensos purificadores energizam a atmosfera e o rito eucarístico parece sorver e espriar a poeira almiscarada do reluzente turíbulo. Este lança sobre o ambiente minúsculos filetes odorosos e esfumaçados.

Logo após a celebração, alguns agraciados fizeram o uso da palavra.

— “Ah! Os padres, quem não aprecia essas “lindrezas”? Eles sempre adoram falar em público”, arrematou a chefe do protocolo, Dona Cota.

Padre Mororó expressou sua alegria em comungar tantas emoções com os conterrâneos laureados. Falou de sua trajetória sacerdotal e política. Em momento algum disse estar arrependido pela participação na Confederação do Equador:

— ... *faria tudo outra vez...* — ... *O meu testemunho não foi em vão. Fico feliz por ver minha terra em fase de pleno progresso. Fico mais feliz ainda por ser o mentor de tantos compatriotas que com o suor do seu rosto e a inteligência própria do nordestino brasileiro fazem a história reviver o passado, usufruir o presente e sonhar um futuro repleto de glórias. Os meus patrícios muito me honram ao elevar o nome de meu torrão natal aos píncaros do sucesso. Gratidão é tudo que consigo sentir neste momento. Agradeço pelas homenagens constantes à minha pessoa...*

Ouve-se um pipocar de fogos de artifício e o coreto entoa o Hino do Município.

Em seguida, Padre Tarcísio Melo narrou as dificuldades da época, porém ressaltou a tamanha religiosidade do povo e o desejo ardente de vencer as intempéries do clima.

Padre Sancho, por sua vez, enalteceu a comunidade e disse a grande satisfação em guiar um rebanho tão ordeiro e trabalhador,

— *...Quando aqui cheguei poucas casas erguidas e um povo sedento de esperança e de fé. Logo me adaptei às atribulações e às agruras da pastoral, mas esse mesmo povo sofrido foi capaz de mostrar também a sua obstinação e a sua fome de conhecimento e espiritualidade...*

Entre uma fala e outra, a orquestra entoa cânticos bíblicos em acordes harmoniosos e acompanhados em conjunto pela majestosa harpa angelical. Som inebriante e dedilhado, impossível de traduzir em palavras esse intenso poder de fascinação.

Ouve-se em rompantes orquestrados o cântico das ladainhas à Nossa Senhora. As cantoras, Lucimar e Rosária, ensaiam um som grave de frequência suave, ao mesmo tempo em que Valquíria, Jacy e Neusa emitem um timbre agudo e rouco que encanta os fiéis embevecidos.

Os cumprimentos efusivos alastram-se pelos corredores e arcos da nave principal. Cada participante da solenidade porta uma vela acesa que nunca se apaga.

Monsenhor Cleano explica o significado da chama inextinguível:

— *Esta chama representa a presença constante do Cordeiro de Deus. É luz que não cessa. É fogo que não desfalece.*



O espírito de educador e mestre está marcado para sempre como característica principal de sua personalidade.

E assim, o evento progride e espalha o calor efusivo de tamanha congratulação.

Vê-se com clareza a bênção divina estampada em cada rosto e uma enorme paz propaga eflúvios balsâmicos por todo o templo do campanário.

A música flui em estágios regidamente coordenados: sonora em momentos de relaxamento e efusiva em momentos de euforia.

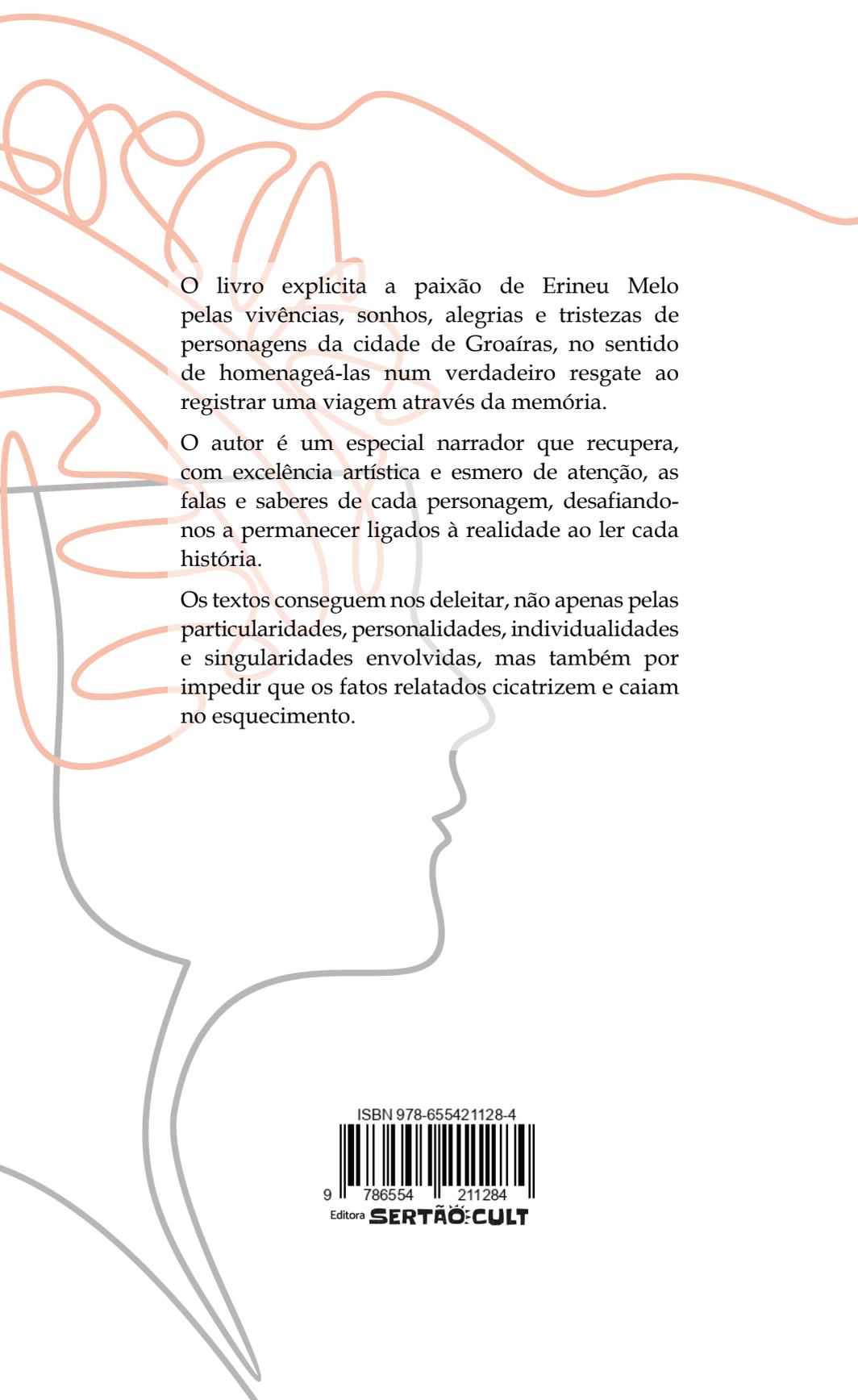
E num desses momentos de flagrante veemência, o garoto da rua Marcolino Olavo, 920, desperta para realizar suas atividades escolares. Eram duas horas da tarde. Calor de 42 graus Celsius.



Editora
**SER
TÃO
CULT**
10 anos

Este livro foi composto em fonte Book Antiqua, impresso no formato 14 x 23 cm em Pólen natural 80g/m², com 142 páginas e em e-book formato pdf.

Abril de 2024.



O livro explicita a paixão de Erineu Melo pelas vivências, sonhos, alegrias e tristezas de personagens da cidade de Groaíras, no sentido de homenageá-las num verdadeiro resgate ao registrar uma viagem através da memória.

O autor é um especial narrador que recupera, com excelência artística e esmero de atenção, as falas e saberes de cada personagem, desafiando-nos a permanecer ligados à realidade ao ler cada história.

Os textos conseguem nos deleitar, não apenas pelas particularidades, personalidades, individualidades e singularidades envolvidas, mas também por impedir que os fatos relatados cicatrizem e caiam no esquecimento.

ISBN 978-655421128-4



9

786554

211284

Editora **SERTÃO:CULT**